

COMUNICAÇÕES BREVES

DEPRESSÃO E ENFERMIDADE PSÍQUICA SEGUNDO SÃO TOMÁS DE AQUINO

ÁREA TEMÁTICA: SAÚDE

Talitha Calvet Facundes (talithafacundes@gmail.com)

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Resumo. Com o advento do pensamento moderno, houve a depreciação das correntes filosóficas que, séculos antes do surgimento da Psicologia Científica, já tratavam do “estudo da alma” (“psicologia” traduzida literalmente, do grego psychè: alma e logia: estudo – havia, além do psicossomático, a preocupação com a alma ou espírito). Como consequência, as contribuições filosóficas para a Psicologia Moderna foram desdenhadas e o aspecto transcendental do homem, fora esquecido. No presente trabalho, portanto, objetivando resgatar e apresentar as contribuições da Filosofia Clássica para o entendimento da enfermidade psíquica e depressão, é feito um estudo com base na obra de São Tomás de Aquino. A metodologia utilizada neste trabalho será a pesquisa bibliográfica, com o objetivo geral já mencionado acima e tendo como objetivos específicos: apresentar alguns dos principais conceitos da psicologia tomista, expor as semelhanças entre o pensamento de São Tomás e Viktor Frankl, e fomentar o estudo da psicologia tomista dentro da Logoterapia. A enfermidade, segundo São Tomás, consiste num hábito entitativo e o enfermar, uma paixão, isto é, o primeiro consiste numa qualidade que afeta diretamente a substância (o indivíduo) (Millan-Puelles, 2002), e o segundo, numa modificação, uma transformação que o indivíduo pode sofrer (Gardeil, 2013). Há de se considerar ainda, dois aspectos importantes: a) a enfermidade despoja o organismo de sua disposição natural; b) um agente, quando patógeno, produz modificações que retiram o paciente da sua disposição natural (Echavarría, 2008). Assim, o enfermo padece de uma enfermidade não apenas porque essa lhe faz sofrer – posto que seja possível haver enfermidade sem sofrimento – mas também porque o agente patógeno o remove de sua ordem natural. Tratando-se do adoecimento psíquico, São Tomás considera um tipo específico de vício, o qual ele chama aegritudo animalis – literalmente “enfermidade psíquica” (Echavarría, 2013). Segundo São Tomás, haveria três grandes causas para a aegritudo animalis: a ausência de boas leis, o que propicia costumes perversos; as enfermidades físicas e os grandes “traumas” afetivos (como a perda dos entes queridos) que podem levar o indivíduo a condutas bestiais (os transtornos psicogênicos); o progresso na malícia, que são desordens na conduta do homem (vícios, na linguagem tomista) (Echavarría, 2013). São Tomás, assim como Frankl (1991) posteriormente, afirma que a motivação primária do homem é a vontade de sentido, a busca por algo fora dele, de algo que transcende; na linguagem tomista, do Bem. A tristeza e a dor não necessariamente consistem numa enfermidade, mas apenas quando são contrárias ao Bem, tal como veremos adiante, e é esta última condição que ocasiona o adoecimento. A tristeza, segundo São Tomás (1981) será boa sempre que esta direcionar o indivíduo ao Bem que perdeu, isto é, quando o ato de se entristecer seja decorrente da perda do Bem e adquira um caráter de “contrição”, isto é, de profundo arrependimento e propósito de retornar ao Bem. Quando, porém, o que se perde – ou o que se busca – é um

bem aparente, como que um lobo vestido em pele de cordeiro, tem-se a tristeza ruim. Cabe neste estudo acrescentar ainda o sentido que se pode dar à tristeza e sofrimento segundo a visão de Frankl (2001 citado em Fizzotti, 2012), o qual afirma que tal circunstancia “não é simplesmente uma possibilidade qualquer, mas a possibilidade de realizar o valor supremo, a oportunidade de dar plenitude ao significado mais profundo da vida”. Considerando que a enfermidade provém de uma saída do homem ao que lhe é natural e que está relacionado ao Bem e que a ausência desse Bem, gera a tristeza, São Tomás (1981) aponta algumas causas para a tristeza ruim. A primeira está relacionada à perda dos bens temporais, que incluem bens materiais, entes queridos ou ocupações (Suma Teológica, I-II, q. 36, a. 1.). A segunda diz respeito à concupiscência, a tristeza proveniente de um desejo não realizado, “na medida em que nos contristamos com a tardança ou a total eliminação do bem desejado. Não pode porém ser a causa universal da dor, porque nos entristecemos mais com a perda dos bens presentes, com os quais já nos deleitamos, que com a dos futuros que desejamos” (Suma Teológica, I-II, q. 36, a. 2.). A terceira, fazendo referência a Santo Agostinho (1995), está relacionada ao prazer em si mesmo, ao desejo desordenado por prazer, a um pseudo-amor-próprio que destrói o indivíduo, como por exemplo, um indivíduo que deseja de tal forma se “fazer bem”, que almeja tanto uma sensação prazerosa, que passa a consumir bebidas alcoólicas exageradamente em busca desta satisfação, mas acaba por cair num vício que o destrói; ou mesmo de uma jovem que se sente bem ao usar produtos de beleza e acessórios, mas se torna escrava da estética e da moda. É fácil perceber nestes casos que o mal não está relacionado à bebida ou à moda, mas à busca de um prazer desordenado, de um falso bem, que leva o indivíduo à tristeza e até mesmo ao vazio existencial explicado pela Logoterapia. São Tomás conclui que a tristeza, de todas as paixões da alma, é a mais nociva ao corpo, pois se grave, afeta o movimento dos membros e a disposição do indivíduo (Suma Teológica, I-II, q. 37, a. 4.). Apesar disso e embora sendo essencialmente má, ele apresenta a tristeza como possibilidade de impelir o indivíduo a buscar – na linguagem frankliana – valores atitudinais: “Se porém a violência do mal contristante não for de molde a eliminar a esperança de nos livrarmos dele, embora produza o gravame do ânimo, impedindo-lhe a posse atual do que quer, contudo permanece o movimento para repelir esse mal” (Suma Teológica, I-II, q. 37, a. 2.). E criacionais: “A tristeza moderada, exclusiva da evagação da alma, pode ser útil para adquirirmos a ciência; e principalmente daquilo pelo que esperamos nos libertar da tristeza.” (Suma Teológica, I-II, q. 37, a. 1.). Há em São Tomás tanto semelhanças com a Logoterapia, quanto aspectos inéditos que contribuem para a formação e trabalho do logoterapeuta, não apenas no campo da Depressão ou área clínica, mas em todas as demais aegritudo animalis e também em outros campos da Psicologia, que este trabalho não pode conter. Enxergar a depressão e a enfermidade psíquica sob o olhar do Aquinate concede ao terapeuta uma visão mais apurada sobre o adoecimento e o indivíduo que adoece e propicia novas formas de trabalho e intervenção – como o exercício das virtudes como remédio para transtornos depressivos –, unindo assim a sabedoria extraordinária do doutor angélico à mais completa teoria psicológica sobre o homem, a teoria do espírito e do sentido.

REFERÊNCIAS

Agostinho (1995). *In epistolam Iohannis ad Parthos*, II, 11: PL 35.

Aquino, T. (1981). *Suma teológica I-II*. Edições Loyola.

Echavarría, M. F. (2013). *A enfermidade psíquica (aegritudo animalis) segundo Santo Tomás*, trad. br. por Allan L. Dos Santos, Ferndale, MI.

Echavarría, M. F. (2008). Las enfermedades mentales según Tomás de Aquino (I) Sobre el concepto de enfermedad. *Scripta mediaevalia*: revista de pensamiento medieval, (1), pp. 91-116.

Frankl, V. E. (1991). *Em busca de sentido*. São Paulo: Vozes.

Fizzotti, E. (2012). *O desafio do sofrimento segundo o pensar de Viktor Frankl*. Disponível em:

<https://pt.zenit.org/articles/o-desafio-do-sofrimento-segundo-o-pensar-de-viktor-frankl/>. Acesso em 02 de maio de 2016.

Gardeil, H. (2013). *Iniciação à filosofia de São Tomás de Aquino*: psicologia, metafísica. São Paulo: Paulus.

Millan-Puelles, A. (2002). *Léxico filosófico*. Madrid: Rialp.

DO LIXO A UM SENTIDO PARA A VIDA

ÁREA TEMÁTICA: PSICOTERAPIA

Maria Adília Ramos de Castro (adiliadecastro@yahoo.com.br)

Resumo. Através do relato de um caso clínico, este trabalho objetivo mostrar que o vínculo terapeuta-cliente é facilitador da compreensão diagnóstica da cliente por parte do psicoterapeuta e por parte da própria cliente. Para ela, este diagnóstico compreensivo permitiu-lhe encontrar a si, sua vida e seus significados existenciais. O embasamento teórico de Carl Rogers (2001) que propôs compreensões da relação terapêutica a partir da aceitação positiva incondicional, empatia e congruência, e as noções de Viktor Frankl (1991) para logoterapia, cuja tarefa é ajudar o cliente a encontrar o sentido de sua vida, foram as bases para este atendimento. O método fenomenológico-existencial propostos por Moreira (2007), com inspiração na filosofia fenomenológica de Husserl e Merleau-Ponty foram o ponto de encontro entre essas duas abordagens. O tipo de relação terapêutica proposta por Carl Rogers permite que o psicoterapeuta acompanhe o paciente ao seu lado, ajudando-o a encontrar o sentido de sua vida, como propõe Frankl (2011). Para Frankl, o homem sempre aponta para algo além de si mesmo, para algo que não é ele mesmo, e, por conseguinte, ele realiza a si mesmo quando se esquece de si, uma visão transcendental. Este sentido existe em todas as situações de sua existência, inclusive no sofrimento, na culpa e na morte. Assim sendo, as neuroses podem ser um conflito entre a consciência em uma crise existencial. A paciente deste caso clínico é A.L., 29 anos, operadora de telemarketing, de família pobre, com diagnóstico médico de traços esquizoides. A.L é jovem e bonita e foi encaminhada para mim, depois de atendimento clínico com uma colega psicoterapeuta que precisava ausentar-se da cidade. Referiram-me sobre ela como “um caso muito difícil” (sic.). As sessões iniciais comigo eram repletas de agressividade reativa, que deixava temor até na atendente da clínica. Possuía aspecto tenso e hostil, mas vestindo-se de forma aseada e discreta. À minha tentativa de acolhimento ainda na sala de espera, ela agia bruscamente em direção ao consultório, onde sentava-se de pernas fechadas e com as mãos ao meio, e me fitava, parecendo avaliar-me. Neste período, ela era atendida 2 vezes por semana. Durante a sessão, A.L. falava pouco e baixo. Em uma sessão, chegou a silenciar por 40 minutos. Compreendi que ela reproduzia comigo o seu modo de ser no mundo, inexpressiva através de palavras. Em outra sessão, chorou durante todo o tempo cobrindo o rosto com as mãos, e depois me contou que não queria fitar-me “porque não quero gostar de você” (sic.). Neste momento, percebi que ela não tinha um

embotamento afetivo característico do diagnóstico que ela carregava. Era bem verdade que ela tinha dificuldades de estar presentemente comigo e de comunicar-se, mas expressava-se emocionalmente por meio de gestos e lágrimas. Sua resistência dificultou a formação de vínculo, mas eu permaneci investindo na sua direção, rumo à ela e à sua história. Eu suspeitei deste vínculo, mas percebi que ele existia pois, depois de 8 meses, ela sempre havia sido assídua e pontual, mesmo com empecilhos práticos como chuva e dificuldades de transporte. Quando começou a falar de si, dizia sentir-se um lixo. Eu compreendi que este lixo significava um vazio de sentido. Referia ódio da mãe e não considerava que tinha uma família, ou seja, mostrava-me mais sentimento e emoção. Nosso vínculo estava forte e ela se deixava conhecer. Comecei a apreendê-la como pessoa e ela, pouco a pouco, relatou fatos de extrema relevância na sua vida, suas transformações e sofrimentos. Foi com bastante paciência e extrema disposição que fui entrando na sua vida e ela me foi permitindo fazer parte dela. Havia em mim a certeza de que naquela jovem havia muita vida reprimida e escondida. Ela chegou a dizer-me que gostava mais de seus cachorros do que de mim. Mesmo assim, eu disse-lhe inúmeras vezes que estava ali para ouvi-la e caminhar com ela nesse percurso e percebi que ela foi acreditando, embora me testasse com relação a esse vínculo constantemente. Eu me questionava se sua repulsa a mim se tratava de uma questão de personalidade ou uma defesa emocional. Assim, seu diagnóstico médico de “traços esquizoides” foi sendo para mim desconstruído, pois o vínculo permitiu-me compreender em que experiências seus sintomas se enraizavam, e eles pareciam-me mais relacionados com traços de humor do que de personalidade. Este vínculo terapeuta-cliente foi o campo de possibilidade para que eu me aproximasse deste diagnóstico, compreendesse-o e contestasse-o. Ela também percebeu o vínculo terapeuta-cliente e passou a confiar em mim, no setting terapêutico e mais ainda, confiar no processo psicoterápico. Ela passou a ter relatos mais organizados, e suas dores não se escondiam mais, sendo narradas com fidelidade. Percebi que a paciente começava a se estruturar e juntar seus pedaços, a fim de se tornar inteira. Disse-me que compreendeu que as pessoas e as condições exteriores não tem o poder de destinar sua vida, mas ela mesma, através de novas escolhas. Conseguiu perdoar a mãe, entrou pra faculdade e começou a realizar sonhos. Até passa momentos agradáveis na presença da família e ela própria se surpreende com isto. Fez amizades e namora. Está em processo de alta e numa sessão, afirmou: “Eu nem sabia que tinha uma vida e agora posso escolher como vivê-la”. Atualmente, vai ao consultório alegre e solta. Depois que ela parou de se defender do mundo e percebeu que ela poderia criar vínculos com o Outro e confiar nele, encontrou um sentido para sua vida.

REFERÊNCIAS

- Rogers, C. R. (2001). *Tornar-se Pessoa*. Trad. Manuel Ferreira e Alvamar Lamparelli. São Paulo: Fontes.
- Frankl, V. E. (1991). *Em Busca de Sentido*. Trad. Walter s. e Carlos A. Petrópolis: Vozes.
- Frankl, V. E. (2005). *Um Sentido para a Vida*. Trad. Vitor Lapenta. Aparecida, São Paulo: Ideias e Letras.
- Frankl, V. E. (2011). *A Vontade de Sentido: fundamentos e aplicações da Logoterapia*. Trad. Ivo Pereira. São Paulo: Paulus.
- Frankl, V. E. (2015). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido: caminhos para encontrar a razão de viver*. Trad. Karleno Bocarro. São Paulo: É Realizações.
- Moreira, V. (2007). *De Carl Rogers à Merleau-Ponty: a pessoa mundana em psicoterapia*. São Paulo: Annablume.

Moreira, V. (2009). *Clínica Humanista-Fenomenológica: estudos em psicoterapia e psicopatologia crítica*. São Paulo: Annablume.

TÉCNICAS DA LOGOTERAPIA: AUTODISTANCIAMENTO E AUTOTRASCENDÊNCIA COMO FUNDAMENTOS PRÁTICOS

ÁREA TEMÁTICA: PSICOTERAPIA

Karen Guedes Oliveira (karen_costaguedes@hotmail.com)

Universidade Federal da Paraíba

Valdiney Veloso Gouveia - vvgouveia@gmail.com

Universidade Federal da Paraíba

Thiago Medeiros Cavalcanti - thiagomcavalcantii@gmail.com

Universidade Federal da Paraíba

Resumo. Esse estudo tem como objetivo geral abordar as técnicas utilizadas na Logoterapia e sua aplicabilidade. Consiste em uma pesquisa teórica, de revisão da literatura, de cunho descritivo e exploratório. Foram utilizadas as obras de Frankl, Lukas, Ortiz, dentre outros autores no contexto da Logoterapia e Análise Existencial. Os recursos noológicos são características antropológicas básicas da existência humana, dentre eles destacam-se o autodistanciamento e autotranscendência. O primeiro corresponde à capacidade especificamente humana de tomar distância de si mesmo, de monitorar e controlar os próprios processos emotivo-cognitivos. O segundo consiste no pressuposto de que a sobrevivência depende da capacidade de orientar a própria vida em direção a um “para quê” ou “para quem”, isto é, a capacidade de transcender o próprio eu. Diante da explanação desses dois conceitos, apresentam-se as principais técnicas da Logoterapia, quais sejam: o diálogo socrático, a intenção paradoxal, a derreflexão, a técnica do denominador comum e a modulação de atitudes. O diálogo socrático consiste na discussão sobre o autoconhecimento, permitindo ao paciente entrar em contato com seu inconsciente noético, seu potencial humano e a direção que ele pretende dar à própria existência. Ortiz (2012) aponta quatro papéis importantes do diálogo socrático: 1) Afasta o paciente do seu problema (funciona como derreflexão); 2) Ajuda a assumir novas atitudes; 3) Alerta para o fato de ter vencido os sintomas e 4) Capacita o terapeuta e o paciente a encontrarem o sentido vital. Além do diálogo socrático, existe a técnica da intenção paradoxal, a qual foi elaborada por Frankl e publicada pela primeira vez em 1939, é indicada principalmente para tratamento da neurose de angústia e neurose obsessivo-compulsiva, tem como objetivo encorajar o paciente a fazer ou desejar que aconteçam as coisas que ele teme, é indicada para interromper expectativas negativas e colocar esperança no lugar do medo. Visto que quanto mais os pacientes lutam (fuga do medo), mais fortes se tornam os sintomas, este fato é explicado pelo que Frankl (2003) denominou de ansiedade antecipatória, ou seja, uma temerosa

expectativa da ocorrência de um acontecimento faz com que o sintoma produza a fobia e esta, por sua vez, reforce o sintoma que novamente passa a confirmar a fobia. E por meio da intenção paradoxal, o medo patogênico é substituído por um desejo paradoxal, a ansiedade antecipatória perde força e expressa a capacidade de autodistanciamento. Ela deve ser sempre formulada da maneira mais bem humorada possível. Cabe ressaltar a consideração que o logoterapeuta deve ter a ciência de que todo e qualquer método de psicoterapia não se aplica a todo paciente com o mesmo grau de sucesso e que nem todo terapeuta é capaz de manejar cada método com o mesmo grau de habilidade. A intenção paradoxal é contra indicada nos casos de depressão psicótica e potencial suicida. A terceira técnica é a derreflexão, a qual decorre da capacidade de autotranscendência do ser humano, sua principal indicação é nos casos de neuroses sexuais (frigidez ou impotência). Ela pode ser explicada da seguinte forma: o desempenho e satisfação sexuais se prejudicam ao se tornarem objeto de atenção ou de intenção excessiva e a derreflexão pode ser usada para remover o caráter de autocobrança excessiva que o paciente impõe à relação sexual, Como uma tentativa de deslocar a atenção do paciente que está preocupado com a sua “doença” para alguma outra coisa mais importante e mais significativa de sua vida. A referida técnica consiste em ignorar-se a si mesmo, ao invés de buscar potência e orgasmo, o paciente deve procurar ser ele mesmo, ao invés de observar e vigiar a si mesmo, deveria esquecer-se de si. A derreflexão atua rompendo o círculo da hiperintenção que agrava a hiperreflexão em um contínuo processo de busca obsessiva de se conseguir o prazer. Sumariando essas duas últimas técnicas supracitadas, a intenção paradoxal capacita o homem para ironizar os sintomas e funciona como uma “alavanca”, indicada para quebrar um mundo constituído de medos irracionais. Já a derreflexão capacita o homem para ignorar os sintomas e funciona como um “binóculo”, apropriado para colocar novamente em foco um mundo que perdemos de vista, por excesso de auto-observação. A quarta técnica que abordamos nesse estudo é a técnica do Denominador Comum, que é norteada com o questionamento “Qual é o melhor caminho a ser tomado”? Ela objetiva trazer uma resposta a dificuldades (separações conjugais, aborto, mudanças, casamento...) e constitui-se em uma avaliação minuciosa sobre quais as perdas e quais os ganhos; utiliza-se para um aparente conflito valorativo. A técnica ajuda na clarificação dos valores e aponta para a responsabilidade, objetivando ampliar todas as possibilidades e elencar as principais pessoas envolvidas na decisão do cliente. E, por fim, abordamos a técnica de Modulação de Atitudes (Lukas, 1990), a qual é indicada para transformar até acusações amargas e ódio em reconciliação e aceitação, a partir da correção de atitudes, a pessoa reconquista seu princípio de ação, tirando-a da apatia e resignação e devolvendo-a à vida, além de proporcionar uma ampliação da visão, isto é, o terapeuta como catalisador das possibilidades de realização de sentido latentes em todo ser humano. É indicada para neuroses noogênicas e nas situações da tríade do vazio existencial (agressão, depressão - suicídio e drogadição). Diante das considerações tecidas, cabe destacar as perspectivas atuais da aplicabilidade da Logoterapia, tais como a preventiva (prevenção do vazio existencial), onde ressalta-se a responsabilidade do ser humano (Aquino, 2011) e o Cognitivismo Existencial (Pacciolla, 2014), que evidencia em que medida o estilo de vida e de personalidade se relacionam com a percepção do sentido na vida do paciente. Como considerações finais, destaca-se uma das maiores preocupações de Frankl (2011), ao afirmar que o que tem mais significado na terapia não são as técnicas, mas, sim, o tipo de relação humana que se estabelece entre o terapeuta e o paciente, isto é, a questão do encontro pessoal e existencial. Cabe ressaltar as principais características do manejo do logoterapeuta: introduzir mais efeitos catalisadores no diálogo; considerar as possibilidades individuais; desafiar todo o potencial espiritual do paciente e a ampliação dos horizontes de sentido.

REFERÊNCIAS

- Aquino, T. A. A. (2001). Avaliação de uma Proposta de Prevenção do Vazio Existencial com Adolescentes. *Revista Psicologia: ciência e profissão*, 31(1), pp.146-159.
- Frankl, V. E. (2003). *Psicoterapia e Sentido da Vida: fundamentos da Logoterapia e análise existencial*. São Paulo: Quadrante.
- Frankl, V. E. (2011). *A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia*. São Paulo: Paulus.
- Lukas, E. (1990). *Mentalização e Saúde: a arte de viver e Logoterapia*. Petrópolis: Vozes.
- Ortiz, E. M. (2012). *El Diálogo Socrático em la Psicoterapia*. Bogotá: SAPS.
- Pacciolla, A. (2014). Logoterapia e psicoterapia: possibilidades e desafios do cognitivismo existencial. *Revista Logos e Existência*, 3(2), pp.119-136.

UM OLHAR DA LOGOTERAPIA PARA PACIENTES TERMINAIS

ÁREA TEMÁTICA: SAÚDE

Caroline França Madeira (carolinepoupette@gmail.com)

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Francisca Pereira da Cruz Zubicueta (franciscapcruz@hotmail.com)

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Resumo. O homem passa considerável parte de sua vida sem pensar na sua finitude. A morte é vista como algo distante, reservada aos idosos e muitos carregam a esperança de que um dia o homem irá descobrir a cura para todos os males e se tornar imortal. Ao se deparar com uma doença terminal, e se verem diante da sua finitude, muitos pacientes já esgotaram seus esforços físicos e psíquicos e passam a não mais enxergarem sentido nas suas vidas. De acordo com Gutierrez (2001), pacientes terminais são aqueles aos quais se esgotam as possibilidades de resgate das condições de saúde e a possibilidade da morte próxima parece inevitável e previsível, é aquele que se percebe caminhando para morte sem que consiga reverter esse caminhar. Para Viktor Emil Frankl (1989), fundador da Logoterapia, o ser humano pode encontrar sentido na vida mesmo ante a finita existência humana, por que é ele quem constrói a própria realidade por meio das oportunidades de criar, experienciar e sofrer com sentido pleno. Para a Logoterapia, o sentido da vida está sempre disponível para o ser humano, independentemente da situação em que se encontra o indivíduo, mesmo na doença e no fracasso (Kroeff, 2014). Ao falar sobre a tríade trágica, atitudes significantes diante da dor, da culpa e da morte, Frankl (2011) traz que o sofrimento só deixará de ser sofrimento no momento que o homem encontrar sentido em vivenciá-lo. O objetivo deste estudo foi analisar a possibilidade de realização de sentido, mesmo diante da morte iminente, a partir da perspectiva da Logoterapia e Análise Existencial. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de caráter exploratório, com levantamento, leitura e análise da literatura, referente à Psicologia Hospitalar e a abordagem

psicológica Logoterapia e Análise Existencial, voltada para o paciente terminal. A ideia e a vontade de discorrer sobre pacientes em estado terminal surgiu a partir das considerações acima, na qual me deparei com a questão de “como dar sentido à vida diante de um sofrimento que não se pode mudar?” O que se observa em pacientes terminais é que muitos não possuem um “para quê” viver, a transitoriedade da existência humana acaba por destituir a vida de um sentido (Frankl, 1990). A Logoterapia atua com esses pacientes nessa luta frente à morte e o sofrimento inevitável, proporcionando outra maneira de enfrentar essa situação delicada na qual eles se encontram. A transitoriedade da vida faz parte da tríade trágica da existência e “constitui um problema que aflige o portador de uma doença incurável, o qual confronta não apenas o sofrimento, mas também uma morte iminente” (Frankl, 2011, p. 150). Isso se aplica, particularmente, à convicção da Logoterapia de que a vida tem um sentido, um sentido incondicional, que se sustenta até o último momento, até o último suspiro, e de que até a morte pode ser dotada de sentido (Frankl, 2011). Toda doença, até mesmo aquelas em estado avançado, tem seu sentido, só que o sentido não está no quê de ser doente, mas em como sofrer, na atitude que o ser adota perante a doença (Frankl, 1989). “O ser humano não é um ser-para-a-morte, mas um ser-ante-a-morte, pois ante ela se decide e toma uma atitude” (Xausa, 2003, p.84). Diante um sofrimento inevitável, o que importa é a postura que se decide ter, a atitude afirmativa que se toma em buscar sentido para sua vida, mesmo privados das possibilidades que antes lhe eram acessíveis, como trabalhar e até mesmo amar (Frankl, 2011). Buscar sentido para a vida consiste em mudar a si mesmo quando não é mais possível mudar uma situação, é transformar uma tragédia pessoal num triunfo (Frankl, 2008). A vida e o valor de cada pessoa permanecem potencialmente significativos sob quaisquer circunstâncias, e o faz porque está baseado nos valores que a pessoa já realizou no passado; ela não está subordinada à utilidade que a pessoa possa ter ou não no presente (Frankl, 2008). Limitar o homem a uma fase especial de sua vida é ignorá-lo como um ser histórico, de possibilidades (Frankl, 2008). “O homem está na vida como alguém que colhe em cada instante uma única possibilidade, dentre uma série de possibilidades e, realizando-a, de certo modo a põe a salvo no reino do passado e, assim, a assegura” (Frankl, 1989, p. 124). O rotulo terminal traz a falsa ideia de que não há mais nada a ser feito, quando é justamente neste momento que a pessoa necessita mais de ajuda tanto física como psíquica; já que, os desejos e metas continuam enquanto há vida (Kovács, 1992). Para Kübler-Ross (1998) além da escuta e compreensão, os pacientes terminais querem se sentir úteis e levados em consideração quando houver decisões importantes a serem tomadas. Por isso, todo profissional, cujo trabalho é direcionado aos pacientes terminais, necessita desenvolver competências que lhe permita ir além da abordagem dos fatores de ordem bio-psico-sócio-culturais e efetuar a dimensão espiritual, esta permite orientar o paciente na descoberta do seu sentido de vida e na integração do sofrimento inevitável (Barros, Dixe & Rodrigues, 2014). É importante salientar que “o sentido que se possa encontrar na morte, não apaga a dor de sua presença, mas ajuda a enfrentá-la e suportá-la, não deixando a pessoa mergulhada no desespero e na passividade” (Kroeff, 2014, p.69). “São afortunadas as pessoas que decidem que não é a extensão da vida o que conta, mas o significado que ainda nos resta” (Kroeff, 2014, p.134). Desse modo, pode-se concluir que o referencial teórico analisado corrobora a ideia de que o homem é muito mais que a doença que o acomete, merecendo especial atenção no que tange a busca pelo sentido, a descoberta e realização deste pelos pacientes terminais.

REFERÊNCIAS

- Frankl, V. E. (2011). *A vontade de sentido: Fundamentos e aplicações da Logoterapia*. São Paulo: Paulus.
- Kroeff, P. (2014). *Logoterapia e Existência: A importância do sentido da vida*. Porto Alegre: Evangraf.

Kovács, M. J. (1992). *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

O SENTIDO DE VIDA E A EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE DE PACIENTES ONCOLÓGICOS

ÁREA TEMÁTICA: SAÚDE

Noely Cibeli dos Santos (noely_cibeli@uol.com.br)

Faculdade Adventista Paranaense

Resumo. Introdução: Para iniciar a reflexão sobre a Educação para Saúde é imprescindível resgatar alguns conceitos de saúde, pois irão fundamentar e guiar as nossas ações. Para Canguilhem (2006), não é possível reduzir o conceito de saúde a um termo científico, a medidas estatísticas ou pensar que podemos alcançar este conceito pela comparação entre organismos. Canguilhem propõe que para definir saúde é necessário partir da dimensão do ser, pois é neste contexto que ocorrem as definições do que é normal ou patológico. A saúde torna-se a capacidade que o ser humano tem de gastar e consumir a própria vida. Na perspectiva de gerenciamento do viver, o conceito de Capital de Saúde proposto por Grossman, considera a saúde um capital duradouro que tem como produto tempo de vida saudável. Está relacionado com o conjunto de fatores que propiciam bem estar psicológico, físico, social e ambiental e a capacidade de reagir às demandas do meio ambiente em condições desestabilizadoras. O tempo de vida depende no máximo de 30% do patrimônio genético, 20% estão relacionados a condições históricas, socioeconômicas e o acaso e os 50% restantes estão sob a nossa responsabilidade de administração, nossa capacidade de gerenciar o viver (Grossman, 1972). Nesse sentido, não podemos olhar a saúde apenas numa perspectiva biológica e sim com um olhar amplo que considera todas as dimensões do ser humano, nossa dificuldade de assumirmos o controle da própria vida, de aprimorarmos nossa dimensão espiritual e ajudar outras pessoas a terem o controle da própria vida. Nesta concepção de saúde incorporamos os conceitos da Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl como base para as ações de Educação para a Saúde, uma vez que as propostas de Frankl trazem a concepção de integralidade do homem e sua responsabilidade pela própria vida. A Logoterapia projeta sua atenção para o futuro e as potencialidades do ser humano, direcionando o paciente para a preocupação de estabelecer e perseguir um objetivo, um sentido que se apoia em três categorias de valores: criadores, vivenciais e atitudinais (Frankl, 2003). Estes conceitos se tornam muito relevantes quando pensamos a Educação para Saúde, seja na comunidade para ações de prevenção ou para pacientes com doenças crônicas como o câncer. Geralmente pensamos a educação para a saúde em indivíduos saudáveis, mas os pacientes com câncer precisam dar sentido ao seu sofrimento, aprender a lidar com as mudanças e ter um movimento de adaptação. Para os que serão curados atitudes positivas em relação à saúde são fundamentais para se manter saudável, evitando uma recidiva e os que não serão curados precisam plenitude para terminarem a vida. Objetivo: Identificar as contribuições da Logoterapia e Análise Existencial nas ações de enfermagem de educação para a saúde de pacientes oncológicos. Metodologia: A metodologia utilizada é o relato de experiência, adotando o método descritivo segundo as etapas sequenciais da realidade concreta. O Projeto Promovendo a Vida que faz parte das atividades práticas da disciplina Enfermagem Oncológica, é um exemplo de Educação para a Saúde, onde os conceitos de saúde aqui apresentados e os princípios da Logoterapia e Análise

Existencial são aplicados, buscando o desenvolvimento de valores atitudinais e auxiliando o paciente na busca de uma vida plena. A atividade acontece na Rede Feminina de Combate ao Câncer, uma entidade filantrópica, que atende pessoas em situação de vulnerabilidade social acometidas pelo Câncer. As atividades são: Formação do vínculo para identificação das necessidades; Construção do relacionamento de ajuda para animar, encorajar, confortar e trazer a esperança; Atividades em grupo para compreensão da doença e tratamento; Abordagem da importância dos aspectos psíquicos e espirituais para o enfrentamento da doença; Momentos de confraternização e alegria. Os primeiros encontros acontecem de maneira informal. Alunos e pacientes nas diferentes instalações da Casa de Apoio interagem em grupos e individualmente. Nesse momento a escuta é desenvolvida e os pacientes podem compartilhar suas dores, ansiedades e vitórias. Esse primeiro encontro possibilita uma relação de confiança para a realização das atividades. Resultados: A visão ampliada de saúde complementada com os conceitos de logoterapia permitiu ao enfermeiro enriquecer suas ações com uma abordagem que tem o foco no desenvolvimento dos valores atitudinais. A compreensão da doença, tratamento, fatores que contribuem para a recuperação e principalmente reconhecer a importância do sentido de vida, ser para além de si mesmo para significar o sofrimento foi fundamentante para o empoderamento do paciente e consequente mudança de atitude. As atividades permitiram mudar o foco, usar humor, o autodistanciamento, sem negação e ver o sentido no sofrimento, a capacidade de realizar os valores atitudinais, que segundo Frankl (2015) não é só criar, nem somente a experiência, o encontro e o amor, mas a oportunidade de realizar o mais alto valor, da ocasião de fazer cumprir o sentido mais profundo. Observamos que pode haver um alívio da carga de ansiedade e sofrimento que possuem devido ao desgastante tratamento e que a promoção de saúde pode existir quando fortalecemos as habilidades pessoais e transcendemos o sofrimento. Discussão: Cada ação tem a clareza que fora de possibilidade de cura não significa fora de possibilidade de vida e que a vida é plena quando tem sentido e que a dimensão espiritual precisa ser fortalecida para que a esperança supere o sofrimento. Os conceitos da logoterapia qualificou a ação do enfermeiro trazendo novos recursos para cuidar da integralidade do ser humano que poderão ser aprimorados e avaliados. Educar para a saúde aqui é criar ações que proporcionem a reflexão sobre o viver, é ir além do sofrimento sendo capaz de dar um sentido à dor e sobreviver na esperança.

REFERÊNCIAS

- Canguilhem, G. (2006). *O normal e o patológico*. (6ª ed.) Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Grossman, M. (1972). On the concept of health capital and the demand for health. *Journal of Political Economy*, 80, pp.223-255
- Frankl, V. E. (2003). *Psicoterapia e sentido da vida*. São Paulo: Quadrante.
- Frankl, V. E. (2015). *O sofrimento de uma vida sem sentido*. São Paulo: É realizações.

O CUIDADOR E A DINÂMICA DE ESPIRITUALIDADE NO ENFRENTAMENTO DO SOFRIMENTO - UMA VISÃO LOGOTERAPÊUTICA DO PANORAMA DAS PESQUISAS EM CUIDADOS PALIATIVOS

ÁREA TEMÁTICA: SAÚDE

Edison Vicente do Nascimento (edisonv.psi@gmail.com)

Universidade Potiguar (UNP)

Jonas Periarde de Araujo Raimundo (jperiarde@hotmail.com)

Universidade Potiguar (UNP)

Gabriela Fernandes Moreira Zelaya (gabriela.moreira@yahoo.com.br)

Universidade Potiguar (UNP)

Resumo. Estudos da década de 1960 passaram a tratar da Espiritualidade e da Religiosidade, no contexto da saúde e da qualidade de vida. Kovács (2007, p. 246), considera a espiritualidade como “possibilidade do ser humano viver um sentido de transcendência, [...] ligada a uma compreensão do sentido da vida”. Pessini e Bertachini (2006) sugerem o significado etimológico da palavra, que diz respeito ao sopro de vida. Para Frankl (2007, p. 23), a espiritualidade seria uma propriedade que faz parte da unidade e totalidade do humano, de caráter “biopsicospiritual”. O tema do sentido se torna mais imperioso quando trata de questões de adoecimento ou morte, razão porque, espiritualidade, no presente trabalho, diz respeito à dimensão transcendental da pessoa. A pessoa do cuidador é definida pelo Ministério da Saúde (Brasil, 2009, p. 8) como “um ser humano de qualidades especiais, expressas pelo forte traço de amor à humanidade, de solidariedade e de doação”. Da relação paciente e cuidador tem-se uma “unidade de cuidado” (Inocenti, Rodrigues, & Miasso, 2009, p. 865), demarcada pelo amor, onde amar: “[é] uma vivência em que, pouco a pouco, se vive a vida de outro ser humano, em todo o seu ‘caráter de algo único’ e irrepetível”, como afirma Frankl (2003, p. 172). OBJETIVOS: Pretende-se analisar no cenário de pesquisas a dinâmica da espiritualidade nos cuidados paliativos, enquanto recurso de enfrentamento do sofrimento, contribuindo com a consolidação de uma visão científica centrada no bem-estar biopsicossocial da pessoa do cuidador, resgatando sua dimensão transcendental, na visão da Logoterapia e Análise Existencial. MÉTODO: A partir de um levantamento bibliográfico, na Biblioteca Virtual em Saúde - BVS, utilizou-se a palavra-chave “Cuidados Paliativos”, em artigos publicados em português, não duplicados, sem critério de limitação quanto ao ano de publicação. Visou-se um levantamento panorâmico de publicações em torno do tema. Foram identificados 49.336 trabalhos científicos, 601 dos quais de acordo com os critérios da pesquisa. Dada a necessidade de refinar a quantidade de artigos da amostra final, verificou-se que a palavra chave mais comum, desprezando-se “Cuidados Paliativos”, era “Morte”. Ao fazer o cruzamento dos dois termos chave - Cuidados Paliativos e Morte - chegou-se a 190 resultados, dos quais 128 se tornaram elegíveis. A partir da leitura dos resumos dos 128 estudos, considerou-se a pessoa cuidador, no trato da espiritualidade como recurso

de enfrentamento do sofrimento, cuja apresentação e análise dos resultados aparecem a seguir. RESULTADOS E DISCUSSÃO: Dos estudos encontrados, 88 estudos (64%), trazem dados acerca do cuidador, sendo cuidador como familiar (81,82%); cuidador independente de laços de parentesco (60,23%); cuidador como o profissional de saúde (19,05%) e o cuidador como acompanhante informal (9,09%). Em se tratando de espiritualidade, 40 dos estudos (29%) apresentam como recurso de enfrentamento, a saber: a espiritualidade tratada como religiosidade (41,18%); a espiritualidade vista numa perspectiva psicológica (23,53%); sem uma definição de foco específico (20,59%) e, a espiritualidade com foco em um conceito amplo (14,71%), onde se inserem questões de transcendência e de sentido, sem conotação religiosa ou mesmo psicológica. Dos 88 estudos onde aparecem o cuidador, em apenas 39% aparece o assunto da espiritualidade como recurso de enfrentamento. Por outro lado, quando verificados os 40 estudos que falam da espiritualidade como recurso de enfrentamento do sofrimento, 85% dos achados trazem a pessoa do cuidador, independente de categoria. Aprimorar a qualidade de vida de pessoas que “enfrentam problemas associados com doenças ameaçadoras à vida”, O.M.S. (2002, p. 84) é uma forma desafiadora de cuidar. Floriani (2009, p. 10) afirma que “os cuidados paliativos implicam num conjunto de ações interdisciplinares visando oferecer uma ‘boa morte’”. Na visão logoterapêutica, Frankl (2008, p. 133) trata do sentido da vida como uma resposta ao vazio existencial. Pensar em uma boa morte requer a disponibilidade dos que estão no entorno de quem sofre, concebendo cada pessoa e vivência como algo único. O sentido da vida, por sua vez, há de considerar o aspecto da espiritualidade da pessoa, na sua relação consigo mesmo, com o mundo e com o outro. Ainda segundo Frankl (2008, p. 135): “O verdadeiro sentido da vida deve ser descoberto no mundo, e não dentro da pessoa humana ou de sua psique, como se fosse um sistema fechado [...] o ser humano sempre aponta e se dirige para algo ou alguém diferente de si mesmo – seja um sentido a realizar ou outro ser humano a encontrar”. A espiritualidade como recurso de enfrentamento do sofrimento vem ao encontro do que Frankl (2008, p. 135) vai denominar de “a autotranscendência da existência humana” segundo a qual, “quanto mais a pessoa esquecer de si mesma – dedicando-se a servir uma causa ou amar uma pessoa –, mais humana será e mais se realizará”. O sentido, na dimensão da espiritualidade, pode ser chave para o controle dos sintomas apresentados pelo cuidador, bem como pelo paciente impossibilitado de cura. A espiritualidade deve ser tratada como uma realidade inerente à integralidade humana, como forma de contribuir para a abordagem de cuidado.

REFERÊNCIAS

- Brasil. (2009). *Guia Prático do cuidador*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Floriani, C. A. (2009). *Moderno movimento hospice: fundamentos, crenças e contradições na busca da boa morte*. 2009. Rio de Janeiro: Tese (Doutorado) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro.
- Frankl, V. E. (2003). *Psicoterapia e Sentido da Vida*. São Paulo: Quadrante.
- Frankl, V. E. (2007). *A presença ignorada de Deus*. Petrópolis: Vozes.
- Frankl, V. E. (2008). *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração* (25 ed.). Petrópolis: Vozes.
- Inocenti, A., Rodrigues, I. G., & Miasso, A. I. (2009). Vivências e sentimentos do cuidador familiar do paciente oncológico em cuidados paliativos. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 11(4), 858-865.
- Kovács, M. J. (2007). *Espiritualidade e psicologia – cuidados compartilhados*. *O mundo da saúde*, 31(2), 246-255.

Pessini, L., & Bertachini, L. (2006). *O que entender por cuidados paliativos?* São Paulo: Paulus.

World Health Organization. (2002). *National cancer control programmes: policies and managerial guidelines* (2 ed.). Geneva: World Health Organization 2002.

A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO CUIDADO DO PACIENTE ONCOLÓGICO: A RESILIÊNCIA COMO RECURSO DE ENFRENTAMENTO À LUZ DA LOGOTERAPIA

ÁREA TEMÁTICA: SAÚDE

Gabriela Santos Brandão de Souza (gabriela-sbs@hotmail.com)

Vínculo institucional não informado

Luciana Carvalho Pereira (lumaudantas@hotmail.com)

Vínculo institucional não informado

Vivian Santos de Oliveira Holzmann Leão (vivianoliveira.psi@live.com)

Vínculo institucional não informado

Resumo. O adoecimento por câncer tornou-se um grande problema de saúde pública. Segundo apontam pesquisas realizadas no Brasil, as neoplasias têm sido a segunda causa de morte na população (Rodrigues & Polidori, 2012). A descoberta da doença pode provocar na pessoa uma série de sentimentos e preocupações, justamente pelo futuro incerto que o diagnóstico evoca. Na maioria das vezes acarreta em sentimentos de desesperança e atitudes pessimistas que podem comprometer a adesão ao tratamento. Quando é dado o diagnóstico, não apenas o indivíduo que adoecer que é afetado, pois o impacto emocional é compartilhado por todos da família, desencadeando mudanças importantes em todo o contexto familiar. Assim, embora, toda a rede familiar seja afetada pelo diagnóstico do câncer, ela é considerada como um importante fator de proteção para o desenvolvimento da resiliência no paciente, contribuindo para o enfrentamento da doença. A resiliência refere-se à capacidade que o homem tem de encarar, superar e sair transformado por experiências dolorosas, capaz de encontrar sentido frente ao sofrimento inevitável (Amaro, 2013). O presente estudo é pesquisa bibliográfica. E o interesse pela temática partiu da vivência particular de cada pesquisadora perante o adoecimento de um membro importante do seu meio familiar. A pesquisa tem por finalidade refletir a importância da família no desenvolvimento da resiliência como recurso para o paciente no enfrentamento do câncer. A fim de posteriormente subsidiar ações da equipe de saúde que possibilite paciente e família a reconhecerem as suas próprias potencialidades, de modo a acionarem os recursos disponíveis em situações de adoecimento frente ao diagnóstico de câncer. É sabido que no âmbito da psicologia, o conceito de resiliência é algo relativamente novo. Entretanto, Viktor Frankl já mencionava a resiliência como "força desafiadora do Espírito". Para a logoterapia toda e qualquer pessoa que encontrar um sentido diante das exigências da vida,

principalmente no sofrimento, tenderá a ser resiliente. Nestes casos, ainda é possível o homem transformar uma situação de sofrimento em uma oportunidade de crescimento e realização humana. Portanto, para a logoterapia, [...] todas as situações de vida têm sentido até a tríade trágica, que reúne sofrimento, culpa e morte, pode ser transformada em algo positivo com atitude e postura correta (Gomes, 1992 citado em Medeiros, 2013, p. 65). Frankl (2008) aponta que em circunstâncias que se apresentam como imutáveis, como, por exemplo, um câncer que não se pode mais operar, - numa situação sem esperança, na qualidade de vítima, diante de algo que não pode ser mudado -, o ser humano ainda é capaz de responder adequadamente, não mudando a situação, mas a si próprio. Em relação aos pacientes oncológicos “[...] a resiliência dos pacientes é definida como a capacidade de superar e ressignificar positivamente as situações adversas, manejando a doença e o tratamento” (Rodrigues & Polidori, 2012, p. 620). Incentiva-se a resiliência quando a família encara a crise - doença, “como um desafio compartilhado”, ou seja, quando os membros se unem, a capacidade de superar adversidades é reforçada (Bartolomei, 2008, p. 51). Segundo Simonton (1990) o desenvolvimento de uma comunicação aberta no seio familiar é importante, pois tende a favorecer a todos, e principalmente ao paciente, a expressão de sentimentos que venham a surgir com relação à doença, desse modo, pode-se criar uma atmosfera saudável que possibilita o fortalecimento psicológico do ente adoecido, além de a necessidade de se manter a autonomia do paciente dentro do possível. Para a logoterapia o ser humano é em essência um ser responsável, e ele “somente pode responder à vida respondendo por sua própria vida”. (Frankl, 2008). Uma das formas de resiliência que o ser humano, ao encontrar um sentido, utiliza como recurso no enfrentamento de uma situação adversa diz respeito ao autodistanciamento, por exemplo, a utilização do humor. Este refere à capacidade de o homem afastar-se do momento presente, saindo de si mesmo, através da autocompreensão e de um posicionamento positivo diante das circunstâncias que se apresentam, transpondo, assim, os condicionamentos de ordem psíquica e biológica (Amaro, 2013). A família pode colaborar na medida que encoraja o paciente “[...] a olhar o lado risonho da vida, as coisas positivas que os circundam” (Araújo & NASCIMENTO, 2004, p. 276). Através do humor libera-se uma descarga emocional produzindo um efeito tranquilizante e prazeroso, e possibilita o paciente enxergar a vida sob uma ótica mais otimista, ao aceitar uma realidade que não se pode mudar. A autotranscendência é outro aspecto a ser considerado quando se fala de resiliência, esta diz respeito ao fato do ser humano orientar-se para algo ou alguém para além de si. Ao lançar-se para o outro, ou para uma atividade a ser realizada no mundo, o ser humano pode encontrar forças para suportar dificuldades da vida (Silveira & Mahfoud, 2008). A este respeito Simonton (1990, p. 49) acrescenta: “como a família é uma equipe, ou um sistema, quando um dos seus membros se torna saudável, cria-se um efeito sinérgico: o todo é maior do que a soma das suas partes. Rodrigues e Polidori (2012) trazem o apoio da família como algo fundamental, uma vez que o incentivo e a força que é dado ao paciente leva-o a ter mais vontade de viver, desse modo contribuindo para a adesão ao tratamento proposto. Concluímos que ao responder às demandas da vida encontrando o sentido através das experiências, principalmente nas situações de sofrimento e enfermidade, o homem poderá sair mais fortalecido por elas.

REFERÊNCIAS

Amaro, L. S. (2013). Resiliência em pacientes com câncer de mama: o sentido da vida como mecanismo de proteção. *Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial*, 2(2). Disponível em <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/le/article/view/15923/10098>. Acesso em 26 de maio.

Frankl, V. E. (2008). *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes.

Simonton, S. M. (1990). *A família e a cura*. Tradução Heloisa Costa. São Paulo: Summus.

RELATO DE EXPERIÊNCIA EM PSICOLOGIA HOSPITALAR: UM OLHAR DA LOGOTERAPIA

ÁREA TEMÁTICA: SAÚDE

Pedro Augusto Lima Monteiro (augustolima08@hotmail.com)

Universidade Estadual da Paraíba - UPEB

Andreza Souza Santana (andreza-souza-@hotmail.com)

Universidade Estadual da Paraíba - UPEB

Maria Luiza Tavares Silva (marya_luyza_@hotmail.com)

Universidade Estadual da Paraíba - UPEB

Resumo. INTRODUÇÃO; Este trabalho trata-se de um relato de experiência que objetiva descrever atividades do projeto “Sala de Espera na emergência: intervenções psicológicas aos acompanhantes do Hospital de Trauma”, articulando-as com a Logoterapia e Análise Existencial. O público-alvo do projeto são acompanhantes dos pacientes da emergência do Hospital de Trauma de Campina Grande/PB. O projeto visa atenuar sentimentos negativos (angústia, estresse e ansiedade) gerados nos acompanhantes pela hospitalização do familiar-paciente. Destarte, ações em sala de espera transformaram períodos de espera em momentos de trabalho através de processos educativos e da troca de experiências comuns entre os usuários, possibilitando acolhimento (Veríssimo & Valle, 2006), suporte e esclarecimento para atenuação de possíveis estados ansiogênicos e depressivos (Ivancko, 2004). METODOLOGIA: O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética do Hospital de Trauma, com intervenções fundamentadas na metodologia participativa (Rey, 2005), intencionando trabalhar com promoção de escutas psicológicas, momentos de descontração com dinâmicas de grupo e técnicas de relaxamento. Durante as intervenções, um extensionista buscava informações clínicas e subjetivas dos pacientes-familiares, visando minimizar sentimentos impeditivos a participação dos acompanhantes. Ao término de cada intervenção, foi solicitado aos participantes o preenchimento de um breve questionário para avaliação da eficácia das intervenções. RESULTADOS E DISCUSSÃO: Foram realizadas quatro dias de sala de espera, nove intervenções ao todo, contabilizando um total de 58 acompanhantes assistidas, sendo 83% do gênero feminino; 29% com idade entre 31 e 40 anos; 21% sendo mães, 14% irmã(o), 14% cônjuge; residindo 28% em Campina Grande e 72% em municípios circunvizinhos. As intervenções serão descritas e analisadas adiante a luz da Logoterapia e Análise Existencial. DIA 26/02/2016: Foram realizadas duas intervenções: com acompanhantes de pacientes internos nas enfermarias e com acompanhantes de pacientes na Unidade de Terapia Intensiva (UTI). As intervenções iniciaram com uma técnica de relaxamento para melhor aproveitamento do segundo momento, sendo este uma contação da história adaptada Quebra-cabeça de Pintos (2007, p. 51) com posterior momento de

reflexão. Após a reflexão, percebemos que os acompanhantes identificaram-se, consciente ou inconscientemente, com a história contada, despertando sua dimensão noética para uma tomada de atitude frente à situação, pois as histórias implicam uma mensagem onde se encarnam valores, mobilizando no indivíduo seu poder de resistência para a superação de crises (Pintos, 2007). DIA 04/03/2016: Como no primeiro dia, foram realizadas duas intervenções com os acompanhantes de pacientes dos mesmos setores. Durante a narração da história utilizada (Pintos, 2007), os participantes eram indagados sobre o que eles se recusavam a ouvir, ver, falar ou fazer, dentro ou fora do contexto hospitalar. Uma das participantes se emocionou ao falar o que recusava ouvir, relatando sobre a relação conjugal com seu marido, que a culpabilizava constantemente por dois acidentes automobilísticos que havia sofrido. Esse momento a possibilitou uma autocompreensão mais efetiva sobre suas vivências. Foi possível observarmos também, através do discurso de demais participantes, que a religiosidade é um recurso utilizado como forma de encontrar sentido no sofrimento vivenciando, pois “a fé religiosa constitui uma confiança no sentido último” (Xausa, 2011, p. 231) possibilitando ao homem aceitar com dignidade e confiança os desígnios do destino. DIA 11/03/2016: Neste encontro, dispomos em uma mesa de apoio figuras que expressavam sentimentos como raiva, medo, alegria, tristeza e aflição, para que cada um pegasse a figura que representava seu estado emocional naquele momento e em seguida falasse brevemente sobre. Conseguimos realizar três intervenções com os acompanhantes de pacientes das enfermarias, UTI e aqueles oriundos de uma casa de apoio. Numa das intervenções contamos com quatro mulheres, onde duas senhoras pegaram o rosto que representava tristeza, outra pegou tristeza e aflição, tendo a última pego da alegria. A senhora que pegou o rosto da alegria, mesmo estando visivelmente abatida e triste, expos em seu discurso que, apesar de estar passando por um momento difícil não iria desistir, tendo esperança e fé na recuperação de seu marido. Segundo Xausa (2011), a esperança está vinculada a um sentido que ultrapassa as barreiras das situações limites. Sendo assim, a esperança na cura do marido permitiu a participante distanciar-se da situação atual e projetar-se no futuro de forma diferente, tendo ao seu lado o esposo saudável. Outro elemento significativo é que a maioria dos participantes, durante suas exposições, evidenciou a necessidade de externalizar sentimentos de angústia e medo. Assim, pode-se concluir que no ambiente hospitalar, a metodologia utilizada foi eficiente na ventilação dos sentimentos negativos gerados nos acompanhantes pela hospitalização, possibilitando-os aliviar as tensões emocionais e resignificar vivências dolorosas. DIA 18/03/2016: Neste encontro, os discursos e mediações da facilitadora circundaram na corresponsabilidade do acompanhante no processo de melhora do paciente. Partindo da premissa frankliana que ser-no-mundo significa responsabilizar-se perante algo ou alguém (Frankl, 1990), os acompanhantes também são responsáveis pela melhora do quadro clínico e subjetivo dos pacientes. A forma como o acompanhante se porta durante a visita, apresentando-se confiante ou abatido, a mediação que este faz entre o paciente e a vida fora do hospital, interferem significativamente no reestabelecimento da saúde do paciente. Tal responsabilidade tornou-se perceptível quando uma das acompanhantes relata não chorar na frente da paciente, sua mãe, fazendo isso apenas em casa para não demonstrar fragilidade. A mesma relatou também ter de “animar” seu pai nos momentos de tristeza em relação ao quadro da esposa, pelo mesmo lamentar a possibilidade da morte de sua “veinha”. CONSIDERAÇÕES FINAIS: A experiência obtida através do projeto possibilitou constatar que as concepções franklianas transbordam o âmbito clínico, adentrando em todo espaço que o homem vivencia sua existência. Destarte, a Logoterapia aplicada à saúde possibilita a humanização do cuidado com o resgate da dignidade dos usuários do serviço.

REFERÊNCIAS

- Frankl, V. E. (1990). *Logoterapia y análisis existencial*. Tradução J. A. de P. Diez, R. Wenzel e I. Arias. Barcelona: Herder.
- Pintos, C. G. (2007). *A logoterapia em contos*. São Paulo: Paulus.
- Xausa, I. A. de M. (2011). *A Psicologia do Sentido da Vida*. Campinas: Vide Editorial.

A DIMENSÃO NOÉTICA DO HOMEM E A PROMOÇÃO DE SAÚDE PSÍQUICA

ÁREA TEMÁTICA: SAÚDE

Diego Moraes Batista (diegomcc@hotmail.com)

Universidade da Amazônia - UNAMA

Jaqueline Moraes Pinto Sales (jack_y_an@hotmail.com)

Prefeitura Municipal de Capanema

Luiz Antonio Santos de Sousa (luiz.sousa@live.com)

Universidade da Amazônia - UNAMA

Resumo. Introdução: Frankl identificou uma dimensão humana, que a ciência da alma havia esquecido: a dimensão espiritual. As epistemologias em busca de encontrar a humanidade total do homem, relegou aquela que Frankl considera a especificamente humana, pela qual o homem pode romper como tal. A logoterapia compreende a dimensão espiritual do homem composta pela intencionalidade da consciência, que se desdobra em consciência moral e ética. A pessoa espiritual em sua originalidade é um “estar-junto-a” (Frankl, 2012), porém ele problematiza que o “estar-junto-a” não se dá no plano espacial, é em si uma atividade intencional do ente determinado espiritualmente (Frankl, 2012). Neste caso, como ele mesmo afirma que a intencionalidade da consciência determina e caracteriza a essência da espiritualidade humana, como um para além de si mesmo, um estar ordenado e erigido sempre para fora de si, em suas próprias palavras: “quase-fora” ou um “como se” (Frankl, 2012). Frankl (2012, p.75) postula: “O que é, então, em última instância, esse ser-junto-a do espiritualmente ente? [...] É um ser consciente, é ‘junto-a-si’ à medida que ‘é’ junto a um outro ente – à medida que se conscientiza de um outro ente”. A pessoa espiritual é observável à medida que se manifesta pelos atos existenciais, através do organismo psicofísico, cumprindo, neste caso, um valor de expressão. Nesta atividade o organismo psicofísico serve como meio por onde os atos espirituais se manifestam. O homem, em sua tridimensionalidade, é uma unidade na diversidade, um organismo físico, psíquico e espiritual. Diante de um organismo enfermo, o homem pode, pelo poder opositor do espírito encontrar possibilidade de sentido no sofrimento, orientando-se no modo de como sofrer. Hoje, saúde é bem estar físico, mental e social, a esta concepção a Logoterapia acrescenta à base epistemológica a dimensão espiritual do homem como a região que nunca adocece, e em cujo trabalho terapêutico apela para esta região para promoção de saúde. Logoterapia é precisamente uma terapia a

partir da espiritualidade humana, a dispor do saudável para promover saúde. É interessante nesse estudo, levar em consideração o bem estar espiritual, sendo considerado um fator de proteção para transtornos psiquiátricos menores ou mediano, partindo da afirmação que a dimensão espiritual é um centro vital que busca um sentido da vida e direciona o homem à sua integralidade, influenciando-o em sua condição psicodinâmica, ou seja, promovendo condições para lidar com sintomas psíquicos, e dessa forma, prevenindo-o de doenças mentais. É preciso compreender que a psicologia, não deve se furtar em acolher e investigar a espiritualidade como objeto de estudo já que visa à saúde de seus pacientes, sabendo que doença não significa perda de sentido, nem tampouco traz necessariamente o desgaste do sentido da existência. Tornar claro que a doença é plena de sentido e caminha para um ganho existencial. Ao recuperar a espiritualidade humana em sua autotranscendência percebe-se a relação que existe acerca do poder de resistência do espírito, onde o homem pode avançar para além de suas dificuldades e encontrar um sentido para ir adiante. Cada sofrimento humano é ímpar, sendo singular, único e original. “Uma diferença, porém, que realmente importa, é a diferença entre sofrimento com e sem sentido” (Frankl, 1990, p.105). Sofrer com dignidade resulta: “No sofrimento amadurecemos e crescemos: [...] torna-nos mais ricos e poderosos” (Frankl, 1989, p.53). É desapegar-se dos traumas do passado, das perdas, de condições genéticas e condicionamentos sociais, e estar atento ao que a vida espera de cada um, sobrepondo-se a condicionamentos psicofísicos, adversidades, através do poder de resistência do espírito. As técnicas da logoterapia levam o homem a alcançar uma imagem correta de si mesmo, imagem que está intrinsecamente ligada a uma plasticidade e importância ao se tratar de uma dimensão espiritual, que apontam caminhos de liberdade e responsabilidade, à disposição de lutar para descobrir o sentido concreto de sua vida e ampliar um leque de possibilidades de valores. Tais técnicas visam aliviar os sintomas dos pacientes. Possibilitar ao homem uma experiência de responsabilidade a partir de uma atitude com o outro, promovendo uma ressignificação de si mesmo em busca de um sentido. É preciso ver no homem um ser que, em virtude de sua própria autotranscendência, se acha constantemente à busca de seu próprio sentido. Esgotar todas as possibilidades e recorrer à capacidade de ‘afastar-se de si mesmo’, apelando para resgatar a capacidade de sentir e de perceber-se em dado momento. Procurar sentido é procurar saúde mental, do contrário de recusar o sentido, recusa-se a própria vida. Não se adoce apenas por fome, sede, sono ou sexo, mas se se frustrar a motivação de viver com sentido. É dessa forma que o homem fica fragilizado e suscetível a uma vida vazia. Torna-se dessa forma, relevante a busca do sentido para promover a prevenção, proteção, preservação e sustentação da vida do ser humano. Objetivos: Analisar a dimensão espiritual do homem pensada por Viktor Frankl; Compreender a promoção de saúde a partir da dimensão espiritual; Compreender a intervenção da técnica logoterapêutica por meio de um sentido da vida. Método: Qualitativo. Resultados: A logoterapia ao reconhecer a dimensão espiritual do homem trás uma nova discussão no âmbito da psicoterapia, sobretudo ao declarar que é uma dimensão que nunca adoce e que é a partir dela que se promove saúde psíquica apesar da doença. É precisa em seu objetivo terapêutico ao não se considerar uma panaceia e ao reconhecer que sua proposta se direcionar a casos clínicos com baixa e média complexidade. Pontos críticos: O ponto crítico foi precisamente compreender a dimensão espiritual; a diferença entre as outras dimensões humanas, quando uma não é a outra e como encontrar, por detrás do organismo enfermo a pessoa espiritual saudável.

REFERÊNCIAS

Frankl, V. E. (1989). *Psicoterapia e Sentido da Vida*. Fundamentos da Logoterapia e análise existencial. São Paulo: Quadrante.

Frankl, V. E. (2012). *Logoterapia e Análise Existencial*: texto de seis décadas. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Frankl, V. E. (1990). *A questão do sentido em psicoterapia*. Campinas: Papirus.

A LOGOTERAPIA NO CONTEXTO DA SAÚDE MENTAL: POSSIBILIDADES DE APLICAÇÃO EM CENTROS DE ASSISTÊNCIA PSICOSSOCIAL PARA USUÁRIOS DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS - CAPS AD

ÁREA TEMÁTICA: SAÚDE

Raisa Fernandes Mariz Simões (raisamariz@gmail.com)

Universidade Estadual da Paraíba - UPEB

Resumo. Este trabalho é um relato de experiência a partir da vivência em um projeto de extensão no CAPS AD (Centro de Assistência Psicossocial álcool e outras drogas), em que observou-se a necessidade de intervenção logoterápica com os usuários atendidos pela unidade. A temática da saúde mental no Brasil foi incitada pela reforma psiquiátrica na década de 1970, momento em que veio à tona a luta em prol dos direitos dos pacientes psiquiátricos no Brasil. Anos depois, em 2001, a reforma psiquiátrica consolidou-se como política do governo, conferindo ao CAPS o valor energético para mudança do modelo de assistência. (Mello, 2007, p. 43). Em 2002, com a portaria nº 336/GM, de 19.02.2002, o CAPS foi regulamentado como serviço substitutivo e parte integrante do SUS, pois parte do objetivo de substituir o modelo manicomial, atendendo pessoas que sofrem de transtornos mentais persistentes, oferecendo cuidados clínicos e favorecendo o exercício da cidadania e da inclusão social dos usuários e de suas famílias, através de uma equipe multidisciplinar, focando não apenas o atendimento individual do usuário, mas na complexidade de seus relacionamentos afetivos, sociais, familiares e comunitários, conforme Azevedo e Miranda (2011, p.340). O governo brasileiro passou a reconhecer, também em 2002, o problema de usuários de álcool e drogas como grave risco de saúde pública. Com isso surge uma nova unidade de saúde: o CAPS AD para o tratamento de usuários adultos, de ambos os sexos, com envolvimento com álcool e outras drogas (Mello et al., 2007). Segundo Azevedo e Miranda (2011), o projeto terapêutico do CAPS propõe a utilização de atividades e dinâmicas diversificadas, que devem ser pensadas em conjunto inclusive pelos familiares e a comunidade. Dentre as atividades coletivas, destacam-se as oficinas terapêuticas, voltadas à valorização do potencial criativo, imaginativo e expressivo do usuário, possibilitando a projeção de conflitos internos e externos, além do fortalecimento da autoestima e da autoconfiança, bem como a diversificação de saberes e a expressão da subjetividade do sujeito. Assim, justifica-se que no CAPS AD haja um espaço de expressão e reflexão para que os usuários possam se desenvolver e encontra-se enquanto pessoa, o que torna possível a utilização da abordagem logoterápica no intuito de promover este encontro. Nas palavras de Frankl, citado por Harald Mori (1943, p.343) “não há nada no mundo que possa capacitar tanto um homem para superar as

dificuldades externas e problemas internos como ter a consciência de ter um propósito na vida. Sabemos que as pessoas que descobrem um sentido em suas vidas, habitualmente vivem de forma mais saudável e estão mais capacitadas para enfrentar as ameaças da vida”. Frankl compreende o homem em três dimensões: biológica, psicológica e noética, esta especificamente humana, em que se encontram os valores, a criatividade, a livre tomada de decisões, a consciência moral, dentre outros. O ser humano pode encontrar sentido em sua existência através dos valores criativos, dando algo ao mundo; dos valores vivenciais, recebendo algo do mundo ou indo de encontro a outro ser humano; e dos valores atitudinais, posicionando-se diante de sofrimentos inevitáveis. A definição do termo “sentido” é o que constitui a visão de mundo da Logoterapia. Mas a expressão “sentido da vida” não engloba um sentido total, imutável e estático, e não deve ser analisado como tal, segundo Pereira, 2008. O termo “vida” deve ser tomado como a existência concreta e singular de uma pessoa, num determinado contexto histórico e situacional como um vício no álcool ou outras drogas, por exemplo. O objetivo primordial deste trabalho foi promover um espaço de manifestação das expressividades dos usuários dos CAPS AD, por meio da aplicação de oficinas terapêuticas, promovendo a capacidade do usuário de se identificar com o discurso do outro e contribuindo para o processo de socialização e reinserção social e promoção de qualidade de vida. Após os procedimentos éticos adotados, com a autorização da instituição CAPS AD, realizou-se dez encontros previamente planejados de modo a trabalhar com a construção de narrativas pelos próprios usuários, em oficinas terapêuticas. Com o objetivo de facilitar a dinâmica das atividades, utilizou-se como instrumento central a “Caixa da Fantasia”, termo eleito para fomentar a imaginação dos usuários. Dentro da caixa havia materiais concretos, como adereços, brinquedos, recortes de revistas, imagens ou frases, desenhos para colorir ou papel em branco para desenhar ou escrever. No fim das oficinas, estas histórias eram coladas em um mural e este era recolhido, já que, ao final da aplicação das dez oficinas, serviriam de material base para a produção de um jornal como produto final do trabalho realizado. Para a edição do jornal, utilizou-se a ferramenta Publisher, do Microsoft Office. Os temas escolhidos versavam sobre os sentimentos e a vida dos usuários. Foram trabalhados: “Vida”, “Quem sou eu?”, “O que me faz feliz?”, “Amor: era uma vez”, “O que vi da vida”, “Natal”, “Viagens”, “O inesquecível” e “Posteridade”. Os resultados surgiram da análise do conteúdo observado durante o desenvolvimento das oficinas terapêuticas. Observou-se na maior parte das escolhas e narrativas um conflito existencial nos usuários, pois estes não se reconheciam enquanto seres humanos com qualidades e virtudes, se enxergando apenas enquanto “pesos” para a família, caracterizando-se como “pessoas problemas”. A partir desta emergência temática, corrobora-se a utilização da Logoterapia no sentido de restabelecer a dimensão noética outrora perdida pelos usuários. Procurou-se trabalhar a autoestima e valores como família, lidar com as frustrações e controle emocional, possibilitando aos usuários encontros existenciais sob o viés da abordagem. Através deste espaço dinâmico ficou evidente que puderam ressignificar questões colocadas e debatidas no coletivo, sendo trabalhadas em cada participante, representando um evento único de conhecimento sobre si e sobre o outro, dos valores e sentidos da vida. Conclui-se que as oficinas terapêuticas, quando bem fundamentadas e aplicadas com propriedade e segurança, são, de fato, facilitadoras do processo de reconstrução subjetiva e emersão da expressividade. Percebe-se ainda que a Logoterapia e Análise existencial é uma excelente aliada no acompanhamento de usuários atendidos no CAPS AD, tendo em vista que estes apelam para uma demanda existencial afim de reconstruir sua persona e (re)encontrar o seu sentido.

REFERÊNCIAS

- Azevedo, D. M. & Miranda, F. A. N. (2011). Oficinas terapêuticas como instrumento de reabilitação psicossocial: percepção de familiares. *Esc. Anna Nery*, 15(2), pp. 339-345.
- Frankl, V. E. (2006). *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Mori, H. (2009). Psico-Oncología Orientada hacia el sentido en la práctica psicoterapéutica. Em Saénz, V. S. *Logoterapia en acción: aplicaciones prácticas*. pp.333-354. Buenos Aires: San Pablo.
- Mello, M. F. et al. (2007). Reforma Psiquiátrica e política de Saúde Mental no Brasil. Em *Epidemiologia da Saúde Mental no Brasil*. Porto Alegre: Artmed.
- Pereira, I. S. (2008). Mundo e Sentido na Obra de Viktor Frankl. *Revista Psico*, 39(2), pp.159-165. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/1507>. Acesso em 03 de julho de 2016.

ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO JUNTO À DEFICIÊNCIA MÚLTIPLA: UM ESTUDO À LUZ DA LOGOTERAPIA

ÁREA TEMÁTICA: SAÚDE

Liliane Crispim dos Santos (lilianecps@hotmail.com)

Faculdade Maurício de Nassau

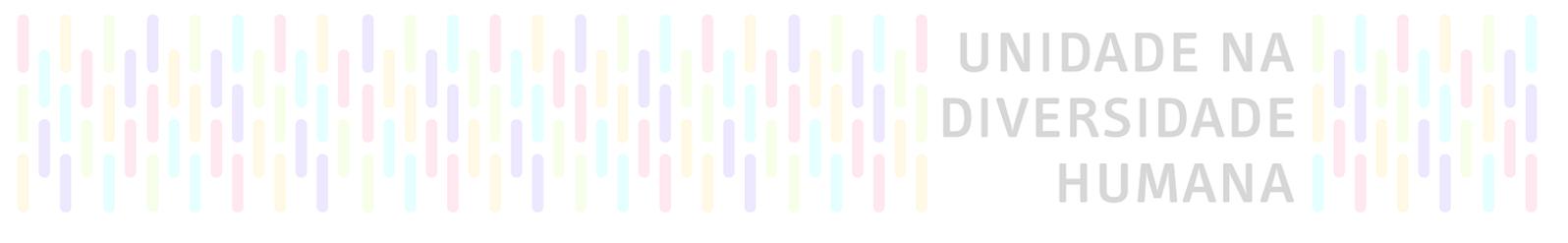
Maria da Paz Lima Costa (mariadapazlimacosta@hotmail.com)

Faculdade Maurício de Nassau

Paula Nayanne Patriota Freitas (paulanaayanne@gmail.com)

Faculdade Maurício de Nassau

Resumo. O presente estudo aborda o tema referente à atuação do psicólogo junto à deficiência múltipla e teve como base teórica a Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Emil Frankl. Pessoas com deficiência múltipla, assim como qualquer outra tem a necessidade de desenvolver suas habilidades, possibilitando a diminuição de suas limitações que não podemos descartar, mas sim contornar (Godoi, 2006). Nesta perspectiva, o estudo teve como objetivo analisar de que forma o psicólogo poderá auxiliar a pessoa com deficiência múltipla na busca do sentido e superação de suas limitações. A Logoterapia é a psicoterapia que abrange a vontade de sentido como a sede existencial do homem, sendo este movido por uma força que o impulsiona a encontrar um sentido à própria vida mesmo diante das adversidades (Frankl, 2003). Nesta visão, todas as pessoas são interrogadas e devem responder à questão sobre o sentido de suas vidas. Responder a esse questionamento é uma tarefa individual e o fato de possuir alguma deficiência e limitação não isenta a pessoa dessa responsabilidade. O homem sempre possui condições de encontrar sentido apesar de qualquer circunstância por mais desanimadora que possa parecer (Kroeff, 2012). Para a Logoterapia, três elementos são essenciais na vida humana: a espiritualidade, a liberdade e a responsabilidade. O ser humano é livre e tem capacidade de assumir essa liberdade de forma consciente e de



UNIDADE NA
DIVERSIDADE
HUMANA

agir com responsabilidade, tendo como motivação o sentido da vida mesmo diante de adversidades como uma deficiência. Embora limitações decorrentes de uma deficiência possam diminuir o campo de liberdade, elas jamais eliminam a liberdade última de adotar uma atitude alternativa diante das limitações. O ser humano sempre será livre para tomar uma atitude frente às situações adversas (Frankl, 2003). Uma deficiência congênita, desenvolvida posteriormente ou adquirida em algum momento da vida, é algo que pode ser definido como uma adversidade. Quando uma deficiência é adquirida, normalmente surge desespero e falta de sentido (Groteberg, 2004 citado em Garcia, 2008; Kroeff, 2012). Uma pessoa que usufruía de suas habilidades físicas, cognitivas ou intelectuais em pleno funcionamento e de repente se vê limitado por uma deficiência possivelmente irá se frustrar e posteriormente desenvolver uma sensação de vazio e falta de sentido. É necessário que essa pessoa receba apoio a fim de superar esses momentos e conscientizar-se do sentido da vida. O psicólogo ampliará o campo de possibilidades da pessoa com deficiência mostrando que a deficiência não pode ser visualizada como impeditiva para a realização do sentido da vida, apesar das dificuldades é possível, ainda assim, dizer sim à vida (Kroeff, 2012). O estudo trata-se de uma pesquisa de campo, com abordagem qualitativa. Foi realizado na Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência - FUNAD, situada na cidade de João Pessoa/PB. Participou deste estudo uma Psicóloga, 54 anos e com 31 anos de atuação junto a pessoas com deficiência. Para coleta de dados utilizou-se uma entrevista semiestruturada. Os dados coletados foram analisados através da técnica de análise de conteúdo. De acordo com os dados obtidos na entrevista emergiram três classes temáticas: 1) Atuação junto à pessoa com deficiência, 2) Atuação junto à família da pessoa com deficiência e 3) Atuação na escola. Segundo a Psicóloga entrevistada, junto à pessoa com deficiência, o profissional de psicologia realizará um atendimento holístico, bem como trabalhará a frustração e a afetividade, promovendo assim a autonomia, e o desenvolvimento das potencialidades. Junto à família, proporcionará organização e ajustamento, além de enfatizar a importância que o apoio dos familiares representa para a pessoa com deficiência. A atuação junto à escola será voltada para a inclusão, bem como a educação para os valores. A partir da fala da entrevistada constatou-se que através do atendimento holístico, voltado para trabalhar com a frustração, a pessoa com deficiência é convidada a olhar além de suas limitações. Olhar sua situação como um todo, e não priorizar a deficiência. O foco deve ser não no déficit, mas no potencial para executar tarefas e desenvolver as outras capacidades que a pessoa tem (Garcia, 2008). Ao conscientizar-se de suas habilidades, será capaz de romper as limitações e assim realizar valores criativos, sendo possível autotranscender-se e encontrar o sentido. O psicólogo atuará na família da pessoa com deficiência múltipla estimulando olhar a deficiência como um desafio, pois conforme afirma Grotberg (2004) citado por Garcia (2008) ao enfrentar o trabalho que terá como um desafio e como uma tarefa cheia de sentido, a família conserva mais sua saúde física e mental. Na escola, através da inclusão, o psicólogo atuará de maneira que a pessoa com deficiência possa ser vista na sua dimensão humana, com possibilidades e etapas a vencer, auxiliando-a para que desenvolva ao máximo seus talentos encontrando o sentido através da realização dos valores criativos (Barros, 2014). A atuação do psicólogo respaldada nos conceitos da Logoterapia contribuirá para a conscientização das possibilidades existentes apesar da deficiência. A pessoa com deficiência múltipla será convidada a adotar uma atitude diferente diante de suas limitações, descobrindo suas capacidades e força interior rumo a uma existência com significado e sentido.

REFERÊNCIAS

Barros, C. B. S. (2003). *A educação inclusiva na perspectiva da logoterapia: refletindo possibilidades e limites*. Trabalho de Conclusão de Curso, Curso de Graduação em Psicologia, Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, Paraíba.

Frankl, V. E. *Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial*. São Paulo: Quadrante, 2003.

Garcia, S. C. (2008). A resiliência no indivíduo especial: uma visão logoterapêutica. *Revista Educação Especial*, 31, pp.25-36.

Godoy, A. M. (2006). *Educação infantil: saberes e práticas da inclusão: dificuldades acentuadas de aprendizagem: deficiência múltipla*. Brasília: MEC.

Kroeff, P. (2012). A pessoa com deficiência e o sentido da vida. *Revista Logos & Existência: Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial*, 1(1).

A REALIZAÇÃO DE VALORES COMO RECURSO PARA PREVENÇÃO E ENFRENTAMENTO DA SÍNDROME DE BURNOUT EM EDUCADORES

ÁREA TEMÁTICA: EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA

Danillo Holzmann Leão (danillo_holzmann@yahoo.com.br)

Vínculo institucional não informado

Resumo. O presente trabalho tem por objetivo refletir sobre as contribuições da Logoterapia na prevenção e enfrentamento da Síndrome de burnout em educadores, entendendo a sua concepção antropológica, teoria motivacional e a realização existencial através da concretização de valores, os pontos-chaves para uma contribuição importante na proteção psicofísica dos professores. (Aquino, Damásio & Silva, 2008). Assim, buscou-se pensar a saúde emocional do educador sob o viés da realização existencial, entendida aqui como efeito do encontro com o sentido por meio da concretização de valores. O elemento motivador para a construção desse trabalho é a evidência de um fenômeno que cada vez mais tem atingido dimensões mundiais, além de levantar questões e reflexões sobre o significado de educar e a própria identidade do educador. No ideário social contemporâneo da profissão, o educador está condenado a executar uma tarefa hercúlea e desgastante, lidando com situações de estresse, condições de trabalho precárias, com um emprego de carga emocional extenuante e sem resultado aparente. Além das já sabidas dificuldades enfrentadas como a baixa remuneração, pouca perspectiva de projeção na carreira, condições precárias de trabalho, somado ao desinteresse por parte dos alunos, muitas vezes expressos no tédio, na violência entre pares e para com os próprios professores, apatia nas relações ensino-aprendizagem, evasão, etc. (Carvalho, 2002; Codo, 2002). No Brasil, uma pesquisa desenvolvida por Codo (2002) com 52.000 educadores em 1440 escolas do ensino básico (infantil, fundamental e médio) revela que 48%

da população estudada apresenta sinais de desgaste profissional. Tal qual Sísifo, personagem da mitologia grega que vê como contrapartida ao seu dispêndio moral diário uma pedra rolando montanha abaixo, o educador, sozinho e condenado, vê-se obrigado a rolar a “sua pedra” no dia seguinte, num ciclo interminável, reconhecendo assim, a sua própria derrota. Na luta em que o trabalho se verte, o educador, desiste, “queima”, adoce, cai no vazio. Assim, a relevância do presente trabalho está em provocar uma reflexão sobre o sofrimento do educador incluindo mais aspectos da sua humanidade e a partir disso problematizar formas de contribuir com o aumento da sua qualidade de vida e bem-estar. A hipótese que direcionou essa pesquisa é a de que a crise enfrentada pelo educador, tem um fator importante ligado à uma crise de sentido existencial. Nesse sentido, foi feita uma articulação entre a síndrome de burnout e a frustração da vontade de sentido (vácuo existencial) vivenciada pelo educador. Este vácuo existencial, se expressa quando o educador sente que não tem mais de si para dar no sentido afetivo, como se estivessem esgotadas as suas energias e recursos, e como estratégia protetiva, desenvolve atitudes negativas em relação aos alunos e demais profissionais e o endurecimento afetivo (“coisificação” da relação). Características presentes na síndrome de burnout. Também faz parte da hipótese que a realização existencial através do trabalho num horizonte de significado, o saneamento das relações de trabalho no ambiente educacional pode ser um fator protetivo e provocar uma repercussão no bem-estar psicológico do educador. Como metodologia, desenvolvemos um estudo bibliográfico através de dados encontrados na literatura brasileira. Foram realizadas pesquisas em livros relacionados à temática, nas bases de dados da Scielo, BVS- PSI e Domínio Público, onde foram consultados artigos originais e de revisão sobre o tema logoterapia, Burnout, análise existencial, vazio existencial, resiliência, além de dissertações de mestrado, teses de doutorado e revistas acadêmicas. A articulação teórica foi dividida em três seções. Na primeira delas, traçou-se uma visão panorâmica sobre a síndrome de burnout a partir de sua tipificação. Assim, elementos como a história do seu surgimento, sua caracterização como doença laboral, o seu processo natural de amadurecimento teórico e epistemológico, apresentaram o burnout como um fenômeno complexo e multifatorial – no que tange sua etiologia – e com contornos alarmantes quando relacionado à profissão docente. Numa segunda seção, foram apresentados alguns dos principais conceitos da Logoterapia que ofereceram novas possibilidades de enriquecer a discussão sobre a temática no ambiente acadêmico a partir do acréscimo de uma perspectiva antropológica muito própria. Viktor Frankl apresenta uma visão de homem que tem na consciência e na responsabilidade seus princípios básicos e irrenunciáveis. Para a Logoterapia, esse ser humano é compreendido como um ser orientado para uma busca de sentido (sua motivação primária) através da realização de valores. Essa seção também tratou brevemente do vácuo existencial – frustração da vontade de sentido – como um fator a ser considerado dentro da complexidade etiológica da síndrome de burnout. Como um tipo de terreno fértil (possível) para que a patologia pudesse se desenvolver. Na terceira e última seção, buscou-se – a partir do estabelecimento de pontos de conexão entre características principais da Síndrome de burnout com os valores criativos, vivenciais e de atitude – avançar para uma compreensão sobre de que modo a Logoterapia e a análise existencial proposta por Frankl podem auxiliar o educador no desenvolvimento de estratégias pessoais e coletivas de enfrentamento – entendido aqui como resposta ao estresse laboral crônico e não como uma reação a ele – e prevenção do burnout a partir da concretização de valores.

REFERÊNCIAS

Almada, R. (2013). *O cansaço dos bons: a logoterapia como alternativa ao desgaste profissional*. Vargem Grande Paulista- SP: Editora Cidade Nova.

Benevides-Pereira, A. M. T. (Org.). (2010). *Burnout: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Carvalho, F. A. (2002). *A Exaustão docente: subsídios para novas pesquisas sobre Síndrome de Burnout em Professores*. Rio de Janeiro: UERJ.

Codo, W. (Coord.). (2002). *Educação: carinho e trabalho - Burnout, a síndrome da desistência do educador*. Petrópolis: Vozes.

Aquino, T. A. A., Damásio, B. F. & Silva, J. P. (Orgs.). (2010). *Logoterapia & Educação: fundamentos e práticas*. São Paulo: Paulus.

Frankl, V. (1989). *Psicoterapia e Sentido da Vida: Fundamentos da Logoterapia e Análise existencial*, Tradução Alípio Maia de Castro. São Paulo: Editora Quadrante.

Frankl, V. (2013). *A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da Logoterapia*. São Paulo: Paulus.

IMPORTÂNCIA DO SONO (RELATO DE EXPERIÊNCIA EM ESCOLA)

ÁREA TEMÁTICA: EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA

Marina Lemos Silveira Freitas (marinalemossf@hotmail.com)

Instituto de Educação e Cultura Viktor Frankl

Daniela Vianna Pachito (pachito@uol.com.br)

Centro de Medicina do Sono em Ribeirão Preto

Resumo. O sono é um processo fundamental e necessário para o bom desenvolvimento e funcionamento dos seres vivos; sua falta pode deteriorar gradualmente a saúde e a sua ausência é incompatível com a vida. O sono serve para restabelecer: as energias consumidas durante a vigília; o sistema imunitário; nossas capacidades mentais além de ser importante para a consolidação da memória e fixação da aprendizagem (Lent, 2010, p. 606). Quando adormecemos, “nossa consciência apaga-se e mergulhamos no inconsciente” (Lent, 2010, p. 574). Somente na década de 1950 os fenômenos do sono foram estudados de forma mais detalhada por neurofisiologistas, mas já em 1956, Frankl (2016, p. 214) disse que o sono é um “mergulhar no inconsciente”, conceito confirmado atualmente pela neurociência. Freud descreveu o inconsciente na vida psíquica, o inconsciente instintivo, e fez compreensiva toda uma dimensão da realidade. Frankl (1965, p. 13) constatou, no âmbito do inconsciente, a existência de algo mais do que tendências instintivas; percebeu a existência de um inconsciente noético, de uma espiritualidade inconsciente. Do inconsciente noético irrompe a ética, a estética, o amor, as decisões existenciais mais autênticas, a fé. Na Psicanálise, busca-se tornar consciente algo impulsivo para ser resolvido; na Análise Existencial algo espiritual será conscientizado para ser realizado. Se o sono é um “mergulho no inconsciente” e os sonhos são uma via de acesso ao conteúdo inconsciente, e se para sonhar é necessário dormir, e dormir bem, temos que o cuidado com o sono é imprescindível para “trazer à consciência e à responsabilidade não apenas a instintividade inconsciente, mas também a espiritualidade inconsciente” (Frankl, 1992, p. 32). Porém, a privação

de sono, principalmente na adolescência, tem se tornado um problema de saúde pública que se agrava pelo estresse, pela correria, pela necessidade de estar on line o tempo todo (Vilela, Bittencourt, Tufik, & Moreira, 2016). Diante dessa realidade e dos prejuízos acarretados tanto na aprendizagem quanto na saúde, o Projeto Sono está sendo desenvolvido no Colégio Viktor Frankl (CVF), Ribeirão Preto (RP), SP, há três anos, como um exemplo prático, integrador e inovador da Logoeducação. OBJETIVOS: a. Aumentar, o entendimento da importância do sono nos alunos, pais e professores; b. Desenvolver o protagonismo juvenil em alunos do Ensino Médio, estimulando uma ação autotranscendente; c. Conhecer hábitos de sono e cronotipo dos alunos. MÉTODOS: a. Sensibilização dos alunos, pais, responsáveis e professores com palestras com especialistas em Medicina do Sono, abrangendo: sono normal e sua importância; consequências da privação do sono, higiene do sono. b. Organização dos estudantes em equipes, conforme a escolha de cada um: científica, divulgação, administrativa, pesquisa, artística, acadêmica, de forma a motivá-los para o trabalho de pesquisa e da participação na Semana Nacional do Cérebro (SNC), em RP, SP; c. Aplicação do Questionário de Matutividade para Crianças (MESC) (Morales, León & Sorroche, 2007), traduzido de forma livre, que consiste em 13 perguntas para obtenção de um escore final relacionado a três diferentes cronotipos: matutinos, indiferentes e vespertinos.; d. Apresentação do aprendido e produzido para os alunos do CVF, da Educação Infantil e Ensino Fundamental I; e. Avaliação do projeto e projeção de continuidade; f. Finalização com entrega solene de certificados de participação no projeto. RESULTADOS: Os alunos, de forma livre e responsável, participaram da Semana Nacional do Cérebro, em Ribeirão Preto, SP, nos dois últimos anos, em dois eventos: a) Mesa Redonda: Sono e Cérebro, realizados na USP, com a apresentação de teatrinho e música criados pelos estudantes, em 2015; e uma história em quadrinhos este ano; e b) na Praça XV de Novembro explicando sobre o sono à população. Também repassaram o conhecimento para alunos do CVF da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I (5 a 10anos), com isso, fazendo um exercício de autotranscendência. Em uma avaliação quantitativa, o MESC foi aplicado com a colaboração de estudantes a 203 alunos do Ensino Médio e Ensino Fundamental II do CVF, dos turnos manhã e tarde, com média da idade de 13,7 anos, variando entre 10 a 18 anos. A maioria apresentou escores indicativos do cronotipo Indiferente (62,1%), sendo o Vespertino o segundo mais prevalente (37,9%) e o Matutino encontrado apenas em 3% dos alunos. Estes resultados corroboram os obtidos em outros estudos. Não houve correlação entre o escore da escala MESC e a idade, ou entre o turno de estudo, o que sugere que, nesta amostra, o cronotipo não influenciou a escolha do turno escolar. Houve uma fraca correlação entre o cronotipo e o horário de dormir durante os dias de semana, sugerindo que outros fatores, além dos fatores circadianos, possam influenciar o comportamento em relação ao sono ($r = 0,04$, $p=0,005$). Um dado preocupante: 70% vão dormir após às 22h15m, mesmo tendo que acordar cedo para a aula. CONSIDERAÇÕES FINAIS: Acreditamos que melhorando a qualidade e quantidade de sono, principalmente em adolescentes, e conseqüentemente a atenção na vigília, podemos favorecer a capacidade de captar o valor contido em cada situação e as intuições originadas no inconsciente noético. Observamos que o ato criativo e artístico, intencionados para algo ou alguém, motivou o conhecimento pelos alunos sobre o tema proposto, de forma agradável. Também despertou potências e disposição para mais tarefas: “Quando teremos outro trabalho?” disse-nos um participante da HQ. O presente estudo tem limitações e não pode ser generalizado, mas representa uma introdução bem sucedida do tema no âmbito escolar. A complementação com avaliação qualitativa e outras medidas quantitativas é necessária. Considerando o sono indispensável para a saúde física, mental e espiritual, sugerimos que o trabalho seja ampliado com novas estratégias de intervenção para prevenção da privação do sono e suas conseqüências. AGRADECIMENTOS: Diretora do Colégio Viktor Frankl, aos profissionais especializados que nos transmitiram conhecimentos atualizados sobre o sono e aos alunos que participaram mais diretamente do projeto.

REFERÊNCIAS

Frankl, V. E. (2016). *Teoria e terapia das neuroses*. São Paulo: É Realizações.

Frankl, V. E. (1965). *La idea psicológica del hombre*. Madrid: Rialp.

Frankl, V. E. (1992). *A presença ignorada de Deus*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes.

Lent, R. (2010). *Cem Bilhões de Neurônios? Conceitos Fundamentais de Neurociência*. São Paulo: Atheneu.

Morales, J. F., León, M. D. & Sorroche, M. G. (2007). Validity of the Morningness-Eveningness Scale for Children among Spanish adolescents. *Chronobiol Int.*, 24(3), pp.435-47.

Vilela, T. D., Bittencourt, L. A., Tufik, S., & Moreira, G. A. (2016). Factors influencing excessive daytime sleepiness in adolescents. *J. Pediatr.*, pp. 149-55.

A RESPONSABILIDADE E A LIBERDADE NAS RELAÇÕES ESCOLARES

ÁREA TEMÁTICA: EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA

Jonas Periarde de Araujo Raimundo (jperiarde@hotmail.com)

Universidade Potiguar - UNP

Ramon Silva Silveira da Fonseca (tokosabba@hotmail.com)

Faculdade Maurício de Nassau

Thiago Antonio Avellar de Aquino (logosvitae@ig.com.br)

Universidade Federal da Paraíba - UFPB.

Resumo. Para Frankl (1989) é papel da educação ativar a consciência do aluno para alargar a sua percepção da vida, com a finalidade de captar a exigência inerente a cada situação e, dessa forma, saber lidar melhor com as vicissitudes. Conforme os pressupostos da Logoterapia na educação, deve-se promover no homem uma visão autêntica de si mesmo e da vida em geral. Frankl (2010) enuncia a educação como meio para promoção da responsabilidade dos alunos. A atividade de pesquisa justificou-se devido a um pedido da direção de uma instituição de ensino público na Paraíba, com o interesse de fomentar um ambiente de respeito e de tolerância na turma. Havia uma queixa dos professores referente ao comportamentopositor e desafiante dos alunos. Também foi realizada uma consulta à turma que relatou haver conflitos por não haver respeito às diferentes opiniões entre si. São muitas as possibilidades de aplicação da Logoterapia no âmbito da Educação, portanto, considerando o aumento da violência nas escolas, o crescimento de agressões físicas e verbais, e tendo em vista a Lei nº 13.185/15, sobre a Intimidação Sistemática (Bullying), torna-se urgente uma reflexão mais profunda sobre o sentido da vida entre os adolescentes e jovens. **OBJETIVOS:** O presente trabalho visa a apresentar algumas considerações acerca de um plano de intervenção realizado em uma escola do ensino médio, na rede pública de ensino na Paraíba, cujo escopo consistiu em promover a reflexão sobre o sentido da vida, por meio da discussão

sobre a responsabilidade e a liberdade no ambiente escolar. **METODOLOGIA:** Trata-se de uma pesquisa-ação realizada durante um semestre letivo em uma turma de 37 alunos do segundo ano do ensino médio. A intervenção consistiu em cinco encontros, onde foi aplicado o Questionário de Sentido de Vida (QSV) de autoria de Steger et al. (2006), adaptado para o contexto brasileiro por Aquino et al. (2015), com um pré-teste no primeiro dia e um pós-teste, com os mesmos participantes, no último dia. Nas demais reuniões foram apresentados contos, buscando promover a discussão sobre o sentido de vida, fomentar a compreensão sobre o pensamento a longo prazo, incentivar o entendimento do senso de responsabilidade e de liberdade e fortalecer os vínculos entre os alunos e entre equipe escolar. Para a análise de dados (QSV), utilizou-se o teste t de Student (Glantz, 2013) para medidas repetidas. **RESULTADOS E PONTOS CRÍTICOS DE DISCUSSÃO:** Pôde-se perceber com a atividade um engajamento a respeito da reflexão referente à responsabilidade e à liberdade na sala de aula, propiciando, dessa forma, uma discussão sobre o respeito ao diferente. Os alunos relataram que houve maior aproximação entre si, quando durante os grupos de reflexão. Com análise dos testes identificou-se uma mudança referente aos itens de busca de sentido, enquanto os de presença de sentido permaneceram estáveis $t(37) = 2,49$; $p < 0,02$. Tal resultado pode indicar que a atividade promoveu um questionamento a respeito das certezas dos alunos, uma reflexão sobre aquilo que consideram como significativo na vida, podendo ter havido uma reelaboração de certos significados. Destarte, os educadores tornam-se verdadeiros terapeutas ao acrescentar mais uma responsabilidade em suas práticas pedagógicas, o cuidar do espírito humano. Nesse sentido, destaca-se a relevância da educação como não apenas promotora de conhecimentos curriculares, mas também como possibilidade de produção de maneiras de agir, de procedimentos morais e de comportamentos éticos. Atualmente, vive-se numa sociedade em que há uma supervalorização de bens materiais, mas em que é preciso distinguir o que de fato é essencial e insubstituível, do que não é importante, ou seja, urge estar alerta ao sentido da vida no cotidiano. A humanidade se encontra dentro de uma realidade objetiva da educação, porém a pessoa não é só construída de relações materiais-objetivas, mas também, e principalmente, é integrado em relações interpessoais. Tais relações podem ser consigo mesmo, com o universo, com os seus semelhantes, e para alguns, com Deus. Entender a Logoterapia e Análise existencial juntamente com a educação é compreender que o ser humano é segundo Viktor Frankl (2007), “biopsicoespíritual”, ou seja, um ser único, responsável e capaz de se posicionar, conforme sua liberdade, ante as ocorrências da vida. Como é um ser essencialmente livre, ele é capaz de transcender-se diante de qualquer circunstância. No contexto educacional da Logoteoria, a educação é vista como uma aprendizagem cheia de sentidos, que os alunos captem os valores éticos e morais, mas isso só será possível quando o processo de ensino-aprendizagem propiciar ao aluno, juntamente com o professor, a vivência de uma relação interpessoal significativa. Dessa forma, surge uma educação que não apenas desenvolva as capacidades das pessoas, mas que, primeiramente, estimule o desenvolvimento pessoal. Passa-se a entender a educação não somente como um meio de socialização, instrução, formação de profissionais, educação para competitividade no mercado de trabalho, mas como uma possibilidade de promover valores, com a finalidade de possibilitar aos aprendizes um sentido em todas as dimensões, promovendo um exercício pleno da cidadania, pautado sempre nos valores morais e na liberdade inerente à condição humana.

REFERÊNCIAS

Aquino, T. A. A., Veloso, V. G., Aguiar, A. A., Serafim, T. D. B., Pontes, A. M., Pereira, G. A., & Fernandes, A. S. (2015). Questionário de Sentido de Vida: Evidências de sua Validade Fatorial e Consistência Interna. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 35(1), pp.4-19.

Frankl, V. E. (1989). *Psicoterapia e sentido da vida*. São Paulo: Quadrante.

Frankl, V. E. (2010). *Ante el vacío existencial. Hacia una humanización de la psicoterapia*. Barcelona: Herder.

Frankl, V. E. (2007). *A presença ignorada de Deus*. Petrópolis: Vozes.

Glantz, S. A. (2013). *Princípios de bioestatística*. Porto Alegre: AMGH.

Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015 (2015). Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Brasília. 2015. Recuperado em 27 junho, 2016, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13185.htm

Steger, F. M., Frazier, P., Oishi, S., & Kaler, M. (2006). The meaning in Life Questionnaire: assessing the presence of and search for meaning in life. *Journal of Counseling Psychology*, 53(1), pp.80-93.

A FORÇA DE RESISTÊNCIA DO ESPÍRITO E A VIRTUDE DA FORTALEZA NA FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE RESILIENTE

ÁREA TEMÁTICA: EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA

Heloísa Reis Marino (heloisamarino@uol.com.br)

Sociedade Brasileira de Logoterapia - SOBRAL

Milena Carolina Bocchi de Castro (milenabocchi@hotmail.com)

Instituto Liberdade e Comunidade - LIBCOM

Resumo. Viktor Frankl foi um psiquiatra e neurologista vienense que viveu no século XX, sobrevivente de vários campos de concentração. A partir da sua experiência pessoal, criou a Logoterapia. Dentre suas grandes contribuições para a humanidade deixou a visão integrada da pessoa humana, onde o homem é, por constituição, um ser *bio-psico-socio-espiritual*, e a dimensão espiritual é que o especifica como *pessoa*, caracterizando essencialmente a sua existência. Por meio da Logoterapia, Frankl mostra que o ser humano possui uma capacidade de suportar as situações mais adversas da vida e mesmo diante do sofrimento inevitável pode posicionar-se, ir além de si mesmo e realizar valores. É o único ser capaz de sofrer e de transformar as experiências dolorosas em realizações. A sociedade atual tem disseminado uma mentalidade hedonista, onde o sofrimento deve ser aniquilado da vida humana. Essa forma de viver faz o homem buscar a felicidade e não um motivo para ser feliz, e cada vez mais, se afasta daquilo que é próprio da sua essência. Em contraposição a essa inculturação do prazer, tentaremos definir algumas forças próprias do ser humano, como a Força de Resistência do Espírito e a Virtude da Fortaleza, pois acreditamos que possibilitam ao homem viver de forma livre e não se render ao apelo das massas que diz que "o que importa é ser feliz!". Essas forças que possibilitam ao homem enfrentar a dor e resistir às duras penas da vida, serão aqui apresentadas, na tentativa de identificarmos os pontos convergentes e a relação existente entre elas. Assim, buscaremos demonstrar, como contribuem para o desenvolvimento de uma personalidade madura e resiliente. Gerônimo Acevedo, médico e logoterapeuta,

desenvolveu estudos sobre a Resiliência Humana, e segundo ele, falar de resiliência é falar da capacidade que as pessoas têm de viver bem e desenvolver-se apesar das difíceis condições da vida, e ainda saírem fortalecidas dessas situações. (Acevedo, 2002). Essa capacidade é o que na Logoterapia, denomina-se Força de Resistência do Espírito. Tanto a Força de Resistência do Espírito, quanto a Resiliência, são inerentes à condição humana, e propiciam ao homem a capacidade de suportar o sofrimento. O sofrimento humano também implica uma tomada de decisão espiritual: "Sofrer significa, por conseguinte, tomar posição perante as dores, e isto significa sempre também estar de algum modo "acima" das dores". Isto é o "Poder de Resistência do Espírito!" (Frankl, 1978, p. 167). Conforme experimenta o sofrimento, o homem se torna mais resistente as dores e aumenta sua capacidade de suportar e enfrentar as aflições e tribulações da vida. Quando tem um "para quê" sofrer, algo que possa olhar e dizer: "vale a pena me sacrificar por isso!", o homem amadurece e vai se tornando além de resiliente, uma pessoa virtuosa. A virtude surge através dos atos da vontade, que fazem o homem escolher livremente a atitude que vai tomar. Da mesma forma acontece com a Força de Resistência do Espírito, pois a medida que o homem se posiciona e decide, ele se autoconfigura, vai construindo sua própria história e delineando sua Personalidade. A Antropologia Frankliana mostra que o ser humano é livre e como tal, é capaz de autodeterminação, que é um "algo a mais" na formação da sua personalidade, é uma liberdade psíquica que lhe garante a possibilidade de se posicionar e decidir, frente ao que lhe foi dado - pela herança genética, e frente ao meio em que vive. As escolhas que o homem faz frente ao que lhe foi dado permite que o que foi escolhido passe a ser parte da sua história, da sua vida. Num ambiente repleto de fatores de risco e vulnerabilidades, a pessoa pode ser resiliente; diante do sofrimento inevitável a pessoa pode se posicionar em função de sua Força de Resistência do Espírito; e, mesmo com a possibilidade de fugir do sofrimento, ela pode ser forte e resistir, pois a Virtude da Fortaleza faz com que ela aceite o sofrimento como sacrifício, por algo de valor. Para Frankl (1978), sofrer significa agir, crescer e amadurecer. "O indivíduo que se eleva acima de si mesmo avança para a maturidade. O verdadeiro produto do sofrimento é a maturidade" (p.240). Essa maturidade pressupõe uma liberdade interior, e segundo Frankl, tanto a maturidade, quanto a liberdade interior são alcançadas por situações extremas, quando o homem passa por seu "experimentum crucis". Sacrifício significa "sofrer com sentido". Desta forma, Viktor Frankl, ensina que é possível encontrar um sentido no sofrimento. A pessoa que "carrega sua cruz", que busca o sentido, consegue enfrentar as situações difíceis da vida e sair fortalecida das tribulações. Assim, à luz da Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl, pode-se concluir que, sofrer, não significa apenas esforçar-se, crescer e amadurecer, mas igualmente, enriquecer-se. Para Frankl, o homem que amadurece por meio do sofrimento, amadurece para a verdade, e essa verdade, o liberta. "A essência do homem é ser um sofredor - Homo Patiens!" (Frankl, 1978). Partindo dessa visão, esse trabalho constatou que o que se denomina de Resiliência, deve-se a própria Força de Resistência do Espírito. E seja pela vivência dos valores de atitude, ou pela vivência da Virtude da Fortaleza, o homem é capaz de enfrentar as adversidades da vida e ainda sair fortalecido dessas situações, tornando-se, uma Personalidade Resiliente.

REFERÊNCIAS

Acevedo, G. (2002). Logoterapia y resiliencia. *Nous*, (6), pp.23-40. Disponível em <http://manoblejas.eresmas.net/nous.htm#NOUS6>, acesso em 27 de março de 2016.

Frankl, V. E. (1978). *Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia*. Rio de Janeiro: Zahar.

Frankl, V. E. (2003). *Psicoterapia e Sentido da Vida: fundamentos da Logoterapia e análise existencial*. São Paulo: Quadrante.

Griffa, M. C., Moreno, J. E. (2012). *Chaves para a Psicologia do Desenvolvimento: vida pré-natal - etapas da infância*. São Paulo: Paulinas.

Pieper, J. (2010). *Las Virtudes Fundamentales*. Madrid: Ediciones Rialp S/A.

Sabatino, A. B. (2015, 30 de outubro). *Resiliência y Logoterapia: La capacidad de resistencia del espíritu*. Obtido em <http://logoforo.com/resilienciaylogoterapia>.

CONTRIBUIÇÕES DA LOGOTEORIA E ANÁLISE EXISTENCIAL PARA A FORMAÇÃO DO ENFERMEIRO

ÁREA TEMÁTICA: EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA

Kelly Cristine Piolli (kellyiap.enf@gmail.com)

Instituto Adventista Paranaense

Elieth Lessa Fonseca (eliethfonseca@hotmail.com)

Instituto Adventista Paranaense

Noely Cibeli dos Santos (noely_cibeli@uol.com.br)

Instituto Adventista Paranaense

Resumo. INTRODUÇÃO: O Curso de Enfermagem da Faculdade Adventista Paranaense (FAP), em conformidade com as Diretrizes Curriculares Nacionais (Brasil, 2001), propõe um processo educativo orientado para o cuidado integral, vindo de encontro ao conceito de que a pessoa é um ser de múltiplas dimensões como considera Viktor Frankl (2013). Mediante estudos e reflexões sobre a logoteoria e análise existencial, destaca-se a importância de promover valores humanos e conduzir à descoberta do sentido de vida para o exercício da enfermagem. OBJETIVOS: Objetivo Geral – Analisar as contribuições da logoteoria e análise existencial para a formação do enfermeiro. Objetivos Específicos – Identificar a abordagem da logoteoria e análise existencial; Enumerar as possíveis abordagens logoteoria e análise existencial; Conhecer a opinião do aluno quanto às contribuições da abordagem da logoteoria e análise existencial. MÉTODO: Trata-se de uma pesquisa exploratória descritiva de caráter qualitativo, tendo como método o Estudo de Caso, que consiste em uma maneira de realizar pesquisas em ciências sociais, baseando-se nos fenômenos de contextos da vida real (Yin, 2005). A pesquisa foi realizada na FAP, uma instituição confessional localizada no Norte do Paraná. As fontes utilizadas foram: documentos (Planos de ensino, Provas, Trabalhos e relatórios de atividades práticas e teóricas); Levantamento estruturado (Redação dos alunos sobre: “Contribuições da Logoteoria e Análise Existencial na minha formação”); Entrevista focal (Grupo focal com docentes do Núcleo Docente Estruturante); RESULTADOS: A análise dos Planos de Ensino foi complementada pela entrevista focal. Identificou-se as disciplinas que já fazem alguma

abordagem da Logoterapia e Análise Existencial e as possíveis abordagens. A disciplina Enfermagem como Profissão traz o conceito de noodinâmica e a relação dos valores pessoais com valores da enfermagem, além da abordagem do homem como ser integral. Estilo de vida saudável faz referência à liberdade e responsabilidade para o desenvolvimento de comportamentos saudáveis. O ser humano e a integralidade em saúde discute a importância do sentido de vida para a construção dos pilares da promoção da saúde: empoderamento e participação social. Humanização da dor e sofrimento humano estuda com mais profundidade as Bases da logoterapia da humanização da dor e do sofrimento humano. Realizam um trabalho com alguém, analisando as estratégias utilizadas pela pessoa para a superação. Discute a tríade trágica (sofrimento, culpa, e morte). Quanto as disciplinas que poderão incluir conceitos da logoterapia: Enfermagem na Saúde da Mulher e Neonato poderá abordar com gestantes e mães o desenvolvimento de valores para educação das crianças, através de oficinas, e encontros com mulheres para reflexão do sentido de vida com a utilização de filmes. Em Enfermagem na Saúde da Criança e do adolescente será possível apresentar os temas: valores humanos, sentido para a vida e desenvolver atividades práticas através de oficinas para a prevenção do vazio existencial. Referindo-se à Gestão do cuidado, os temas: dimensões do sentido do trabalho e a gestão que faz sentido, contribuirá para o planejamento de oficinas específicas para a equipe de enfermagem. Em Saúde coletiva, destacar o papel da comunidade e profissional na construção de valores e sua influência na saúde, através de visitas domiciliares e análises de situações, com intervenções e grupos com a ESF. Enfermagem em Doenças transmissíveis, discutir os comportamentos humanos na prevenção de doenças transmissíveis, por meio de estudos de caso. Saúde do adulto – Situações prevalentes, destacar a repercussão das escolhas pessoais na saúde e papel profissional para a qualidade de vida, através de análise de documentários. Provas: Na disciplina Enfermagem como profissão foi avaliado a compreensão da necessidade dos valores para o desenvolvimento de habilidades humanas; Disciplina Estilo de vida saudável a importância da dimensão espiritual para escolhas responsáveis; Humanização da dor do sofrimento humano a relação entre o sentido de vida e capacidade de enfrentamento da dor e do sofrimento humano; Enfermagem no envelhecimento saudável a importância do sentido de vida para a gerotranscendência; Atenção espiritual ao paciente os conceitos da logoterapia para o desenvolvimento da dimensão noética. Redação de Alunos: Sendo que o primeiro contato dos alunos com a logoterapia deu-se na graduação de enfermagem, em suas redações, perguntou-se: “Qual a contribuição da logoterapia estudada nas disciplinas ao longo da graduação, para a sua futura vida profissional?” E, nas respostas foi possível encontrar tais percepções: Compreensão da própria vida e, depois, contribui para a vida profissional; Necessidade de termos sentido de vida para influenciarmos outros a encontrarem seu sentido; Compreensão da dimensão espiritual do ser humano e sua influência na qualidade de vida e resolução de conflitos vividos pelos pacientes; Ferramenta para melhora das condições de saúde do paciente e cuidado integral; Conhecimento do outro e sensibilidade diante do mesmo; Importância do sentido de vida para o trabalho da equipe de enfermagem; Compreensão das responsabilidades como ser humano e papel no mundo. DISCUSSÃO: A entrevista focal e a análise dos documentos permitiram identificar que quando um docente trouxe os conceitos da logoterapia e análise existencial, estes tiveram eco, sendo incorporados nas disciplinas tanto na teoria, quanto nas atividades práticas, sendo convergente com a proposta de formar um enfermeiro para o cuidado integral. Mediante o compartilhamento da aplicação desses conceitos, docentes foram sensibilizados, compreendendo as possibilidades para as suas disciplinas. Ainda podemos destacar a existência do grupo de estudo com alunos e professores, o desenvolvimento de trabalhos de conclusão de curso e a proposta de um PPC (Projeto Pedagógico de Curso) que apresente explicitamente em seus planos de ensino a temática. Percebemos pelas falas que os alunos incorporaram os conceitos de logoterapia e

análise existencial, referindo seu crescimento pessoal, influenciando no enfrentamento de suas dificuldades e a utilização dessas concepções como ferramenta para o cuidado integral.

REFERÊNCIAS

Brasil, Ministério da Educação. (2001). Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Superior. Resolução CNE/CES N^o 3, de 7 de novembro de 2001.

Frankl, V. E. (2013). *A presença ignorada de Deus*. Traduzido por Walter O. Schlupp e Helga H. Reinhold. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes.

Yin, R. K. (2005). *Estudo de caso: Planejamento e Métodos*. Porto Alegre: Bookman.

QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO E SENTIDO DE VIDA EM COLABORADORES DE CALL CENTER

ÁREA TEMÁTICA: TRABALHO E ORGANIZAÇÕES

Cacilene Cristina da Silva (kcylenne_cristina@hotmail.com)

Faculdade Maurício de Nassau

Karen Guedes Oliveira (karen_costaguedes@hotmail.com)

Faculdade Maurício de Nassau

Resumo. Desde o final da década de 1990 houve a expansão do desenvolvimento de novos setores de trabalho, dentre eles destacou-se o Call Center, que traduzindo de forma direta, quer dizer Call (chamada) e Center (central), distribuídos em espaços cujo objetivo é comportar um número significativo de pessoas para desempenharem trabalhos individuais em suas baias conhecidas também como PAs (Posições de Atendimentos) (Ziliotto & Oliveira, 2014). Um fator preponderante para a expansão supracitada foi o aumento das concorrências em setores de serviços/produtos, desse modo, buscou-se otimizar a aproximação com o cliente em relação à comunicação, onde puderam ser concretizados os objetivos dos empresários da época, gerando uma comodidade maior aos clientes por meio da telefonia (Madruga, 2006). Vasconcelos (2001), afirma que as mudanças necessárias dentro das instituições ocorreram em detrimento das novas necessidades sociais, que com o passar dos anos se fizeram imprescindíveis. No entanto questiona-se: Os indivíduos que oferecem seus serviços na condição de operadores de telemarketing possuem Qualidade de Vida no Trabalho (QVT) e também sabem identificar o Sentido da Vida de si mesmos? Para tanto, vale ampliar o conceito QVT, que de acordo com França (1997) está relacionado ao olhar da empresa para com os funcionários, respeitando as diversidades, visto que a QVT é um fator preponderante para que haja motivação e produtividade. Sendo assim, QVT é o somatório das ações positivas das empresas em relação às condições trabalhistas dos seus colaboradores. Nesse contexto, o trabalho passou a ter sentido positivo ou negativo e o fator determinante para que o indivíduo se incline para uma ou outra variável é o modo como se interpreta as condições trabalhistas oferecidas pelas empresas. Caso o trabalho seja assimilado como algo obrigatório e que a única motivação seja apenas a aquisição do salário,

provavelmente será um caminho que conduzirá ao sofrimento e o indivíduo não perceberá o quanto o trabalho poderia acrescentar a nível social (Tolfo & Piccinini, 2007). Deste modo, França (1997) afirma a importância do olhar da empresa para com os colaboradores, respeitando as diversidades, visto que a Qualidade de Vida no Trabalho (QVT) é algo primordial para que haja motivação e produtividade. No que concerne o trabalho, Lima (2004) afirma que é possível se deparar com o prazer e o sofrimento dentro do ambiente de laboral, uma vez que o autor afirma que só é possível o trabalhador sentir prazer quando há oportunidades dentro da empresa em se expressar, opinar, ser reconhecido e ser elogiado. Já o sofrimento tem características fortes que contribuem para a desmotivação. Partindo dessa ótica é relevante frisar acerca do Sentido de Vida, que os indivíduos são embebidos de valores criativos, vivenciais e atitudinais que se inserem com o contexto trabalhista. Para Demo (2006), o trabalho traz consigo sentidos que são assimilados pelas pessoas, com destaque para educação, produção e terapia, melhorando o âmbito individual e o coletivo. Sob o prisma da Logoterapia, teoria desenvolvida por Viktor Emil Frank que tem como principal objetivo trabalhar por meio do sentido, onde este possui efeito terapêutico sobre a vida do homem, considerado uma condição primordial para a auto-realização e transcendência. Frankl (2003) diz que o trabalho faz com que o indivíduo amplie sua interação com a comunidade, o que vai trazer-lhe o real sentido e valor em praticá-lo. Com base nesta discussão, o presente estudo trata-se de uma revisão bibliográfica, uma vez que as premissas metodológicas fizeram com que o autor tivesse contato com vasta literatura a cerca do tema em questão, assim como Marconi e Lakatos (2003) evidenciam. Foi realizada uma pesquisa da literatura com estudos datados de 1876 à 2016 nas bases de dados, Google Acadêmico, Scielo, BVS, incluindo livros, dissertações, monografias e artigos. Os descritores utilizados foram: Trabalho, Call Center, Qualidade de Vida no Trabalho e Sentido de Vida. A literatura evidenciou que a maioria dos colaboradores de call center possui altos níveis de estresse (Ferreira, 2004). No que concerne Julião (2004), é possível elucidar que muitos são acometidos por doenças relacionadas ao trabalho e precisam melhorar a Qualidade de Vida no Trabalho. No tocante, é imprescindível pontuar que para Viktor Frankl (2003) é necessário que cada indivíduo perceba através da suas próprias lentes qual o sentido que rege a sua vida, sendo algo singular que compreende cada um, logo, as atitudes de enfrentar os desafios no âmbito do trabalho é necessariamente particular a cada ser constituente. Dessa forma, o presente estudo analisou a literatura e culminou com tais resultados por meio de uma análise baseada na Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl.

REFERÊNCIAS

Demo, P. (2006). Trabalho: Sentido da Vida! *B. Tec. SENAC*. 32(1), pp.4-17.

Frankl, V. E. (2003). *Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial*. São Paulo, Quadrante.

Julião, E. F. (2009). *A Ressocialização Através do Estudo e do Trabalho no Sistema Penitenciário Brasileiro*. Tese de Doutorado, Curso de Ciências Sociais, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Lima, F. B. (2004). *Stress, qualidade de vida, prazer e sofrimento no trabalho de Call Center*. Dissertação de Mestrado, Curso de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.

Madrugá, R. (2006). *Gestão moderna de callcenter & telemarketing: os 9Gs indispensáveis para você entender, criar e revolucionar centrais de atendimento*. São Paulo: Atlas.

Marconi, M. A. & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas.

Ferreira, M. F. (2014). Interação teleatendente-teleusuário e custo humano do trabalho em central de teleatendimento. *Revista brasileira de saúde ocupacional*, 29(110).

Tolfo, S. R. & Piccinini, V. C. (2007). Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. *Psicologia e sociedade*, 19(esp.).

Ziliotto, D. M. & Oliveira, B. O. (2014). A Organização de Call Centers: Implicações na Saúde Mental dos Operadores. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 14(2).

BUSCANDO O SENTIDO DO TRABALHO EM MEIO AO ESTRESSE EM PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE ESCOLAS PÚBLICAS DA CIDADE DE SANTA RITA - PB

ÁREA TEMÁTICA: TRABALHO E ORGANIZAÇÕES

Fernanda da Silva Miranda (fernandamirandapsi@gmail.com)

Faculdade Maurício de Nassau

Lenildo Lima de Oliveira (miss_lenildolima@hotmail.com)

Faculdade Maurício de Nassau

Jacqueline Matias dos Santos (jackpsico@hotmail.com)

Faculdade Maurício de Nassau

Resumo. O presente estudo apresenta o tema referente ao sentido do trabalho em meio ao estresse em professores, tendo por base a perspectiva da Logoterapia. Os professores vêm tendo uma grande carga de estresse no seu cotidiano, que inclui desde aspectos do ambiente de trabalho até seus problemas pessoais, e por muita das vezes o trabalhador está desapercebido sobre qual o sentido que ele tem dentro de si sobre seu trabalho, mesmo em meio a situações estressantes. De acordo com Silva, Damásio e Melo (2009) o ambiente que certamente apresenta a maior frequência de estresse é o local de trabalho, sendo o companheiro de trabalhadores que por muita das vezes se encontram em situações difíceis, totalmente oposta ao que se espera de uma qualidade de vida no trabalho. E no que tange ao contexto escolar parece ser um ambiente estressor por excelência. Dado que o estresse docente ocorre de forma individual em cada professor, sendo importante analisar quais são os tributos interiores existentes na vivência de grande parte dos professores que os ajudam a manter-se saudáveis e realizados com seu emprego, mesmo na presença de desagradáveis condições contextuais. A Logoterapia e análise existencial que é uma escola de psicoterapia criada por Viktor Frankl (1905-1997) funda uma teoria a respeito do sentido da existência humana, com o argumento de que o ser humano tem como principal anseio a busca por um sentido em sua existência (Silva, Damásio & Melo, 2009). Conforme os pressupostos da Logoterapia o sentido existencial pode ser descoberto por meio de três diferentes categorias de valor (Frankl, 1987). A primeira categoria de valor diz respeito a execução de um trabalho significativo, chamada de valores criativos. E que possibilita ao indivíduo

a oportunidade de se sentir produtivo para sociedade e mais que isso, a realização existencial através do trabalho tenha sentido para si mesmo, independente da profissão. A segunda categoria de valores é chamada de valores vivenciais, um exemplo é um professor esforçado que observa a formatura de seus alunos, que se mostra como um momento de conquista pessoal que fez sua vida ter sentido. Como terceira categoria temos os valores atitudinais que se refere a como o indivíduo se comporta diante de dificuldades. De acordo com a realização existencial dos valores criativos, pode-se afirmar que um trabalho executado com sentido pode ser considerado um meio de realização existencial do ser (Silva, Damásio & Melo, 2009). O valor de criação no ambiente trabalhista é uma viabilidade na procura de sentido para o trabalhador, como também é um caminho pelo qual o homem tem uma oportunidade de deixar algum feito no mundo. Sendo assim, é possível o trabalhador encontrar maneiras de enfrentamento de adversidades no local de trabalho se seu foco ser a realização das tarefas, com a amplitude do seu pensamento sobre sua produção, considerando os benefícios que isso trará para o meio social (Aquino & Cagol, 2013). Mas mesmo diante dos sofrimentos causados sobretudo pelo sistema capitalista, o indivíduo pode encontrar um sentido de vida no seu trabalho (Dantas, 2011). Ou seja, no ambiente de trabalho o sujeito pode enfrentar variadas situações, e nesse mundo capitalista ao qual vivemos, o trabalho se transformou em algo mecânico, retirando assim a habilidade criativa do indivíduo o que lhe provoca em certas vezes uma enorme insatisfação. De acordo com o que Frankl apresenta sobre uma consciência de sentido de vida o indivíduo pode descobrir nesse sofrimento que vive nas organizações, sua missão dentro daquele ambiente, é o que Frankl nomeia de Sentido do Trabalho (Oliveira, 2013). Teve-se, portanto, como objetivo identificar qual o sentido do trabalho em meio ao estresse em profissionais da educação do ensino fundamental de escolas públicas da cidade de Santa Rita - PB. O estudo trata-se de uma pesquisa exploratória, de campo, com abordagem de dados qualitativa. Realizada com professores de 2 escolas públicas da cidade de Santa Rita - PB, onde mediante consentimento prévio da diretoria das escolas obtemos como amostra 5 professores de uma escola e mais 4 professores de uma outra, totalizando assim, numa amostra de 9 professores. Para coletar os dados os instrumentos utilizados foram um Questionário Sociodemográfico e uma entrevista aberta, utilizando a técnica de Evocação, Enunciação e Averiguação. A coleta dos dados foi realizada de forma individual com cada um dos professores e as informações coletadas foram analisadas a partir da técnica de análise de conteúdo. Os resultados encontrados referente ao sentido do trabalho em meio ao estresse para cada professor entrevistado foram distribuídos em uma tabela que envolveu aspectos de sentido social, em que o sentido do trabalho estava voltado a ajudar os alunos a crescerem profissionalmente; sentido pessoal, em que apareceram questões referentes a importância de ter responsabilidade com a missão que está nas suas mãos e da satisfação em ser professor; sentido institucional onde tem-se o fator respectivo as dificuldades que são enfrentadas no ambiente escolar; e vivências, que se destacou a questão da ampliação das relações, em não ser apenas um professor, mais um amigo, pelo fato do educador fazer parte da vida do aluno. Todos esses quesitos possibilitaram o entendimento de que em meio ao estresse vivenciado por eles cada um refletiu e expressou por palavras o sentido do seu trabalho. Com isso percebeu-se que os professores têm um valor de criação na procura de um sentido para o seu trabalho tendo uma oportunidade de deixar assim, algum feito no mundo. Frankl (2003) argumenta que o que é interessante na análise existencial é fazer com que o indivíduo vivencie a responsabilidade de cumprir sua missão, e que quanto mais o homem entender o caráter de missão que a vida tem, mais sentido a sua vida terá. Falando sobre o sentido do trabalho, Frankl (2003) ainda relata que apenas quando o homem se desloca para além dos limites dos princípios puramente profissionais, ou seja, para além do que está estabelecido pela sua profissão que se inicia um trabalho verdadeiramente particular que só ele pode realizar plenamente.

REFERÊNCIAS

- Dantas, P. R. S. (2011). *Reflexões logoteóricas acerca do sentido do trabalho*. Trabalho de Conclusão de Curso, Curso de Psicologia, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande.
- Aquino, P. L. S. & Cagol, F. (2013). O sentido de vida no trabalho: contribuições da logoteoria para a qualidade de vida do trabalhador. *Revista Logos & Existência: Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial*, 2(2).
- Frankl, V. E. (1987). *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Porto Alegre: Sinodal.
- Frankl, V. E. (2003). *Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da Logoterapia e análise existencial*. São Paulo: Quadrante.
- Oliveira, A. S. (2013). *Sobre o sentido do trabalho: entre Frankl e Dejours*. Trabalho de Conclusão de Curso, Curso de Psicologia, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande.
- Silva, J. P., Damásio, B. F. & Melo, S. A. (2009). O sentido de vida e o estresse do professorado: um estudo correlacional. *Cadernos de psicologia social do trabalho*, 12(1), pp.111-122.

"PROGRAMA BEM VIVER": ATENDIMENTO PSICOLÓGICO AOS COLABORADORES DA UNIFEQB

ÁREA TEMÁTICA: TRABALHO E ORGANIZAÇÕES

Helga Hinkenickel Reinhold (helgareinhold@gmail.com)

Centro Universitário da Fundação de Ensino Octávio Bastos - UNIFEQB

Resumo. Por sugestões dos próprios colaboradores, bem como baseado na constatação de que problemas de saúde e dificuldades psicológicas no âmbito pessoal, familiar e no próprio trabalho dos colaboradores afetam o desempenho dos mesmos no trabalho, a UNIFEQB (Centro Universitário da Fundação de Ensino Octávio Bastos) elaborou e instituiu em 2016 o “PROGRAMA BEM VIVER”. O Programa consiste em um trabalho de prevenção e intervenção, destinado a atender seus cerca de 400 colaboradores, entre docentes e pessoal administrativo, nas áreas de Psicologia, Nutrição e Condicionamento Físico, tendo em vista que o trabalhador em estado de conforto, segurança, satisfação, saúde, contentamento – o “bem viver” – apresenta desempenho mais satisfatório e criativo em seu trabalho, contribuindo para a manutenção de seu próprio equilíbrio físico e psíquico, bem como oferecendo maior produtividade e qualidade do trabalho à instituição. O atendimento psicológico de orientação e aconselhamento tem como fundamentação teórica o modelo antropológico tridimensional da Logoterapia (Frankl, 1986), com a utilização de seus recursos para a busca de sentido na vida e no trabalho, para o desenvolvimento da resiliência (Melillo & Ojeda, 2005) e fortalecimento da dimensão noética: diálogo socrático, apelação à consciência, derreflexão, modulação de atitudes, técnica do denominador comum, clarificação e hierarquização de valores, análise de modelos (Frankl, 1986; Lukas, 2012). Objetivos:

Proporcionar ao colaborador apoio psicológico para a resolução de conflitos e dificuldades pessoais, laborais e de relacionamento, de forma preventiva e interventiva; promover a produtividade pessoal e institucional, a satisfação no trabalho e a convivência harmoniosa entre os colaboradores; reduzir o estresse laboral excessivo ao perceber o sentido do trabalho (Pattakos, 2005); ressaltar que a autorrealização pelo trabalho ocorre como consequência de realização de tarefas e projetos. Método: O Projeto BEM VIVER, executado por psicóloga com formação em Logoterapia, oferece apoio psicológico e acolhimento aos colaboradores em caráter coletivo, sob forma de palestras dialogadas e dinâmicas de grupo, conforme necessidades e interesses que possam emergir, com enfoque na prevenção de problemas psicológicos e melhoria do bem-estar pessoal e profissional; e em caráter individual, visando apoio psicológico a colaboradores que se encontrem em situação de conflito, perda ou pressão que não conseguem enfrentar; estejam em elevado nível de ansiedade ou estresse; se sintam em desequilíbrio emocional o qual afeta sua vida no trabalho e fora dele; tenham dificuldade para perceber um sentido em seu trabalho; tenham necessidade de orientação ou esclarecimentos sobre assuntos relativos à psicologia; apresentem sintomas sugestivos de dificuldades psicológicas; necessitem de orientação psicológica para dificuldades pessoais, familiares e profissionais. Resultados: O atendimento psicológico do Programa Bem Viver entrou em funcionamento no início do mês de maio de 2016, tendo atendido individualmente 20 colaboradores entre maio e junho, com realização de uma entrevista inicial e um ou mais retornos, conforme as necessidades de cada colaborador. As queixas principais se referem a “dificuldades pessoais” 70%, “problemas familiares” 15% e “dificuldades no trabalho”, 15%. Atuando preventivamente, foram realizadas as seguintes palestras, acompanhadas de discussão, com duração de 60 minutos: (1) Psicologia e trabalho: Qual a contribuição da Psicologia para a saúde mental de quem trabalha? (2) Mudanças: Por que é tão difícil mudar nossos hábitos (indesejáveis e prejudiciais)? (3) Psicologia e Nutrição: Qual a relação entre Psicologia e hábitos alimentares? As palestras esclareceram o modelo tridimensional da logoterapia, com ênfase na dimensão noética e no antagonismo noo-psíquico, abordando a noção de que o ser humano não é escravo de sua genética nem do ambiente, ele tem a possibilidade de se posicionar diante do psicofísico, e, se necessário, opor-se a ele, noção que facilita a mudança de hábitos e atitudes prejudiciais ao colaborador e ao seu entorno e que constitui preocupação fundamental do PROGRAMA BEM VIVER. Está programada para agosto de 2016 uma quarta palestra sob o título “Psicologia e Bem Viver”, encerrando esse primeiro ciclo de temas, com ênfase na dinâmica do modelo tridimensional do ser humano de acordo com a Logoterapia, autotranscendência, sentido da vida e do trabalho, valores. Tanto nas palestras, quanto nos atendimentos individuais, foi ressaltada a importância da autotranscendência na vida e no trabalho. No final de junho 2016 os participantes do Programa responderam anonimamente a um questionário avaliativo cujos resultados mostram que, tanto as palestras quanto o atendimento individual, foram importantes para reflexões pessoais e tomada de decisões quanto a mudanças de atitudes e hábitos prejudiciais e indesejáveis, assumindo de forma mais consciente a responsabilidade pelo próprio desenvolvimento pessoal e profissional. O PROGRAMA BEM VIVER, embora com poucos meses de funcionamento, já está evidenciando repercussão positiva entre os colaboradores e deverá ser constantemente avaliado para efetuar ajustes em sua dinâmica e procedimentos.

REFERÊNCIAS

Frankl, V. E. (1986). *Psychotherapy and existentialism*. New York: Washington Square Press.

Lukas, E. (2012). *Psicoterapia em dignidade*. Ribeirão Preto: IECVF.

Melillo, A. & Ojeda, E. N. S. (org.). (2005). *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. Porto alegre: Artmed.
 Pattakos, A. (2005). *En busca del sentido*. Barcelona: Paidós.

REALIZANDO VALORES ATRAVÉS DA MATERNIDADE

ÁREA TEMÁTICA: SOCIEDADE E DESAFIOS DO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Simone Guedes Alves Gomes dos Santos (simoneguedesagir3@gmail.com)

AgirTrês Núcleo de Logoterapia

Veridiana da Silva Prado Vega (veriprado@hotmail.com)

AgirTrês Núcleo de Logoterapia

Resumo. O presente trabalho apresenta os primeiros resultados da pesquisa sobre a questão da realização de valores através da maternidade, segundo a ótica da Logoterapia e Análise Existencial. Sobre este tema primordial na compreensão da vida humana, não foram encontrados trabalhos ou artigos publicados, o que instigou este estudo. O objetivo da pesquisa é desvelar como as mulheres realizam valores na maternidade respondendo ao chamado das situações novas, inesperadas e mesmo adversas que poderão vivenciar e consequentes atitudes tomadas diante dos sentimentos experienciados. Parafraseando Elisabeth Lukas, “...grandes perguntas exigem respostas grandiosas.” Lukas (1990, p. 33). Utilizamos metodologia de pesquisa Quanti-Qualitativa, estudando um grupo de 40 mulheres, mães de filhos naturais ou adotivos, de 0 a 7 anos. Utilizamos como instrumento para coleta de dados, um questionário online com 35 questões no total: 31 perguntas fechadas e 4 abertas; com termo de esclarecimento e solicitação de consentimento livre e esclarecido. Os eixos norteadores utilizados: experiência como mãe, comportamento do filho (a, s), adversidades e desafios, sentimentos decorrentes e atitudes tomadas. Na análise parcial observamos respostas às perguntas fechadas apresentando maior frequência positiva de presença da adversidade citada; e as atitudes tomadas diante dos sentimentos foram enquadradas nas três categorias de sentido: valores criativos, vivenciais e atitudinais. Como resultado, nas perguntas fechadas 83,8% de respostas afirmativas indicaram: medo de não ser uma boa mãe; angústia pelo retorno ao emprego e distanciamento do filho; angústia por deixar o filho aos cuidados de outra pessoa. Nas perguntas abertas foram identificados 3 principais sentimentos percebidos na maternidade: 12% expressam sentimentos de solidão; 25% sentimentos de intensa alegria e 63% sentimentos de intensa angústia. 12 relatos apontam para a realização de valores atitudinais, ao aceitarem situações, limitações ou circunstâncias; quando não é possível mudar tais condições apresentam uma mudança interna. 8 respostas indicam a presença de valores vivenciais, conforme abrem-se para a experiência dos relacionamentos, principalmente com os próprios filhos, mas também com familiares e amigos que contribuíram com os desafios encontrados. 12 comentários referem-se a valores criativos, relatando inovações para solucionar as adversidades, seja buscando ajuda de profissionais especializados, mudando de trabalho e/ou dividindo tarefas. Houve 8 abstenções ou inadequações nas categorias de sentido. Os pontos principais deste estudo estão voltados à questão axiológica, tendo como pressuposto a afirmação de Frankl (2012, p. 108) “...o homem não é um ser impelido por algo pulsional, mas é antes um ser atraído pelo elemento valorativo. [...] valores me atraem, mas não me impelem. Eu me decido pela realização de valores em

liberdade e responsabilidade; [...] tomo uma resolução...”. Ao falar em valor, deve-se pensar sobre 'como' algo é realizado e não apenas sobre 'o que' se realiza. O que torna possível encontrar sentido e realização existencial é o 'como' cada pessoa oferece aquilo que tem a algo ou a alguém. Na maternidade, há um chamado para vivenciar o relacionamento com seu filho (a, s) e atender a necessidade do outro com suas características pessoais, sentimentos e ações. Juerg Willi, (Apud Lukas, 1990) nos ensina que o processo de relacionamento proporciona uma relação mais intensa do que poderia ocorrer se estivéssemos sozinhos, através de experiências únicas dentro de nosso próprio eu ao sermos solicitados por outra pessoa. A forma como a mulher vivencia a maternidade, 'como' responderá a esse chamado, será singular e insubstituível. Ao realizar valores vinculados ao sentido do amor, do trabalho e do sofrimento, pode encontrar sentido, que é algo pessoal, único e irrepitível. Conforme a pessoa esquece de si e entrega-se à uma tarefa (missão), neste caso, à maternidade e ao filho, torna-se mais humana e mais ela mesma, porque autotranscende (Frankl, Apud Lukas, 1990). Toda existência humana pode encontrar sentido quando se vive para algo ou para alguém. No ato de amar há um grande senso de compromisso e uma responsabilidade escolhida conscientemente. Para que a mulher supere as novas situações e desafios que surgem com a maternidade, e decida como exercer seus diversos papéis na sociedade, é preciso romper paradigmas e aprender a pensar não apenas de maneira causal, mas também intencional. O sentido está no 'para que' o seu fazer está orientado, e não no 'por que'. De acordo com Lukas (1990), o pensamento intencional aponta para aquilo em que pode ser transformado o estado presente, trata-se de uma visão que ultrapassa o pensamento causal, que é determinista e se ocupa apenas da causa. É indispensável mudar a perspectiva e ampliar o campo de visão: alterar a trajetória - a partir daquilo que é, dirigir-se para aquilo que deveria ser. Em um mundo onde as famílias se apresentam nas mais diversas configurações e arranjos relacionais, inversamente ao que ocorria no passado, não havendo presentemente o pilar das tradições para estabelecer certo ou errado, Lukas (1992) é através da realização consciente e intencional de valores que a mulher, enquanto mãe, poderá encontrar sentido. Para Lukas (1990, p. 28) “A intencionalidade visa um fim, um sentido, um objetivo, visa aquilo em que pode ser transformado o estado presente”. A pesquisa verificou como as mães realizaram conscientemente as categorias de valor diante das circunstâncias, desafios e sentimentos. Encontrar sentido se torna possível na medida em que as mães realizam valores, sejam valores vivenciais, criativos ou atitudinais. As respostas evidenciam que os valores muitas vezes são realizados simultaneamente e não estão desvinculados. Independente da forma encontrada pelas mães para lidar com suas experiências, confirma-se que o papel de mãe apresenta uma rica possibilidade de realização de valores, tanto enriquecendo-se com a vivência das relações, quanto ao crescimento interno através das mudanças de atitude, notabilizando-se o aspecto noético do ato criativo como recurso terapêutico.

REFERÊNCIAS

- Lukas, E. (1992). *Assistência Logoterapêutica*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes.
- Lukas, E. (1990). *Mentalização e Saúde*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes.
- Frankl, V. (1988). *The will to meaning*. New York: Meridian Book.
- Frankl, V. (2012). *Logoterapia e Análise Existencial*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária.

O SENTIDO DA PATERNIDADE - RECONHECIMENTO E ACEITAÇÃO DA RESPONSABILIDADE

ÁREA TEMÁTICA: EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA

Suely Paula Britto (suely.britto@hotmail.com.br)

Vínculo institucional não informado

Paulo Kroeff (kroeff.paulo@yahoo.com.br)

Vínculo institucional não informado

Resumo. Introdução: Este artigo foca nas dificuldades que homens têm de assumir responsabilidades inerentes à nova função, ao se tornarem pais, através da análise dos conflitos explicitados entre o casal, durante o acompanhamento psicoterapêutico de oito mulheres, quatro delas acompanhadas de seus maridos. A maternidade, por evidente, é um fato conhecido desde sempre. Em tempos primitivos, a aceitação pela mãe da responsabilidade de alimentar e proteger o bebê era a única possibilidade de sua sobrevivência. Já a participação do pai na procriação somente tornou-se conhecida há aproximadamente cinco a sete milênios. Segundo Dupuis (1989, p. 1), “os homens primitivos ignoravam a paternidade, nada suspeitavam sobre o princípio da procriação pela união dos sexos”. Para que se possa assumir uma responsabilidade, é necessário que ela esteja acessível à consciência e se aceite assumi-la. Frankl, o criador da Logoterapia, em uma definição de ser humano afirma que “ser homem é ser-consciente e ser-responsável” (Frankl, s/d, p. 17). Saber seu papel na procriação não tornou tão evidente para o pai a necessidade de assumir a responsabilidade pelo procriado, como o era para a mãe. Por isso, a antropóloga Margaret Mead afirma que a paternidade é uma invenção social (Mead, 1971). Viktor E. Frankl (2002) diz que se encontra sentidos na vida concretizando valores, entre os quais os de criação e de vivência. O sentimento amoroso levaria um casal à união, concretizando um valor de vivência. Os membros deste casal, na divisão tradicional de tarefas, se dividiriam assim: o homem trabalharia fora - e se visse seu trabalho como significativo, estaria concretizando um valor de criação; a mulher, cuidaria da casa e dos filhos. Se ela considerasse essas tarefas como importantes, estaria realizando também um valor de criação, acrescido do valor de vivência. A diferente valorização social destas tarefas, gerou muitas vezes tensões nas vivências dos casais. Modernamente, com o ingresso da mulher no mundo profissional externo ao lar, os casais tiveram que adotar novas formas de dividir as tarefas, compartilhando-as, ou, às vezes, terceirizando-as. Frequentemente, mesclando estas duas formas. Estes novos arranjos, mesmo aceitos intelectualmente, nem sempre estão integralmente incorporados à cultura, tensionando o relacionamento conjugal. Ainda estão sendo experimentados pelos casais, com diferentes graus de sucesso. O detalhamento da fórmula proposta por Frankl sobre o que é ser humano nas vicissitudes do dia a dia, pode ocasionar conflitos. As tarefas de ser pais se revelam mais complexas e intrincadas nos detalhes do dia a dia, do que a aceitação abstrata de um compartilhamento consensuado. O “ser responsável” é mais difícil do que o “ser-consciente”. Um dito chinês sobre a vida plena, sugere que as pessoas plantem uma árvore, escrevam um livro e tenham um filho. Para a Logoterapia (Frankl, 2002), escrever um livro concretizaria um valor de criação. Pressupõe um esforço continuado por algum tempo. Plantar uma árvore, pode ser o exercício

tanto de valores de criação como de vivência, dependendo do cuidado que a jovem árvore exigir pós-plantio. A ação de conceber um filho, é um ato de curtíssima duração. Mas criar um filho, é um projeto de muitos anos. Quando um casal decide ter um filho, deveria “ser-consciente” de que esse projeto de longo prazo exige responsabilidades consensuadas, para evitar tensões e frustrações na vida do casal. Objetivos: Fazer um levantamento das dificuldades dos pais em assumir suas funções, buscando soluções consensuadas com o casal. Método e resultados: Nos relatos das oito mulheres mencionadas, destacam-se alguns aspectos a serem rediscutidos: 1. Reorganização dos tempos individual, conjugal e familiar - Antes da chegada do bebê, cada membro tinha um tempo individual para atividades pessoais, além do tempo de convivência conjugal. A convivência com familiares podia estar no tempo individual ou conjugal. Mencionaram-se muitas queixas da desorganização masculina na administração desses três tempos, com a chegada do bebê e a ampliação da vida familiar. Prometidas mudanças para incluir-se na nova vida familiar, eram adiadas. Chegaram a ser mencionados um aumento da carga de trabalho, início de um novo hobby ou de atividades desportivas, e o prolongamento de viagens de trabalho, para incluir dias de férias, ou a proposição de férias prolongadas só do casal, deixando o bebê. Uma das mulheres referiu como se tivesse, então “duas crianças para cuidar: o pai e o filho”. 2. A distribuição das tarefas - A atribuição de tarefas compartilhadas entre o casal com frequência gera conflitos. A chegada do bebê potencializa-os. As mulheres referiam desconhecimento ou minimização por parte dos homens, da complexidade dos cuidados com um bebê, ou a parcialidade ou “tercereização” da sua execução, exemplificadas em falas como: “dá um banho por semana, troca uma fralda de vez em quando e acha que ajuda muito”; “fica vendo TV com o bebê ao lado, mas sem cuidar das necessidades dele”. Havia também reclamações por eles minimizarem o cansaço das mulheres dizendo, em alguns casos, que elas “só” tinham que cuidar do bebê. 3. A vivência do afetivo e do sexual - As mulheres expressaram sentimentos negativos, de serem deixadas sós, de não serem confortadas, de receberem críticas por seu grande envolvimento com o bebê e manifestações de ciúmes por esta ligação, com reclamações por eventual diminuição da frequência ou intensidade do relacionamento sexual, devido ao cansaço ou da atenção dividida com o bebê. Esta atenção ao bebê muitas vezes é criticada como exagerada, “acostumando” mal a criança. Considerações finais: Ter um filho deveria ser um sentido compartilhado de vida. Este projeto vital tem que ser acompanhado de ajustes no relacionamento e na assumpção das responsabilidades que dele advém.

REFERÊNCIAS

- Dupuis, J. (1989). *Em nome do pai* - Uma história da paternidade. São Paulo: Martins Fontes.
- Frankl, V. E. (s/d). *Psicoterapia e sentido da vida* - Fundamentos da Logoterapia e análise existencial. São Paulo: Quadrante.
- Frankl, V. E. (2002). *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes.
- Mead, M. (1971). *Macho e fêmea*. Petrópolis: Vozes.

RELIGIOSIDADE/ESPIRITUALIDADE E SENTIDO NA VIDA NO PROCESSO DE RECUPERAÇÃO DE DEPENDENTES QUÍMICOS

ÁREA TEMÁTICA: SOCIEDADE E DESAFIOS DO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Alisson de Meneses Pontes (alissonedebora@hotmail.com)

Faculdades Integradas de Patos

Maria José Soares de Andrade (mariajose_jesusristo@hotmail.com)

Faculdades Integradas de Patos

Josevaldo Leite dos Santos (josevaldoleite@hotmail.com.br)

Vínculo institucional não informado

Resumo. A dependência química deixou de ser uma questão restrita às pessoas de baixa renda e passou a atingir a população como um todo, principalmente os jovens, se tornando um grave problema social e de saúde pública em nossa realidade. O uso abusivo de substâncias psicoativas pode ocorrer em decorrência de diversos fatores, como a curiosidade, desejo de transcendência, busca de prazer, sabedoria e imortalidade, porém, há uma forte associação com o consumo de substâncias lícitas - a exemplo do álcool e o cigarro - constituindo uma porta de entrada para as ilícitas. Essas substâncias geram diversos efeitos nefastos como: alterações no estado de consciência do usuário, a autodestruição do sujeito, prejuízos na saúde física e psicológica, moral, na vida familiar, social e espiritual. Nesse sentido, foram criadas diversas medidas de tratamento ao uso de drogas, com a finalidade de reduzir esse fenômeno na sociedade, a exemplo do CAPSAD, (Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas) e Alcoólicos Anônimos (AA). Outra possibilidade, são as comunidades terapêuticas religiosas, que tem como objetivo proporcionar a recuperação desse dependente e sua reinserção social. Algumas dessas comunidades apresentam estilos de vida que se baseiam em 3 fatores: trabalho, convivência e espiritualidade. Independente da religiosidade professada, observa-se um forte impacto da religiosidade e da espiritualidade no tratamento da dependência química. Outro fator fundamental nesse contexto é o sentido da vida. Frankl afirma que se não houver um motivo, uma razão para deixar a dependência química, o homem jamais a deixará. Nessa perspectiva, a falta de sentido para a vida fundamenta o vazio existencial vivenciado pelo homem ocidental atual, que faz do prazer/poder a intensão última de sua vida e, dessa forma, frustra sua vontade de sentido, passando a experimentar uma grande frustração (Silva & Oliveira, 2012). Por isso Frankl compreende que o consumo de drogas é considerado um sintoma dessa neurose de massa. Considerando o exposto, o presente estudo investigou a importância da religiosidade/espiritualidade e do sentido da vida no processo de recuperação de dependentes químicos internos em uma comunidade terapêutica religiosa, e como esses fatores repercutem no tratamento. Participaram da pesquisa 10 internos do sexo masculino de uma comunidade terapêutica religiosa localizada no estado da Paraíba, com as idades entre 18 a 51 anos. Foram utilizados um questionário sócio demográfico e uma entrevista semiestruturada, abordando questões como: motivos que levaram a iniciar o e permanecer no tratamento; o que mudou na vida antes e durante o tratamento; a religiosidade/espiritualidade tem alguma

influência no tratamento?; é possível tirar algo de significativo dessa experiência? Os dados foram analisados a partir da Análise de Conteúdo seguindo as orientações de Bardin. Através dos discursos dos participantes, foi possível identificar o surgimento de três categorias, a saber: vazio existencial, valor de experiência e vivência religiosa/espiritual. Na amostra estudada, sugere-se que o uso abusivo de uma substância química psicoativa é consequência da falta de realizações de sentido, que se manifesta numa frustração das necessidades existenciais, como observado nas falas: “O que me levou a iniciar o tratamento foi o estado que eu me encontrava: triste, angustiado e até mesmo sem vontade de viver, e o principal, o afastamento da família” (R.N.D); “Quase entro em depressão...” (D.C.S). Resultado semelhante foi encontrado no estudo de (Silva & Oliveira, 2012), ao sugerir a associação entre a dependência e o vazio interior. Frankl (2012) afirma que quando o homem intenciona o prazer como fim, como ocorre no caso da dependência química, não passa de uma tentativa frustrada de preencher seu vazio, conseqüentemente, há o surgimento de sentimentos como tristeza, angústia, desânimo, que repercute de forma nefasta na vida do usuário e nas suas relações. A segunda categoria encontrada foi denominada de “valor de experiência”, sendo identificada a partir das falas: “Aqui a gente aprende a amar e ser fraterno com o outro...” (F.L.E); “aqui encontro pai e mãe e irmão, aqui encontro uma família. Aqui eles me ajudam, para mim não sofrer mais” (F.C.O). Uma das expressões dos valores de experiência é a vivência com outro ser humano, sendo o mesmo que amá-lo em sua essência única e irrepitível. Frankl (2005, p. 136) afirma que “o amor é a única maneira de captar outro ser humano no íntimo da sua personalidade”, de ver o que está potencialmente contido nele, aquilo que ainda não é, mas pode vir a ser, pois através desse amor a pessoa que ama capacita a pessoa amada a realizar suas potencialidades. Portanto, sugere-se que o acolhimento e as relações experienciadas na instituição e com a família promovem o encontro de sentido. A terceira categoria foi descrita como “vivência religiosa/espiritual”, sendo identificada através de falas como: “A religiosidade me traz um sentido de viver” (F.L.E); “A experiência com a religiosidade e a espiritualidade me faz querer ser um pai exemplo” (A.G.B). Para Frankl (2012), a busca por sentido é uma manifestação da dimensão genuinamente humana, a dimensão noológica (espiritual), a qual pela sua dinâmica pode despertar a vivência da religiosidade, como ocorre com o homo religiosus. Por fim, observou-se que a religiosidade/espiritualidade e o sentido da vida promoveram uma melhor adesão e recuperação aos internos. Dessa forma, sugere-se que são fatores fundamentais no processo de reabilitação de dependentes químicos internos em comunidades terapêuticas religiosas.

REFERÊNCIAS

- Frankl, V. E. (2012). *Logoterapia e Análise Existencial: textos de seis décadas*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Frankl, V. E. (2005). *Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo*. Aparecida: Idéias e Letras.
- Silva, R. L. & Oliveira, F. S. (2012). O sentido da vida para jovens dependentes químicos. *Psicologia Argumento*, Curitiba, 30(71), pp.671-678.

O SENTIDO DO AMOR: REFLEXÃO SOBRE OS RELACIONAMENTOS ATUAIS E OS FUNDAMENTOS DA LOGOTERAPIA

ÁREA TEMÁTICA: SOCIEDADE E DESAFIOS DO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Andreia da Silva Paulino (deiapaulino.psicologia@gmail.com)

Faculdade Mauricio de Nassau

Karen Guedes Oliveira (karen_costaguedes@hotmail.com)

Faculdade Mauricio de Nassau

Silvania Cordeiro da Silva (silvania.nene@hotmail.com)

Faculdade Mauricio de Nassau

Resumo. O trabalho apresentado inicia através da história do relacionamento de Viktor Frankl e sua primeira esposa Tilly. Frankl (2010) descreve que se casaram devido serem eles mesmos, não um personagem que o outro idealizava, ou seja, casaram por amor. Frankl (2010) descreve que amar é captar outra pessoa no íntimo da sua personalidade, levando o amado à consciência daquilo que ele pode ser; e mais, conscientizá-lo daquilo que ele deveria vir a ser. Com essa reflexão surge o questionamento: qual é o sentido do amor no relacionamento entre os jovens na atualidade? Então, objetiva-se investigar sobre o sentido do amor nos relacionamentos afetivos entre adolescentes e jovens, tendo como embasamento teórico a Logoterapia, criada pelo próprio autor e textos sobre a temática do sentido do amor em relacionamentos afetivos. Segundo Frankl (1985 citado em Souza et al, 2012) os homens não sabem mais o que querem e nem o que devem fazer de sua existência devido à perda dos instintos e da tradição. Renunciando sua autenticidade e unicidade para seguir o que os outros fazem ou ordenam, devido às mudanças na contemporaneidade. A busca do indivíduo por um sentido é a motivação primária em sua vida e não uma racionalização secundária de impulsos instintivos. E essa vontade de sentido pode ser frustrada, nesse caso a logoterapia fala de frustração existencial. O termo existencial pode ser entendido por três maneiras: a existência em si mesma, ao modo especificamente humano de ser; o sentido da existência e à busca por um sentido concreto na existência pessoal. Frankl afirma que essa busca pelo sentido da vida não significa dizer que o homem está doente, mas sim que expressa o que há de mais humano em si. Neste contexto os adolescentes se preocupam com o sentido e a maturidade cognitiva. A problemática essencial da existência humana se abre ao homem jovem, que está em processo de amadurecimento e luta espiritual, tendo a característica do vazio existencial. Fazendo com que o homem não consiga saber mais o que querem e nem o que devem fazer de sua existência devido à perda dos instintos e da tradição. Com esta afirmação Frankl defende que um homem que não conheça o seu sentido de vida, acaba perdendo o mais importante de seu ser, tendo uma vida incompleta. Cabe ressaltar que o sentido da vida difere de pessoa para pessoa, podendo mudar, sendo algo que direcione sua vida, portanto, o sentido é pessoal e situacional. Diante do homem encontram-se alternativas para que o mesmo possa encontrar um sentido em sua vida. Oferecendo três formas de descobrir esse sentido: 1) Sentido do trabalho, isto é, criando um trabalho ou exercendo uma ação; 2) Sentido do amor, ou seja, experimentar algo ou

conhecer alguém ou desfrutar de um momento, uma vivência; 3) Sentido atitudinal, que consiste pela atividade que assumimos em relação ao sofrimento inevitável como o sofrimento, a culpa e a morte, também conhecida como tríade trágica. Frankl (2008) afirma que o principal objetivo do homem é encontrar algo que lhe dê sentido, uma motivação para que possa continuar vivendo, isto é, encontrar um sentido pessoal. Em seu livro *Em busca de sentido* descreve que ninguém consegue ter consciência plena da essência última de outro ser humano sem amá-lo, fazendo com que o amor não seja apenas um acontecimento de instinto ou impulsos. O amor é uma necessidade básica assim como a união carnal. O autor complementa enfatizando que o sentido do amor seja a doação de ambos para que cada um realize os sentidos de sua existência. E na atualidade, qual é o real sentido do amor? Será que estamos amando e deixando o outro encontrar e viver sua existência? Esse questionamento nos leva a reflexão de Bauman (2004), o qual relata que na atualidade os relacionamentos são passageiros, e as redes sociais pode está sendo usadas para facilitar o não comprometimento. Fazendo do romantismo do amor algo fora de moda, um amor que não é duradouro nem tão pouco sólido, esse fato pode contribuir com o vazio existencial onde não encontram um sentido de vida e acabam se frustrando e cobrando do outro o preenchimento desse vazio. Os resultados dessa reflexão teórica serão analisados e discutidos com base nos fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl.

REFERÊNCIAS

- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Frankl, V. E. (2008). *Em Busca de Sentido: Um Psicólogo no campo de Concentração*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes.
- Frankl, V. E. (2010). *O Que Não Está Escrito Nos Meus Livros: Memórias*. São Paulo: Realizações.
- Souza, E. A & Gomes, E, S. (2012). A Visão de Homem em Frankl. *Revista Logos e Existência: Revista da Associação Brasileira De Logoterapia e Análise Existencial*, 1(1), pp.50- 57.

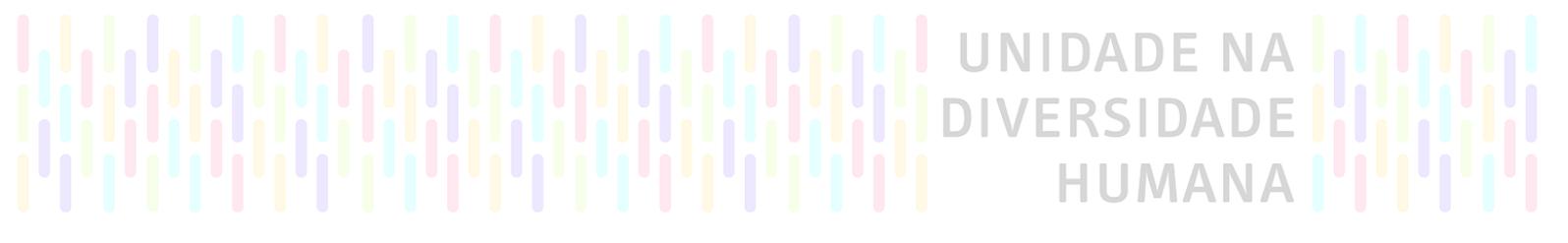
DENSIDADE EXISTENCIAL: A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO COMO FATOR DE PROTEÇÃO AO SUICÍDIO

ÁREA TEMÁTICA: SOCIEDADE E DESAFIOS DO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Carlos Henrique de Aragão Neto (caragao.neto@gmail.com)

Universidade de Brasília - UnB

Resumo. Em observações clínicas, percebe-se um ponto em comum a pacientes com comportamento suicida: eles não gostam das suas próprias histórias de vida. Relatam suas caminhadas na existência como algo que os constrange, os tornam culpados, rancorosos, entre outros aspectos deletérios. Tal peso, faz com que essas pessoas se desencantem com a vida, percam o sentido, vivam um imenso vazio e busquem a própria morte para dar cabo ao intolerável sofrimento decorrente desse processo. O autor criou o neologismo Densidade Existencial como



UNIDADE NA
DIVERSIDADE
HUMANA

proposta para a reflexão sobre a importância da história de vida para a saúde do indivíduo. Construir uma existência densa como o maior patrimônio, que se sobressai como importante fator de proteção ao suicídio. Importante ressaltar, que uma existência densa não significa uma vida absolutamente privilegiada, feita de sucessos e prazeres. Sabemos que os fracassos, derrotas e insucessos compõem o cenário existencial. A questão central é o significado que isso toma no decorrer do processo. Densidade existencial é uma construção da qual se tem orgulho, é uma trajetória de sucessos e fracassos contada em verso e prosa. Uma história contada com prazer. O presente trabalho tem como objetivo fazer uma relação entre a falta de sentido, o vazio e o suicídio. A busca de sentido faz parte da condição do ser humano ao longo da existência, e a sua ausência o leva ao chamado vazio existencial. O vazio é considerado o problema fundamental do homem moderno. No discurso de pessoas que pensaram ou que tentaram tirar a própria vida, a falta de sentido na vida e o vazio existencial são frequentemente mencionados como fatores de risco. O conceito de densidade existencial surge como fator de proteção ao processo que pode levar o indivíduo ao suicídio, considerado pela OMS como grave problema de saúde pública. O referencial teórico da Logoterapia e a dissertação de mestrado do autor intitulada Os aspectos socioantropológicos que contribuem para a tentativa de suicídio em Teresina-PI foram a base deste trabalho. A morte por suicídio desafia a compreensão humana. Carrega um alto grau de estigma social, é vista como uma morte desnecessária e põe em destaque o questionamento entre continuar ou desistir da vida. Um dos aspectos que mais estarcem a sociedade diante de uma morte voluntária é que esta parte de uma decisão do próprio indivíduo, deixando uma enorme dúvida quanto às motivações e um sem número de “por que?”. Todavia, para que alguém inicie uma ideação e chegue ao ato suicida, uma miríade de fatos marcam a respectiva trajetória de vida. Segundo a OMS, a mortalidade por suicídio cresceu 60% nos últimos quarenta e cinco anos no mundo. Atualmente, são um milhão de mortes ao ano. Entretanto, de acordo com as projeções da OMS para 2020, mais de um milhão e meio de pessoas morrerão por suicídio. (Organização Mundial da Saúde, 2000). Uma pergunta surge ao conjecturarmos sobre o sentido da vida humana: existe diferença de perspectiva nas expressões “sentido da vida” e “sentido na vida”? Poder-se-ia usar “da vida”, ao nos reportamos a uma dimensão mais universal desse sentido, qual seja, o processo existencial dado a todos com o nascer, crescer e morrer. No entanto, ao usar “na vida”, estaríamos tratando de algo mais individual, particular de um sujeito, um sentido para si, independente do fazer sentido a outrem. Seria o que valora a vida de uma pessoa, ao invés do que poderia valorar uma determinada sociedade ou mesmo a humanidade inteira. Na mesma direção, Kujawski (citado em Velloso, 2011, p. 28) afirma: [...] é no âmbito da minha vida, da primeira pessoa do singular, que me aparecem a segunda e a terceira pessoas [...] a vida humana pode ter sentido, doar sentido em sua escala global. Mas o que se pergunta é se a minha vida, a tua, a dele, a vida pessoal, tem sentido. Na obra de Frankl e Lapide (2013), percebe-se a mesma linha de pensamento. Há uma diferenciação entre o “sentido na vida” (em uma determinada situação de vida); o “sentido da vida”; o “sentido do universo”. A Logoterapia, sendo uma psicoterapia centrada no sentido, ocupa-se principalmente com a concepção do “sentido na vida”, como situação concreta. Pensar a palavra “sentido” na relação com o “vazio” e o suicídio, possibilita-nos trazer um dos seus significados que é “triste”, inserindo-a na seguinte expressão: “Estou ‘sentido’ na vida e a minha vida não tem sentido; estou triste na vida, esvaziado de sentido, e talvez a morte seja a única solução para dar cabo a esse sofrimento diante do vazio”. O sentido da vida deve ser pensado como algo fluido e não estanque, ou seja, de acordo com o momento em que estamos no processo existencial, o sentido pode ser alterado: o que anteriormente fazia sentido, agora poderá não fazer mais, e vice-versa. A ausência de sentido na vida leva ao que chamamos de “vazio existencial”. Rollo May (2002), conclui que o problema fundamental do homem moderno é o “vazio”. Gente que ignora o que quer, que não tem ideia nítida do que sente, não tem experiência definida dos próprios desejos e necessidades, oscilam, sentem-

se impotentes, ocas, vazias. Pontua ainda, algo por demais frequente na clínica: as pessoas esperam do exterior o preenchimento das suas faltas. Falam sobre o que deveriam ou gostariam de desejar, sem saber exatamente o que desejam (May, 2002). Tal condição o leva, no futuro, ao que denominamos de “crises existenciais”, conhecidas inclusive no senso comum. Se seguirmos um fluxo razoavelmente coerente com a realidade, essas crises existenciais, caso não sejam bem elaboradas, levam o indivíduo ao vazio, à falta de sentido, e, talvez ao suicídio.

REFERÊNCIAS

Organização Mundial Da Saúde. (2000). *Manual para prevenção de suicídios para professores e educadores*. Genebra.

Frankl, V. & Lapide, P. (2013). *A busca de Deus e questionamentos sobre o sentido*. Petrópolis: Vozes, 2013.

May, R. (2002). *O homem à procura de si mesmo*. Petrópolis: Vozes.

TÉDIO E SENTIDO DA VIDA: LOGOTERAPIA COMO TERAPÊUTICA DO ÓCIO

ÁREA TEMÁTICA: SOCIEDADE E DESAFIOS DO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Eduardo Almeida Quezado Fernandes (limaneto.vb@gmail.com)

Instituto Sherpa Psicologia Clínica

Valdir Barbosa Lima Neto

Universidade Federal do Ceará

Resumo. A Logoterapia é a abordagem psicológica que compreende o sentido como o principal motor existencial da vida. Seu surgimento veio em resposta ao crescimento acentuado de um dos principais males do século XX, o vácuo existencial: a ausência de significado, de preenchimento e de motivação para viver. Os “tempos modernos”, caracterizados por uma sociedade industrial e comercial, trouxeram a humanidade grande sensação de perda de sentido, desse modo, no advento da contemporaneidade, tais perdas vão se intensificando, contribuindo por uma busca desenfreada por sentidos na vida ou mesmo por substitutos que aliviem a sensação de vazio (Frankl, 2011). Desse modo, Viktor Frankl, fundador da abordagem, argumenta que a dificuldade de lidar com o tempo torna-se um dos principais desafios do homem contemporâneo. Vivemos uma época de automatização incipiente e ela proporciona ao homem horas de lazer em quantidade cada vez maior. Mas ele não sabe o que fazer com elas. Não somente as horas de lazer, como o outono da vida, colocam o homem diante do problema de como ele deverá preenche-las: também o aumento da duração da vida põe o homem em face do vácuo existencial. (Frankl, 1976, p.51). Intensificam-se as necessidades de lidar com as demandas do mercado e da produção, ao mesmo tempo, em proporções similares, cresce a ausência de sentido oriunda de uma vida aprisionada a posses, produzindo formas vazias e, muitas vezes, adoecidas de tentar suprir a frustração existencial de nossos dias (Franciscleudo & Martins, 2016). Atualmente, com os avanços tecnológicos, evidencia-se uma procura apressada pela autosatisfação, pela resolução de problemas pessoais e de trabalho. Aquino & Martins

(2007) evidenciam como a pressa para responder as demandas do mercado, seja no âmbito laboral ou na esfera pessoal, tornaram-se uma marca de nossa época: Neste espaço, surge a pressa como um fenômeno típico da atualidade e como mola mestra para os avanços tecnológicos que fabricam equipamentos para se poder ganhar mais tempo... paradoxalmente, o homem termina por preencher esse tempo disponível com mais atividades e afazeres. No caos entre necessidades econômicas e existenciais, o homem contemporâneo se vê dividido entre as obrigações impostas por suas atividades laborais e o desejo de libertar-se dessas tarefas e, assim, poder usufruir um tempo para si (Aquino & Martins, 2007, p.481). Toda essa conjuntura implica a manutenção massificada de um vazio existencial a nível social, que assumi a forma do tédio. E em uma atualidade na qual se vive satisfações intensas de necessidades básicas, as tensões do cotidiano são supridas por diversos atos vazios, desembocando na sensação de tédio, que despotencializa existencialmente os indivíduos (Frankl, 2015). Considero o ritmo acelerado da vida de hoje como uma vá tentativa de automedicação da frustração existencial; pois quanto menos conhece o homem a finalidade de sua vida, mais ele acelera o ritmo com o qual a segue (Frankl, 2015. p. 71). O tédio evidencia a frustração de sentido amplamente compartilhada entre as pessoas na atualidade e, desse modo, o autor nos alerta:” ...O tédio pode ser “mortal”.Com efeito, alguns autores chegam a afirmar que os suicídios podem ser atribuídos, em última instância, aquele vazio interior que corresponde à frustração existencial” (Frankl, 2015, p.69). Este estudo, por meio de pesquisa bibliográfica e revisão de literatura, pretende compreender a experiência de ócio como o lugar de desvelamento de sentido, promovendo uma leitura logoterápica sobre o sentido do ócio na contemporaneidade, no intuito de possibilitar compreender a logoterapia como um recurso que baliza a promoção de ócio no tratamento do tédio e da frustração existencial. Para tanto, torna-se fundamental explicitar de que concepção de ócio este estudo está convidando ao diálogo com a logoterapia. A concepção de ócio em sua raiz grega antiga é tematizada pelo filósofo Aristóteles como uma atividade livre e escolhida, prazerosa e não utilitarista, unicamente com o propósito de enriquecer e desenvolver o ser humano, uma prática plena de possibilidades de sentido (Francileudo & Martins, 2016). Com ascensão do mercantilismo, do ideal de lucro e de produtividade, a ocupação do tempo com a produção e a utilidade tornam-se práticas e concepções centrais na vida do homem moderno. Desse modo, ao longo da história, a ideia de ócio foi se transformando, deixando de significar um estado contemplativo, criativo e de celebração da vida, como era comumente entendido na antiguidade, para representar um lazer sem sentido, uma desocupação, uma perda de tempo em uma modernidade onde, em linha gerais, grande parte dos valores estão no que possui ou no que se produz. (Francileudo & Martins, 2016). É fundamental, portanto, retomarmos a concepção antiga de ócio enquanto momento desprezioso, gratuito e enriquecedor da experiência humana para dialogar a abordagem logoterápica, enquanto uma metodologia existencial, que objetiva mobilizar a pessoa humana a desvelar sentidos em sua vida e como um potente recurso de trabalho e promoção de ócio. O sentido é a motivação básica para o existir, é uma vivência fenomenológica, uma apreensão do dado da experiência imediata que se constitui como consciência pré-reflexiva, intuitiva e emocionada (Frankl, 2012). Apenas na experiência de ócio, em que podemos nos apropriar de nós mesmo, na gratuidade da vivência por ela mesma, que vislumbramos momentos plenos de sentido. Possibilitar uma maior qualidade de apropriação do ócio, desse modo, destaca-se como forma de responder ao tédio. Nesse sentido, podemos observar um traço característico da abordagem logoterápica, como promotora de ócio, portanto, como uma prática não utilitarista e não objetivista, mas fenomenológica. Contudo, os estudos do ócio apresentam-se como importantes contribuições a Logoterapia, enquanto uma terapêutica que se propõe a possibilitar desdobramentos de sentido, como uma pedagogia para a responsabilidade, para responder a temporalidade que vivenciamos, em meio a uma atualidade que mostra-se deficiente em lidar com o seu tempo próprio.

REFERÊNCIAS

- Francileudo, F; & Martins, C.(2016) Sentido do Tempo, Sentido do Ócio Sentidos para Viver. Coimbra: Grácio.
- Frankl, V. (2011). *A Vontade de Sentido: Fundamentos e Aplicações da Logoterapia*. São Paulo: Paulus.
- Frankl, V. (2012). *Logoterapia e Análise Existencial: Textos de seis décadas*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

SER HOMEM, SER MULHER: DESAFIOS DA DIVERSIDADE NA UNIDADE HUMANA

ÁREA TEMÁTICA: SOCIEDADE E DESAFIOS DO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Paulo Kroeff (kroeff.paulo@yahoo.com.br)

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Tatiane Baggio (tatibaggio.psi@gmail.com)

Vínculo institucional não informado

Resumo. Introdução: A proposta é tensionar a temática das diferenças e semelhanças entre mulheres e homens. Os autores têm consciência de que são influenciadas por seu sexo biológico e as concepções que a cultura lhes inculcou. Relacionam suas colocações com concepções da Logoterapia. Não é estudo exaustivo da temática. A motivação para o trabalho surgiu entre os membros de um Curso de Formação em Logoterapia. Objetivo: Abordar questões que merecem mais estudo e debate nas relações entre homens e mulheres. Método: Os autores respondem a quatro questões, cada um comentando a resposta do outro. Resultados: A seguir, as questões e respostas: 1. O QUE É SER HOMEM E SER MULHER? *Mulher* - Pensando-se as três dimensões propostas por Frankl: 1. Dimensão somática: há características físicas e biológicas que diferenciam um corpo masculino de um corpo feminino. Segundo a logoterapia, o homem é um ser livre para fazer escolhas, inclusive sobre seu corpo, mas não pode ser considerado somente nessa dimensão. 2. Dimensão psicológica: a relação entre homem e mulher sempre foi influenciada pela cultura e família. Tem havido mudanças, mas ainda predomina o domínio do homem. 3. Dimensão nooética: “O homem é um ser em busca de sentido”, além de ser “consciente responsável” (Frankl, citado em Kroeff, 2014, p. 27). Novas possibilidades de relacionamento podem levar a conflitos, mudando-se o experienciar dos valores de criação e de vivência, gerando mudança nos valores de atitude, em temas como solidão, sofrimento e morte (Kroeff, 2014, p. 194). Ser mulher hoje envolve a luta pelos seus direitos, ante os privilégios dos homens. Homem - Ser homem, ou ser mulher são duas formas diferentes do ser humano, pois “pode-se definir o homem como multiplicidade na unidade”. (Frankl, s/d, p. 3). Deve-se reconhecer a diferença, sem perder a semelhança. Freud afirmou que “anatomia é destino”. Seria, então, vivenciar uma das possibilidades que a natureza nos destinou na concepção: o sexo biológico. Algumas pessoas não o aceitarão, pois a pessoa é “o ser que sempre decide o que ele é.” (Frankl, 1991, p. 84). A cultura vivenciada será decisiva para a caracterização de ser homem ou mulher. É assunto que demanda mais reflexão. 2. COMO DEVEM SER AS RELAÇÕES DE CASAL. Homem - Uma relação de casal pressupõe a autotranscendência proposta por Frankl (1991). Cada membro do casal estaria dirigido ao outro, exercendo um valor de vivência, e,

UNIDADE NA
DIVERSIDADE
HUMANA

portanto, um dos possíveis sentidos para a vida, propiciando uma relação mutuamente justa e gratificante. Sendo “a consciência e a responsabilidade [...] os dois fatos fundamentais da existência humana” (Frankl, 1967, p. 13), deveriam reger a relação de casal pois, como diz Frankl, o instinto e a tradição já não fornecem orientação suficiente. Mulher - Igualdade e liberdade devem estar presentes para se ter uma relação saudável e não abusiva. É importante o diálogo constante sem haver anulação, cobranças excessivas, e sentimentos de posse. Fronteiras entre o individual e o conjugal precisam ser respeitadas. É importante o respeito à individualidade e autenticidade do outro.

3. DE QUEM DEVE SER A LUTA PELA EQUALIZAÇÃO DOS DIREITOS. Mulher - Essa luta é de todos. O feminismo nunca matou ninguém, o machismo mata todos os dias. O machismo está presente no discurso de homens e mulheres. É um sintoma social a serviço do controle e da propriedade. Segundo Frankl, somos seres livres e com responsabilidade, em busca de sentido. Para alcançarmos a igualdade, primeiro é necessário reconhecer as disparidades e diferenças de direitos que ainda existem. Se essa luta for comum seremos uma sociedade mais livre e igualitária. Homem - Homem e mulher formam dois polos de uma relação. Assim, o que afeta um desses polos, afetará o outro. Então, a luta pelos direitos da mulher deve ser esforço conjunto de homens e mulheres, de toda a sociedade. Como se evoluiu para um ideal de igualdade de direitos, podemos nos inspirar na definição de noodinâmica proposta por Frankl (s/d): uma relação tensionada entre dois polos, entre o ser e o dever-ser. Então, que homens e mulheres assumam e avancem esta tensão polarizada entre como estão as relações e como deveriam ser, exercendo sua capacidade de decisão.

4. O HOMEM TEM O DIREITO DE TER O FILHO QUE A MULHER NÃO QUER? Mulher - Segundo Frankl, escolhas devem basear-se no sentido e valores da pessoa (Frankl, 1978). Essa liberdade não pode ser tirada da mulher e do homem que estão decidindo ter ou não um filho. Considere-se, contudo, que é a mulher quem assume os riscos e consequências da gravidez, e que ter o filho não garante que o homem irá assumi-lo depois. Antes de tudo ser homem é ser livre e ser responsável (Frankl). Diante disso, a escuta e o acolhimento destes casos precisam respeitar a liberdade de escolha, apresentando a responsabilidade e consequências dessa escolha, para que assim a mulher e o homem possam decidir. Homem - O aborto deveria ser uma absoluta exceção. Ter um filho deve ser uma decisão consensuada, antes de ser concebido. Um filho é o resultado da ação de dois seres, homem e mulher, sendo, portanto, de responsabilidade compartilhada. Se não planejado o filho, a questão do aborto se complica enormemente quando um dos membros do casal quer o filho e o outro não. Se se aceita que a mulher aborte, quando há consenso, ou quando o homem se omite, porque não se deveria considerar o desejo de assumir o filho quando este é manifestado pelo homem? A natureza não deu escolhas quanto a quem desenvolve aquele que foi concebido. Ter esse corpo estaria acima da responsabilidade compartilhada? É uma questão que deve ser mais refletida.

REFERÊNCIAS

- Frankl, V. E. (s/d). *Psicoterapia e sentido de vida - Fundamentos da Logoterapia e análise existencial*. São Paulo: Quadrante.
- Frankl, V. E. (1967). *Psicoanálisis y existencialismo*. México: Fondo de Cultura Económico.
- Frankl, V. E. (1991). *Em busca de sentido - Um psicólogo no campo de concentração*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes.
- Kroeff, P. (2014). *Logoterapia e existência - A importância do sentido da vida*. Porto Alegre: Evangraf.

A LOGOTERAPIA NO CONTEXTO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE ASSISTÊNCIA SOCIAL: CULTIVANDO A ESPERANÇA NO COTIDIANO

ÁREA TEMÁTICA: SOCIEDADE E DESAFIOS DO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Rayanne Chagas Barbosa (rayanne.cb@gmail.com)

Universidade Estadual da Paraíba - UFPB

Resumo. Em dezembro de 1993, foi sancionada a Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), que regulamenta a Assistência Social no âmbito da Seguridade Social, como política social pública. Diante desse contexto, com a aprovação da Política Nacional de Assistência Social (PNAS), em 2004, e com a construção do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), em 2005, o Estado afirma seu compromisso com a garantia de direitos por meio da oferta de programas e serviços especializados voltados à Proteção Social da população (Brasil, 2008; Brasil, 2005). A atuação em Políticas Públicas é desafiante, e no contexto da Assistência Social é sinônimo de encontrar à flor da pele, cotidianamente, situações limite. A Logoterapia toca esse lugar quando procura orientar para a busca de valores, para o despertar de forças vivas e sadias, mesmo encontrando enraizamentos em um contexto cultural limitante, e assim proporcionar o empoderamento para domínio da vida de seus usuários. Este trabalho procura, desta forma, versar sobre o encontro da Logoterapia no contexto das Políticas de Assistência Social. Para o MDS - Ministério do Desenvolvimento Social e combate à Fome - (2009), a assistência social é direito do cidadão e dever do Estado, é Política de Seguridade social não contributiva, que provê os mínimos sociais, realizada através de um conjunto integrado de iniciativa pública e da sociedade, para garantir o atendimento às necessidades básicas. As Políticas Sociais Públicas são caracterizadas como a ação do Estado na intervenção social mediante a formulação e implementação dos padrões de proteção social. São ações estatais desenvolvidas por meio dos programas e serviços que proporcionam a garantia de direitos e condições dignas de vida ao cidadão de forma equânime e justa. Atualmente podemos encontrar facilmente nos municípios, de portes variados, equipamentos como o Centro de Referência em Assistência Social (CRAS), o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), e em algumas Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS), entre outros que se tornam espaços de esperança e (re)encontro de valores. Nesse lugar de defesa e garantia de direitos encontramos a “Psicoterapia da Esperança” de Viktor Frankl ao passo que dizemos que encontrar sentido na vida é um dos mais importantes fatores de prevenção, proteção, preservação e sustentação da vitalidade do ser humano; como afirma Santos (2016). Na sociedade que nos encontramos, para além dos vazios motivados pelo capitalismo, e da ausência de recursos, torna-se fácil se deparar com o vazio existencial, a ausência de sonhos e perspectivas, a ausência de visão do horizonte que se pode alcançar. A sanidade do ser humano não é apenas somática, nem apenas somática e psíquica, mas uma sanidade somática, psíquica e noética, permeada pelo social (Santos, 2016). Nos espaços que os equipamentos sociais chegam a tocar é possível notar mais com e vontade, valores e busca, onde nossa Declaração de Direitos Humanos tanto coloca e pouco efetiva. Tal reflexão advém de minha atuação enquanto Psicóloga Logoterapeuta, junto às Políticas de Assistência Social em dois municípios do interior da Paraíba; operando em situações de vulnerabilidade, violação de direitos e encontrando, junto de seus usuários, novas expectativas. Ter um direito violado é ter uma invasão que gera marcas além das vistas, ocasiona em diminuição de perspectivas, que quando não trabalhadas podem gerar amarras incalculáveis.

Trabalhar para prevenção dessa violação e reavivar os sonhos, muitas vezes esquecidos, é ir encontrar com o proporcionar de saúde e consciência social. O dia a dia enquanto técnica de referência da Assistência Social nos coloca em situações desafiadoras e em um seletivo grupo frágil socialmente quando visto através da sensibilidade da baixa renda e extrema pobreza; para isso o encontro é possível através da visita domiciliar, do conduzir de grupos para gestantes, crianças, adolescentes, idosos, mulheres; no acolher, informar e direcionar possibilidades de cuidado e transformação da realidade. Assim como diz Simões (2010): Segundo a Lei, a assistência tem por finalidade assegurar a prestação das necessidades básicas, com base nas quais as políticas públicas, com a participação da comunidade, definem os mínimos sociais, de natureza mais ampla. Para reduzir os níveis de pobreza, prevê diversas estratégias: criação de programas de geração de trabalho e renda; proteção a maternidade, as crianças e aos adolescentes; apoio a gestantes; pessoas com deficiência ou pessoas idosas, desde que carentes por meio de ações continuadas de assistência social. O conceito das atividades no primeiro setor também nos imprime uma necessidade de estar atenta para fugir das atividades assistencialistas e ser conhecedor das Políticas que nos circundam para atuar da melhor forma e saber encontrar os mecanismos propulsores das ações mais estratégicas para seus usuários. É ver claramente a necessidade de busca da dimensão noética; dessa força de reação humana, na exploração das potencialidades para se chegar em um contexto de superação de suas necessidades para construir seu destino, afastar os paradigmas limitantes que circundam suas vidas e dar um salto onde o “para quê” é reconhecido, fortificado e encarado. Desta forma me encontro enxergando ainda mais a Logoterapia no dia a dia das Políticas de Assistência Social e em cada usuário que nos vem ao encontro da esperança, essa que tantas vezes está tão apagada.

REFERÊNCIAS

Brasil. *Política Nacional de Assistência Social*. Brasília, DF. 2004.

Brasil. *Norma Operacional Básica de Recursos Humanos do SUAS – NOB-RH/SUAS*. Brasília, DF. 2005.

Santos, F. C. G. (junho de 2016). *Logoterapia e Promoção da Saúde*. Disponível em <http://ablae.org.br/blog/logoterapia-e-promocao-da-saude>. Acessado em junho, 2016.

Simões, C. (2010). *Curso de direito do serviço social*. São Paulo: Cortez.

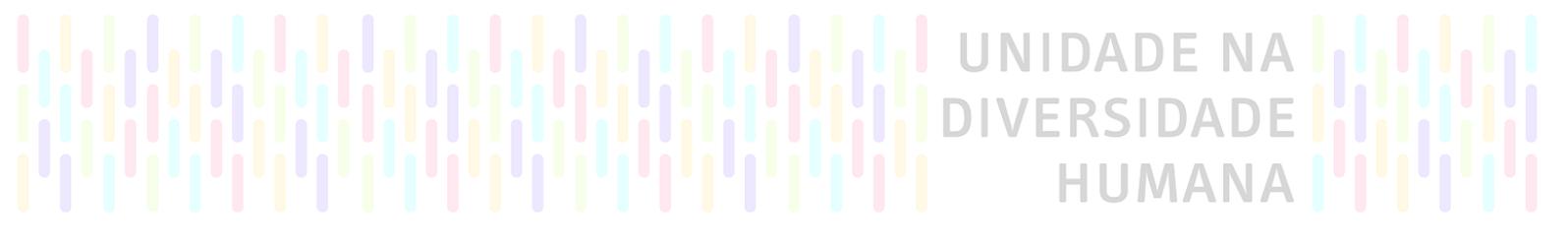
NEUROCIÊNCIA E LOGOTERAPIA: DIALOGANDO SOBRE O LIVRE-ARBÍTRIO

ÁREA TEMÁTICA: FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS E ANTROPOLÓGICOS DA LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

Juan Alves Apolinario (apolinario.psi@gmail.com)

Universidade Estadual da Paraíba - UFPB

Resumo. O problema do livre-arbítrio é discutido por filósofos e cientistas há muito tempo. Viktor Frankl, o fundador da logoterapia, é um dos autores que se preocupou com o tema e discorre a cerca dele (Frankl, 1978). Alguns neurocientistas também voltaram os olhos para essa problemática e oferecem algumas conclusões sobre



UNIDADE NA
DIVERSIDADE
HUMANA

o tema (Lavazza, 2016). Essas conclusões podem trazer novos elementos na concepção frankliana da liberdade da vontade no homem. Portanto, uma comparação detalhada pode esclarecer questões que vistas superficialmente geram preconceitos, muitas vezes errôneos, sobre a visão do autor e de neurocientistas, obscurecendo assim o debate. Esclarecendo tais questões, pode-se avançar no debate do livre-arbítrio, que tem impactos não só na logoterapia, como em toda ciência e outros campos como o sistema jurídico e as estratégias comerciais. Objetivos: Os objetivos deste trabalho consistem em esclarecer o conceito de livre-arbítrio contida na filosofia frankliana; verificar o que a neurociência trás sobre o tema; e verificar a compatibilidade – ou não – com o que é apresentado por Frankl. Metodologia: A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica em livros e busca de artigos em bases de dados acadêmicos. Resultados: Livre-arbítrio para Viktor Frankl - O conceito de livre-arbítrio em Frankl (Frankl, 1978; Frankl, 2013) está ligado à ideia de Liberdade da Vontade (LV), que é um dos pilares da sua visão homem. A LV é a capacidade que o homem tem de romper com os fatores que influenciam sua decisão e decidir apesar delas. Isso quer dizer que dentro dos limites do possível, o homem pode agir contra qualquer influência que sofra (Frankl, 1990). Frankl (1978) esclarece que não considera que o homem seja livre desses fatores, mas que ele é livre para se posicionar diante deles. Ele pode ceder a eles, como também pode ir contra eles. Fatores esses que podem ser de ordem psíquica, social ou biológica. Nenhum desses campos pode limitar uma decisão humana, apesar de exercer influência. Frankl (1978) rejeita a noção de compatibilismo. Para ele, o ser humano só pode ser totalmente determinado ou ter alguma possibilidade de liberdade e se essa possibilidade existir, o livre-arbítrio existe. Livre-arbítrio na neurociência - Alguns dos principais estudos sobre o livre-arbítrio na neurociência são interpretados de modo a concluir que o livre-arbítrio é uma ilusão e que as decisões são tomadas a nível neurológico, sem o sujeito estar consciente dessas decisões. O pioneiro nessas pesquisas foi Libet (1985), seu famoso experimento visava detectar usando EEG o que ele chamou de potencial de prontidão, que seria a atividade no córtex motor preparatória a um movimento. O movimento em questão era de apertar um botão e a atividade no córtex motor era medida na tomada dessa decisão. Foi observado que antes mesmo do sujeito tomar consciência de sua decisão, a atividade referente a ela já estava detectada a nível neural (Libet, 1985; Libet et al. 1999). Haynes et al. (2007) fizeram um experimento na mesma linha, pedindo para que os sujeitos apertassem botões usando a mão esquerda ou direita. Os pesquisadores verificaram que a atividade envolvida na decisão era conhecida através da ressonância magnética até 7 segundos antes da consciência da decisão, apoiando assim a ideia de não existir livre-arbítrio. Outros neurocientistas têm conclusões semelhantes (De Souza, 2014). Para grande parte dos pesquisadores, esses estudos parecem indicar que o livre-arbítrio é uma espécie de epifenômeno e que as decisões não são tomadas livremente, mas sim por mecanismos neurológicos inconscientes. Livre-arbítrio, Neurociência e Logoterapia - Frankl (1978) também não estipula controle total e onipresente da vontade. Na verdade, ele diz acreditar que na maior parte do tempo o ser humano age de forma a não estar consciente do que o move a agir. Esses argumentos se assemelham ao que é proposto por Lavazza (2016). Este autor se apoia em estudos recentes (Schurger et al, 2016) para sustentar a ideia de que os determinantes encontrados nesses estudos não são determinantes no sentido de determinarem a decisão final. Lavazza (2016) reinterpreta os resultados e verifica que nem todas as situações experimentais mostram uma correlação entre atividade neural e decisão tomada. Os sujeitos ainda podiam negar a ação iniciado a nível inconsciente e não realizar a atividade que se esperava em tal atividade neural. Libet (1999) já reconhecia esse fato e o chamou de poder de veto, que seria a capacidade de do sujeito de depois de ter tomado consciência da ação, vetá-la e não prosseguir com a ação, mostrando assim certo grau de liberdade. Pode-se concluir que no estágio atual dos estudos na neurociência, temos resultados que apoiam a noção de liberdade de Viktor Frankl. Se a interpretação

de Lavazza (2016) estiver correta, o conceito de liberdade da vontade em Frankl é então apoiado pelo que a neurociência oferece no momento.

REFERÊNCIAS

De Souza, C. E. B. (2014). *Neurociência da racionalidade versus racionalidade da neurociência: uma análise crítica a partir da filosofia das neurociências*. Revista Ciências & Cognição, 19(3).

Frankl, V. (1978). *Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia*. Rio de Janeiro: Zahar.

Frankl, V. (1990). *Logoterapia y Análisis Existencial*. Barcelona: Herder.

Frankl, V. E. (2013). *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. São Leopoldo: Editora Sinodal.

Haynes, J. D., Sakai, K., Rees, G., Gilbert, S., Frith, C., & Passingham, R. E. (2007). Reading hidden intentions in the human brain. *Current Biology*, 17(4), pp. 323-328.

Lavazza, A. (2016). Free Will and Neuroscience: From Explaining Freedom Away to New Ways of Operationalizing and Measuring It. *Frontiers in Human Neuroscience*, 10, pp.262.

Libet, B. Libet, B. (1985). Unconscious cerebral initiative and the role of conscious will in voluntary action. *Behavioral and Brain Sciences*, 8(04), pp.529-539.

Libet, B., Freeman, A., & Sutherland, K. (1999). The volitional brain. Towards a Neuroscience of Free Will. *Bowling Green: Philosophy Documentation Center*. (Originalmente publicado em: *Journal of Consciousness Studies* 6,(8/9).

Schurger, A., Mylopoulos, M., & Rosenthal, D. (2016). Neural antecedents of spontaneous voluntary movement: a new perspective. *Science*, 332, pp.1446.

NÁUFRAGO: O PODER DA RESILIÊNCIA NO SENTIDO DO SOFRIMENTO

ÁREA TEMÁTICA: FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS E ANTROPOLÓGICOS DA LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

Rayssa Pereira de Souza (rayssapereira45@hotmail.com)

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

Pâmela Salmana Antas Florentino (pamela_salmanaaf@hotmail.com)

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

Resumo. O presente trabalho tem por objetivo discutir a importância da resiliência na percepção do sentido do sofrimento do sujeito. Para isso, será utilizado como base o filme *Náufrago*, que apresenta uma história de superação e de resiliência, alcançada pela expressão do valor atitudinal e percepção de sentido do sofrimento

pelo personagem principal. Encontrando-se em condições opostas, desenvolveu todo seu potencial desconhecido por si mesmo em meio a todo o sofrimento. Analisando de maneira pontual cada condição exposta e em escrito, foi preciso desenvolver alguns fatos principais com seus devidos comentários em detalhes baseados no sentido do sofrimento. Constantemente nos deparamos com histórias de vida de superações, sejam de ordem física, social, financeira. A Logoterapia aponta o aspecto do antagonismo psiconótico, no tocante à capacidade que o homem tem em não ser condicionado. Essa capacidade, somada à resiliência, contribui para que uma pessoa consiga superar seus condicionantes. A resiliência, termo que advém da física, designa a capacidade que alguns corpos têm de retornar à sua forma original, sendo tal conceito, na psicologia, emprestado para designar a capacidade que um sujeito tem de superar adversidades, apresentando capacidade de resistência frente aos problemas e bons níveis de enfrentamento. Ou seja, pessoas ditas resilientes são aquelas que, depois de terem vivenciado algum período de sofrimento intenso, apresentam uma melhor percepção de um motivo pelo qual valeria a pena se adaptar à situação e recuperar-se, redirecionando-se para uma vida significativa e produtiva, atribuindo uma significação ao sofrimento vivenciado. O sofrimento é peculiar ao ser humano. Traz sentido à vida em diferentes graus de intensidade ao longo da existência. E o desafio se constitui em decidir o que fazer diante dele. “A capacidade de uma pessoa para superar o sofrimento depende da intensidade de sua realização interna de sentido. Quem basicamente acredita num sentido na sua vida, também é capaz de suportar um grande sofrimento, porque sua vida permeada de sofrimento não perde seu sentido, apesar de ter seu prazer reduzido” (Lukas, 1990, p. 173). Parte do filme o personagem vive um profundo sofrimento, uma frustração existencial que lhe causava um sentimento de falta de sentido/vazio. Entretanto, percebe-se que a esperança de um novo futuro o faz suportar o presente sofrimento, não desistindo de lutar para alcançar esse objetivo. O personagem encontra sentido no sofrimento através da busca de transformação do seu estado emocional, dando forma à situação em que se encontrava, estando engajado e totalmente dedicado a uma causa. “O sentido pode ser definido como uma possibilidade que se abre diante do pano de fundo da realidade. O sentido, portanto, é sempre um caminho realista, adequado às circunstâncias”. (Langle, 1992, p. 14). A partir do sofrimento vivenciado, sua capacidade resiliente se expressou contribuindo para a busca de um sentido naquele sofrimento inevitável. O personagem investe toda sua força através de valores criativos, vivenciais e atitudinais, como a construção de um barco para voltar para casa, faz de uma simples bola um amigo, buscando ter uma companhia para conversar. “O sentido da resiliência, então, é a busca de sentido da vida que se traduz em criatividade, aprendizado, superação, crescimento” (Silveira, 2007, p. 105). O sentido do sofrimento inevitável é fazer o homem sofrer uma transformação, tendo o poder de amadurecer e transformá-lo para melhor, constituindo assim o mais profundo sentido possível. “O homo sapiens é o homem que ousa e sabe sofrer, isto é, aquele que consegue transformar seu sofrimento em conquista, em uma realização humana”. (Pereira, 2013, p. 103). A resiliência também contribui para que o sujeito apresente atitudes autênticas, fugindo das posturas conformistas, totalitaristas ou fatalistas, posturas não-saudáveis para o ser. O personagem demonstra uma forte autenticidade em lutar pelo valor da vida, não se apresentando de forma fatalista, colocando-se enquanto mera vítima da situação, mas posicionando-se ativamente. Através de um encontro de sentido no sofrimento, uma forte resiliência o capacita independente da situação que se encontra, a alcançar uma força, uma fé, uma esperança, conseguindo encontrar uma razão para viver, um motivo para continuar lutando, esse sentido torna-se a força que o levanta do fracasso. “O sofrimento não priva nem nega ao homem a possibilidade de encontrar um sentido; porém, para encontrá-lo será decisiva a postura que se adota diante dessa situação inevitável” (Frankl, 1989:155). O sofrimento sem sentido pode levar à depressão e a destruição total de uma vida frustrada, porém o sofrimento que encontra algum sentido traz a transformação de si e a superação da circunstância presente, como aconteceu na vida de Noland. “Ao aceitar esse

desafio de sofrer com bravura, a vida recebe um sentido até o seu derradeiro instante, mantendo esse sentido literalmente até o fim. Em outras palavras, o sentido da vida é um sentido incondicional, por incluir até o sentido potencial do sofrimento inevitável.” (Frankl, 1991:102). A atitude de Noland em lutar por aquilo que realmente estava dentro de si, mesmo correndo riscos, nos infere um marco da sua resiliência, responsabilidade pela sua liberdade e por sua existência, exemplificando tal fato com a citação seguinte: “Ouso dizer que nada no mundo contribui tão efetivamente para a sobrevivência, mesmo nas piores condições, como saber que a vida da gente tem um sentido. Há muita sabedoria nas palavras de Nietzsche; “Quem tem um por que viver pode suportar quase qualquer como” (Frankl, 1989, p.95-96). Obtendo uma breve explicação para o sentido do sofrimento, é possível satisfazer-se com a resposta de que houve uma transformação ao sofrer. Portando, ele desenvolveu sua competência de enfrentar todos os acontecimentos com inteligência e criatividade.

REFERÊNCIAS

- Frankl, V. E. (2011). *A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia*. São Paulo: Paulus.
- Lukas, E. (1990). *Mentalização e saúde*. Petrópolis: Vozes.
- Silveira, D. R. (2007). O sentido da resiliência: a contribuição de Viktor Emil Frankl. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Pereira, I. S. (2013). *A ética do sentido da vida: fundamentos filosóficos da logoterapia*. Aparecida: Idéias e Letras.

QUANDO FRANKL CITA FREUD

ÁREA TEMÁTICA: FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS E ANTROPOLÓGICOS DA LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

Alan da Silva Veras (alanveras@gmail.com)

Universidade Federal da Bahia

Sheila Maria Hesketh Rabuske (sheilarabuske@uol.com.br)

Associação de Logoterapia Viktor Emil Frankl - ALVEF

Resumo. Neste trabalho analisamos as citações que Viktor Emil Frankl (1905-1997) fez sobre Sigmund Freud (1856 -1939) buscando compreender como o pensamento deste foi lido pelo pai da Logoterapia. O interesse pela temática surgiu como consequência de um trabalho publicado em 2014 (Vêras, Santos & Rocha, 2014). No artigo, os autores relataram que Freud aparece como autor mais citado. Portanto, para compreender o desenvolvimento do pensamento de Frankl seria útil entender o como ele via o pensamento de Freud. Revisamos de todas as referências de Frankl a Freud. Nossa metodologia consistiu em tabular, numa planilha, os dados referentes a todas as páginas dos livros de Frankl (publicados nos Brasil) em que este se referia a Freud. Em seguida, criamos tabelas com o total de citações e obras referenciadas. Depois, transcrevemos todos os parágrafos em um editor de texto para, em seguida, analisar cada trecho, buscando criar categorias para as citações sob análise. Resultados: 1 Neurose do nosso tempo - Para Frankl a neurose coletiva atual estava relacionada com confusões na auto-percepção antropológica do homem desse tempo (Frankl, 1998/2012). Portanto, ele contrapunha a tese freudiana de que todo conflito mental era decorrente de uma frustração dos desejos instintuais. 2 Perguntar pelo sentido

da vida não é sinônimo de doença - Frankl fez referência a uma carta que Freud escreveu para a princesa Bonaparte para criticar o niilismo, materialismo e reducionismo do pensamento freudiano. Refutou tal posição explicando que a crise de sentido não pode ser oriunda de fatores instintivos, pois nenhum ser guiado puramente por instintos interpela-se sobre o sentido da vida. 3 Filosofia como sublimação - Frankl argumentou que Freud foi reducionista e inverteu a ordem das coisas ao encarar a Filosofia como “nada mais que” sublimação ou válvula de escape para o sexo. Para Frankl é a busca desmedida em direção ao prazer que se mostra como uma válvula de escape ante o desespero em relação aos questionamentos filosóficos. 4 Freud como precursor da psicoterapia, mas cujos pensamentos precisam ser revisados - Frankl deu créditos a Freud pelo seu pioneirismo no que diz respeito à moderna psicoterapia. Destacou que ninguém jamais deveria ocupar o lugar que é devido a Freud. Contudo, ressalta que a teoria freudiana foi construída em um momento histórico cuja visão de mundo e achados científicos já estão ultrapassados. 5 Reconhecimento da influência de Freud sobre a Logoterapia - 6 Relação pessoal com Freud - 7 Desmascarar os desmascaradores - Frankl defendia que toda psicoterapia tinha por fundamento uma visão de homem e de mundo. O desconhecimento de tais fundamentos poderia levar a consequências antropológicas (ou terapêuticas) atrapalhadas, como tratar de forma desdenhosa ou desconstruir aquilo que é um valor para o outro. 8 O homem não é dominado pelos instintos - Como prisioneiro nos campos de concentração nazistas, Frankl constatou que as dificuldades ali enfrentadas acentuavam as diferenças entre as pessoas. Isso contrapôs a tese de Freud, de que os homens seriam uniformemente dominados pelos instintos caso estivessem em situação de extrema privação. 9 Somente na teoria Freud negava aspectos humanos mais elevados que o instinto - Para Frankl era apenas em nível teórico que Freud apresentava o homem reduzido aos instintos. Em termos práticos Freud dava margem para compreender o humano com um lado independente. 10 Além do inconsciente instintivo, o inconsciente espiritual - Frankl toma por empréstimo os achados de Freud sobre o inconsciente e os amplia. 11 O princípio do prazer peca por fundamentar-se no princípio da homeostase - Frankl entendia a ideia motivação em Freud, calcada no princípio do prazer, tinha por base a ultrapassada tese da homeostase. 12 Discorda de Freud quanto ao caráter fundamental da religião - Para Frankl, o fenômeno religioso era genuinamente humano e extremamente ligado à pergunta pelo sentido da vida. Assim, discordava de Freud que a encarava como um adoecimento coletivo. 13 Religiosidade inconsciente - Freud constatou que em nível inconsciente os homens eram mais morais do que pensavam. Frankl constatou que também eram mais religiosos do que estavam dispostos a admitir. 14 Sobre o amor como meta do desenvolvimento sexual e a autotranscendência como meta das aspirações humanas - Frankl concordava com as constatações de Freud sobre as fases do desenvolvimento da sexualidade, mas discordava quanto à meta final. Para Frankl o ápice era o encontro com o outro. 15 Citações em passant - 16 Frankl expõe o seu entendimento sobre a Psicanálise - Em dois livros Frankl resume sua compreensão sobre a psicanálise, Freud antes de tecer qualquer comentário. Considerações Finais: Frankl deixa a impressão de que Freud era um gênio, embora, na construção de sua teoria, não tivesse conseguido se esquivar do pensamento do homem de sua época. Ele expôs que boa parte de sua teoria tinha como fundamento a psicanálise. Da mesma sorte, defendia que as psicoterapias que não de vir não poderão prescindir da base psicanalítica. Esta recomendação deve ser observada por aquele que se aproxima da Logoterapia, pois estar disposto a aprender sobre o pensamento freudiano é condição fundamental para aprofundar-se na abordagem de Frankl. Os postulados antropológicos de Freud e Frankl se apresentam como complementares. Um olhar crítico pode apontar que tal complementaridade deve estar relacionada com a tradição judaica que ambos herdaram. Convém ressaltar que este não é um estudo conclusivo. Afinal de contas foram utilizadas apenas as obras publicadas no Brasil, a saber, 14 dos 39 livros de Frankl. Sugere-se que esta pesquisa seja expandida com a inclusão de livros que ainda não foram publicados no Brasil. Outro ponto crítico, que aqui não foi

analisado e que convém verificar, é se a interpretação que Frankl fez da teoria psicanalítica condiz com aquilo que realmente Freud escreveu em seus livros.

REFERÊNCIAS

Frankl, V. E. (2015). *O sofrimento de uma vida sem sentido*. São Paulo: É Realizações.

Frankl, V. E. & Lapide, P. (2013). *A busca de Deus e o questionamento sobre o sentido*. Petrópolis: Vozes.

Veras, A. S., Santos, E. F. & Rocha, N. M. D. (2014). Sobre a genealogia intelectual de Viktor Emil Frankl. *Revista Logos & Existência*, 3(2), pp.95-105.

O INCONSCIENTE NOÉTICO E O SENTIDO EXISTENCIAL

ÁREA TEMÁTICA: FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS E ANTROPOLÓGICOS DA LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

Rivalx Soares Braga (rivalxsoares@hotmail.com)

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Francisca Pereira da Cruz Zubicueta (franciscapcruz@hotmail.com)

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Resumo. A presença central do inconsciente noético no ser humano constitui o grande diferencial na teoria de Frankl sobre sua visão da pessoa. Ele é o que torna a existência verdadeiramente autêntica. Para Frankl, o noético é o que marca o mais especificamente humano. Seu conteúdo é de ordem inconsciente, mas pode apresentar também conteúdos conscientes. À luz do pensamento freudiano, o inconsciente contém apenas elementos instintivos (Frankl, 2010, p. 19). Para Freud, o homem é determinado por forças psíquicas irracionais, impulsivas. Em sua teoria, a visão do inconsciente é, unicamente, impulso (Freud citado em Xausa, 2003, p. 48). Visto desta forma, a integridade da pessoa é destruída e, assim sendo, ocorre uma despersonalização do ser humano. Todavia, em contrapartida, a psicanálise personifica aspectos individuais dentro da totalidade da psique e que, segundo Frankl, “esses aspectos, muitas vezes, estão em conflito uns com os outros” (Frankl, 2010, p. 15). Dessa forma, a psicanálise destrói a pessoa como um todo unificado para depois reconstruí-la a partir desses fragmentos (Idem). A psicanálise, portanto, em seu nível teórico máximo, permanece no âmbito da facticidade psicofísica. Em sua visão, os fenômenos psíquicos e sua inter-relação com o corpo, nunca ultrapassa o âmbito psicológico. Neste nível, assevera Frankl, o inconsciente não é completamente passível de esclarecimento (Frankl citado em Peter, 1999, p. 51). Diante disso, o autor, amplia o entendimento do inconsciente, afirmando que este não é composto unicamente de elementos instintivos, mas também espirituais (Frankl, 2010, p. 19). O ser humano, tendo constitutivamente a presença da dimensão noológica, é capaz de autodeterminar-se frente aos seus inelimináveis condicionamentos biológicos, psicológicos ou sociológicos; ou seja, a referida dimensão possibilita à pessoa, diante de sua inescapável condição de liberdade, a capacidade de posicionar-se, de tomar decisão. Neste propósito, o ser humano, em determinado momento da vida, pode vislumbrar e atualizar as possibilidades que se lhe

apresentam. Uma vez que a essência da existência se dá na dimensão do noético, percebe-se sua estreita relação com os sentidos e os valores, visto que estes também somente se evidenciam no noético. É nesta dimensão, portanto, que a pessoa pode autotranscender-se e ir em direção ao sentido de sua vida, realizando valores. Isto acontece porque, para Frankl, o ser humano nunca “é” (essência); ao contrário, ele é um dever-ser (existência). Esta discrepância e distância entre essência e existência são inerentes à vida da pessoa. Diminuir, portanto, essa discrepância e encurtar essa distância, ou seja, aproximar a existência da essência é o sentido do existir humano (Frankl, 1978, p. 232). O inconsciente sofre, portanto, uma reabilitação no pensamento frankliano, de tal forma que não é mais possível um retorno à psicologia pré-freudiana. Frankl, não elimina a dimensão impulsiva condecorada por Freud, no entanto, reconhece não apenas o inconsciente impulsivo, mas também o noético. Este trabalho apresenta a diferença existente entre o inconsciente noético segundo a teoria de Viktor Frankl do inconsciente instintivo na visão psicanalítica. Apresenta, também, o inconsciente noético como especificidade, constitutividade e centralidade do ser humano, bem como mostra sua estreita relação com o sentido e a existência. O caráter explicativo é o que marca o presente trabalho em que uma pesquisa bibliográfica é o seu objeto de estudo. Esta busca um embasamento e aprofundamento na temática. A utilidade da classificação da pesquisa em explicativa é de suma importância para o estabelecimento da sua demarcação teórica, com vista a uma aproximação conceitual enquanto possibilidade. Neste sentido, a preocupação primeira de uma pesquisa explicativa é, segundo Gil (2002, p.42), “identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos, aprofundando o conhecimento da realidade ao explicar a razão, o porquê das coisas”. Isto posto, fez-se uso da pesquisa bibliográfica para o levantamento de dados, tendo em vista os devidos fins da presente pesquisa. Diante do exposto, a utilização de referências bibliográficas para a elaboração do presente trabalho cercou-se de escritos de Sigmund Freud e de Viktor Emil Frankl, bem como de autores que contribuíram e contribuem para o conhecimento da logoterapia. Foi utilizado como instrumento, a catalogação de fontes que abordaram os seguintes assuntos: inconsciente, espírito, análise existencial, valores e sentido. A partir da exposição, é possível problematizar ações do ser humano e saber se tais pertencem à ordem do psicofísico ou do noético, bem como oportunizar uma discussão sobre os modos de relação do inconsciente noético com o sentido e a existência humana.

REFERÊNCIAS

- Frankl, V. E. (2010). *A presença ignorada de Deus*. Traduzido por Walter O. Schlupp e Helga H. Reinhold. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes.
- Frankl, V. E. (1978). *Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia*. Tradução de Renato Bittencourt. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Peter, R. (1999). *Viktor Frankl: a antropologia como terapia*. Trad. Thereza Christina Stummer. São Paulo: Paulus.

A TRÍADE VALORATIVA E O SENTIDO NA VIDA: DELINEAMENTOS TEÓRICOS A PARTIR DO FILME “MEU PÉ ESQUERDO”

ÁREA TEMÁTICA: FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS E ANTROPOLÓGICOS DA LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

Emillyn Guimarães Cavalcanti (emillyn.cg@hotmail.com)

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

Talita Renaly Linhares Cavalcante (talita.arenajov@gmail.com)

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

Resumo. A busca do sentido assim como afirmam Santos et al. (2013), surge do contexto da história do homem, da capacidade de ir além de si mesmo, caracterizado como transcendência da existência como na criação de obras, na relação com outrem, e diante ao posicionamento frente a situações psicofísicos e/ou sociais do homem. Segundo Frankl, a logoterapia compreende que “os valores de atitude constituem os mais altos valores possíveis. O sentido do sofrimento – do inevitável e inescapável sofrimento em si, obviamente – constitui o mais profundo sentido possível” (Frankl, 2011, p. 97). O filme “Meu Pé Esquerdo”, conta a história real de Christy Brown, filho de uma humilde família irlandesa, que nasceu com uma paralisia cerebral que lhe tirou todos os movimentos do corpo, com a exceção do pé esquerdo, com o controle deste único membro ele tornou-se escritor e pintor. Buscou-se na história de Christy respaldo para se fazer uma reflexão exemplificada da tríade de valores colocados pela Logoterapia: criadores, vivenciais e atitudinais, através do contexto do filme que deixa claro como a vida desse jovem resiliente é formada por muita superação e sentido. Os métodos utilizados foram pesquisa teórica, análise e interpretação numa perspectiva fenomenológica existencial com base logoterápica e o filme, do qual foram retiradas cenas da história utilizadas para exemplificando e tornar mais claro o assunto exposto. O trabalho apresenta como ponto principal as considerações acerca da importância de encontro de sentido do sofrimento e como as categorias de valores são essenciais para uma busca e encontro de sentido nas situações. Lukas apud Aquino (2013) a teoria de Frankl está ancorada em três concepções básicas: a liberdade da vontade, que constitui uma visão antropológica; a vontade de sentido, a qual se refere a motivação primária da pessoa humana e é passível de uma constatação empírica; e o sentido da vida, que se constitui como visão de mundo da logoterapia. O que nos deparamos nesse filme é exatamente isso, a liberdade de querer de tomada de decisões e ir em frente, e sua vontade de sentido, de viver além de sua limitação, é perceptível um encontro de sentido no sofrimento, Frankl (2003, p. 151) afirma que “o homem realiza, criando, os valores criadores; experimentando vivências, os valores vivenciais; e, sofrendo, os valores de atitude”. Fica claro um encontro de sentido ininterrupto no sofrimento e que levou Christy com a ajuda de seu irmão mais novo, a escrever um livro contando sua história de vida, o qual lhe rendeu algum dinheiro, de forte ajuda para a família, após a morte do Senhor Brown, seu pai. Sempre perceptível que ele nunca deixou sua família de lado, sempre disposto a ajudá-los e se fazendo presente nos momentos difíceis. De acordo com Xausa (2011), há três caminhos fundamentais para o encontro de sentido: quando o sujeito experimenta que é capaz de dar algo ao mundo, realiza valores de criação; quando

descobre que além de dar pode receber algo, vive valores de experiência; e por fim quando é forçado pelas circunstâncias a limitações de ordem biológica, sociológica ou psicológica e está impossibilitado de realizar os valores acima, resta-lhe assumir uma atitude frente a situação, neste caso tem-se os valores de atitude. Fazendo uma análise geral dessas três categorias de valores associando ao filme “Meu pé esquerdo”, o trabalho de realização profissional, com as pinturas e o livro que ele escreveu, mostrando sua capacidade de dar algo ao mundo. Os valores de experiência são expressos na gratuidade de receber, o amor de sua mãe que sempre fez de tudo por sua felicidade, um outro exemplo do filme é representado na palestra como retorno de seu livro. E o mais importante e mais expressivo no filme, o valor atitudinal, demonstrando a condição humana frente as situações limite. Onde Christy apesar de sua limitação biológica, consegue se autotranscender, pois se ele estivesse apenas ligado a si mesmo e suas capacidades, talvez não tivesse conseguido superar sua limitação, o que o possibilitou tomar uma atitude e encontrar sentido na vida. Para a logoterapia o sentido da vida há de ser descoberto e nunca inventado, precisamos ser dignos da felicidade e não persegui-lá. E Christy é a prova dessa afirmativa, pois ele foi passando pela vida superando sua limitação, e descobriu sentido em sua jornada. A logoterapia vai falar também em categorias de valores que estão diretamente relacionadas com o seu sentido da vida: criadores, vivenciais e de atitude; todos perceptíveis na história do jovem rapaz. Essa história real, nos leva a entender que somos capazes de ir além apesar dos pesares que a vida possa nos proporcionar, que o nosso noético não adoce e que é ele que devemos buscar sempre quando nos encontramos em situações difíceis que parecem não ter saída, e que antes de mais nada somos nós que temos o poder de decidir de ir além e de dizer sim a vida a cima de qualquer coisa. A história de Christy é um convite à reflexão e conscientização, pois nos ajuda a compreender as dificuldades e as necessidades de quem tem algum tipo de deficiência, nos convidando ao respeito e alteridade. E nos mostrando o quão importante é, tomar uma atitude frente as dificuldades da vida, provando que o homem é capaz de reagir mesmo diante das situações adversas.

REFERÊNCIAS

- Aquino, T. A. A. et al. (2013). *Logoterapia e Análise Existencial: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl*. São Paulo: Paulus.
- Frankl, V. E. (2011). *A Vontade de Sentido: Fundamentos e Aplicações da Logoterapia*. São Paulo: Paulus.
- Frankl, V. E. (2003). *Psicoterapia E Sentido Da Vida: Fundamentos De Logoterapia e Análise Existencial*. São Paulo: Quadrante.
- Santos, G; Barbosa, G; Aquino, T; et al. (2013). *Logoterapia na Prática: Intervenções clínicas sob a perspectiva da análise existencial de Viktor Emil Frankl*. Campina Grande: Eduepb.
- Xausa, I. A. M. (2011). *A Psicologia do sentido da vida*. Campinas: Vide editorial.

O SENTIDO DO AMOR, DO SOFRIMENTO E DA MORTE À LUZ DO FILME UP - ALTAS AVENTURAS

ÁREA TEMÁTICA: FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS E ANTROPOLÓGICOS DA LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

Talita Renaly Linhares Cavalcante (talita.arenajov@gmail.com)

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

Emillyn Guimarães Cavalcanti (emillyn.cg@hotmail.com)

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

Resumo. É de extrema importância para qualquer estudioso conseguir aplicar aquilo que a teoria propõe, assim, este trabalho tem o objetivo de analisar o filme UP - Altas Aventuras, a partir da Logoterapia, entendendo a análise filmica como um recurso metodológico que permite e facilita a discussão de alguns assuntos, sendo importante, pois esclarece os conceitos relacionados e oferece ao leitor uma visão diferenciada. O filme UP - Altas Aventuras é uma animação e narra a história de Carl e Ellie, um casal que se conheceram na infância, casaram-se e viveram muitos anos juntos, até que Ellie morre e Carl precisa conviver com essa dor. Apesar de muito difícil, Carl é surpreendido pelo aparecimento de Russel, um jovem escoteiro que deseja ajudá-lo para conseguir um distintivo; juntos eles embarcam em uma aventura cheia de fantasias em direção ao Paraíso das Cachoeiras. Apesar de ser possível observar diversos aspectos da teoria de Frankl em todo o filme, neste trabalho focaremos em alguns conceitos como: o sentido do amor, do sofrimento, da morte e a tríade valorativa relacionada a estes, isto é, valores experienciais, criativos e atitudinais. É notório o amor entre Carl e Ellie, e segundo Frankl (1989) no amor genuíno, a pessoa espiritual que o homem ama é insubstituível, pois tem em seu caráter algo único e irrepetível. Carl enxergava Ellie assim, e durante toda a história faz referência a ela, principalmente na sua relação com a casa que construíram juntos, chegando a falar com a casa como se fosse Elie. Pode-se observar também que ele continuou usando sua aliança de casado, mostrando o quanto ainda estava comprometido com ela e afirmando aquilo que Frankl escreveu sobre o amor, que este, pode sobreviver à morte do amado, sendo esta a única maneira de se entender o amor mais forte do que a morte, sabendo que a morte realmente desfaz a existência do amado, mas que o seu ser-assim a morte não pode arrebatá-lo. Apesar de entender que esse amor sobrevive a morte, existe, um grande sofrimento pela perda da existência do outro. Frankl (2013) ensina que é possível encontrar um sentido para o sofrimento, não dizendo que o sofrimento é necessário para se obter sentido, mas que no momento em que o sofrimento é inevitável, diante de uma situação que não pode ser mudada, o ser humano é desafiado a mudar a si mesmo. Ele afirma também que o sofrimento de certo modo deixa de ser sofrimento no instante em que encontra um sentido, como o sentido de um sacrifício. Um momento em que fica explícito essa atitude de Carl foi quando ele leu um recado que Ellie deixou no fim de um livro de aventuras que ela estava construindo, agradecendo pela aventura que viveram juntos e mandando ele partir para a próxima, diante disso, ele se abriu para as possibilidades, começou a tirar tudo de dentro da casa, que estava suspensa por balões, para que ela pudesse voar novamente, o que também pode ser visto como um momento em que ele realmente estava se desapegando e sacrificando aquilo que ele amava por uma causa maior, cuidar de Russel e ajudá-lo a salvar a vida de uma ave que estava em perigo. Diante do sofrimento, é importante que o

sujeito tome uma atitude, sendo possível observar em algumas cenas Carl saindo de sua posição fatalista e se posicionando de uma maneira diferente, um exemplo foi quando ele se viu prestes a perder aquilo que, para ele, o aproximava de Ellie, a casa, decidindo levá-la suspensa nos balões. No final do filme, Carl conseguiu ver que sua relação com Ellie não estava na casa, mas dentro dele, mostrando inclusive um livro igual ao que Ellie tinha, entretanto escrito: “Meu livro de aventuras novo”, com muitas fotos das aventuras de Carl com Russel. Isso não significa que Carl a esqueceu, ou deixou de amá-la, apenas que ele se posicionou de uma maneira diferente na situação. A cerca da morte, Frankl (1989) mostra a importância da finitude, sendo a ideia de finitude algo que dá sentido a existência humana e não que tira esse sentido, ficando claro que essa finitude é o que nos faz desejar viver os momentos que julgamos ser irrepetíveis, assim, se fossemos infinitos, não daríamos tanta importância a eles e procrastinaríamos sempre nossas ações. Diante da morte de Ellie e após seu recado, Carl foi confrontado com essa ideia de ser finito e entendeu que para viver aquilo que Ellie havia desejado para ele era necessário o sacrifício de livrar-se da casa. A logoterapia trabalha com o conceito de valores, sendo estes considerados aquilo que o sujeito estima e que o direciona a descobrir o sentido de sua vida. Guilherme (2007) explicita as três categorias de valores trabalhadas por Frankl: valores criativos, que está relacionado ao deixar algo para o mundo; os valores experienciais, encontrado nas relações com pessoas, natureza, etc; e os valores atitudinais, que é vivido em situações que não podem ser alteradas e que o sujeito precisa encarar a realidade. Carl expressou essa tríade valorativa, sendo os valores criativos quando levou a casa voando em balões para o Paraíso das Cachoeiras; os experienciais na sua relação de amor com Ellie, mas também na sua relação com Russel, que o ajudou a projetar-se no mundo; e os atitudinais, para que pudesse encarar a morte da sua amada. Diante desta análise tem-se a oportunidade de verificar o quanto os conceitos logoterápicos estão presentes no dia a dia e muitas vezes passam despercebidos, dá-se, também, a oportunidade de repensar sobre a posição que se tem tomado diante das situações da vida, sejam elas carregadas de amor, de sofrimento ou de dor. Assim, é necessário entender a importância de encontrar um sentido em cada uma das situações, tendo ciência que os momentos difíceis fazem parte da vida e que todos tem a capacidade de se reestruturar, por mais dolorosa que seja a situação vivida, pois cada possui a sua essência espiritual e esta, não adoece.

REFERÊNCIAS

Frankl, V. E. (1989). *Psicoterapia e sentido da vida*. São Paulo: Quadrante.

Frankl, V. E. (2013). *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes.

Guilherme, P. H. (2007). *Viktor Frankl, comunicación y resistència*. Buenos Aires: San Pablo.

A QUESTÃO DA FINITUDE E O SENTIDO DA VIDA: UM ENSAIO SOBRE AS IMPLICAÇÕES DA MORTE E DO MORRER NA LOGOTERAPIA

ÁREA TEMÁTICA: FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS E ANTROPOLÓGICOS DA LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

Valdir Barbosa Lima Neto (valdir@institutosherpa.com.br)

Universidade Estadual do Ceará

Jurema Barros Dantas (juremadantas@ig.com.br)

Universidade Federal do Ceará

Resumo. Ao longo de toda a formação ideológica da civilização ocidental contemporânea, as questões envolvendo a morte e o morrer sempre foram processos velados, temidos e, muitas vezes, evitados. Entretanto, com o significativo “progresso” promovido pelo conhecimento técnico-científico desde a modernidade, o saber científico edificou-se como o então mais influente produtor de conhecimentos e de verdades, possibilitando ao homem a crença em um certo domínio sobre a natureza, dando a ele as pretensas ilusões de poder tornar o mundo objeto passível de ser analisado e manipulado (Aries, 2003). Assim, pareceu ser possível proteger e manter a vida do ser humano com o conhecimento científico, cada vez mais aprimorado por meio de máquinas e variadas substâncias que conseguiam conter ou manipular as alterações das funções orgânicas. A morte, esse “nada” essencialmente invisível, indomável e estranho, sobre o qual não se pode ter conhecimento algum, passou a ser, ilusoriamente e pretensamente combatido e, porque não dizer, negado. Heidegger (2009), importante filósofo do século XX, afirmará que todo este suposto progresso se deu apenas na esfera ôntica, portanto na dimensão dos entes. A existência, por essa ótica, foi tomada como coisa e o ser humano foi “coisificado”. Sua filosofia foi responsável por apresentar uma compreensão a respeito da ontologia humana, compreendendo a temporalidade e finitude como condições existenciais, ou melhor, condições de possibilidade que apresenta esse ente que nós mesmos somos como privilegiados, capazes de desvelar sentidos, de sermos um aberto ao mundo enquanto realização e singularização. Para Martin Heidegger, compreender a finitude é abordar o próprio significado do Ser, especificamente do ser do homem que se constitui como livre e mortal. Grande influente no desenvolvimento teórico do trabalho de Viktor Frankl (2008), psiquiatra criador da Logoterapia e Análise Existencial, o pensamento heideggeriano é reconhecidamente um dos pilares da epistemologia logoterapêutica, por implicações diretas na perspectiva antropológica e ontológica da proposta da terapêutica do sentido. Esse estudo pretende elucidar um possível diálogo entre a logoterapia e a questão da finitude em Martin Heidegger. A Logoterapia é a abordagem psicológica que passou a compreender o sentido como o motor existencial da vida humana. Seu surgimento veio em resposta ao crescimento acentuado do que Frankl (2011) vai entender como um dos principais males do século XX, o vácuo existencial: a ausência de significado, de preenchimento e de motivação para viver. O pensamento frankliano afirma que o homem é um ser sedento por sentido, e todas as suas ações são guiadas pela vontade intensa por descobrir significados em sua existência. A abordagem proposta por Frankl (2011) direcionará seus ações para uma ótica existencial, trabalhando os sentidos vividos pelas pessoas

e a possibilidade de viver sempre novos sentidos, uma terapêutica voltada para o Logos, que para a logoterapia, tanto significa sentido quanto indica o elemento espiritual no homem. Nessa empreitada, a filosofia existencial e a fenomenologia serão as principais bases da terapêutica do sentido, e a Ontologia Fundamental de Heidegger irá se constituir com um dos principais fundamentos da Logoterapia. Dasein (palavra alemã comumente traduzida como ser-ai ou presença) foi o termo que Heidegger cunhou para significar o modo propriamente humano, aberto ao sentido do Ser, afirmando que Dasein dispõe da capacidade de se autocompreender na experiência vivida. O ser-ai é um ser prático, é ação em movimento, aquele que nunca está completamente terminado nem instalado, mas que ek-sistere (lança-se, destaca-se), portanto, que precisa acontecer para ser (Stein, 2009). Este ser existencial é marcado pelo sentido de sua temporalidade, um ser finito que se desvela e realiza-se no tempo, no acontecer do momento, no desdobramento da possibilidade que ocorre no “aqui e agora”. É nessa lógica que a obra de Heidegger (2009) vai se propor a enfocar o sentido do Ser no tempo. Sua tese afirma que é na vivência de nossa temporalidade, enquanto um fluxo que se finda, onde nos orientamos e movimentamos em nosso mundo. Portanto, é no viver nossa finitude, que nossa existência configura um sentido. A Ontologia Fundamental de Heidegger atentar-se-á para a validade e a possibilidade do sentido na existência humana (Frankl, 2011). Aproximando-se do pensamento heideggeriano, Frankl (2005), nos convida a imaginar como seria se fossemos todos imortais. E como seria se, num passe de mágica, a existência e a vida perdessem todo o seu caráter de urgência, de algo a ser realizado, de motivação e movimento, uma vez que tudo poderia ficar pra depois e a temporalidade perderia sua lógica de finitude. É nesse exemplo que Frankl se apoia no pensamento de Heidegger, sustentando a validade do sentido da vida, explicitando a relação ontológica que existe entre temporalidade, finitude e sentido. É assim, portanto, que a logoterapia entende que uma vida com sentido só é possível porque se finda (Frankl, 2005). Desse modo, tematizar a existência em logoterapia implica diretamente abordar os aspectos da finitude e as características de um ser-para-morte. A cada instante de uma vida, experimenta-se o fim das possibilidades desdobradas, a cada escolha feita, vislumbra-se a perda de outras opções de ação não escolhidas. Assim, evidencia-se o sofrimento que se desvela em nossa vida cotidiana, em nossas perdas concretas do dia a dia, de um ente querido ou de uma oportunidade de emprego, até perdas simbólicas, como a perda de um filho ou de um pai idealizado. A questão do sentido persiste em cada tema existencial, e viver nossa finitude é o modo genuíno de experimentamos uma existência plena de sentido. Uma logoterapêutica, portanto, compreende o lidar com a morte e com o morrer como o lugar de desdobramento de sentido e possível singularização e, portanto, cotidianamente, buscar o sentido na vida, exige sempre uma resposta para o que fazer com nossa finitude.

REFERÊNCIAS

- Frankl, V. (2005). *Um Sentido para a Vida: Psicoterapia e Humanismo*. São Paulo: Ideias & Letras.
- Frankl, V. (2011). *A Vontade de Sentido: Fundamentos e Aplicações da Logoterapia*. São Paulo: Paulus.
- Heidegger, M. (2009). *Ser e Tempo*, Petrópolis: Vozes.

ANTES DE PARTIR: UMA ANÁLISE SOBRE O SENTIDO DA VIDA

ÁREA TEMÁTICA: EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA

Tatiana Comiotto (comiotto.tatiana@gmail.com)

Vínculo institucional não informado

Laura Comiotto Menestrina (laura.lcm@hotmail.com)

Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE

Resumo. 1. Introdução: O sentido de vida (SV), enquanto construto psicológico foi inicialmente teorizado e divulgado pela Logoterapia (Frankl, 2004). Neste resumo expandido, abordar-se-á o que motivou esta intervenção, objetivos, metodologia, resultados e pontos críticos da discussão. 2. Objetivos e Metodologia: O “Sentido de Vida” remete à coesão na existência, atrelada à busca de objetivos significativos quanto à realização existencial (Steger, 2009). A busca desse sentido é algo primordial em qualquer atividade humana. Assim, procurou-se desenvolver um trabalho, junto aos licenciandos dos cursos Química, Física e Matemática do Centro de Ciências Tecnológicas da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, que pudesse fazê-los refletir sobre esta temática e mobilizá-los sobre o assunto a fim de que pudessem correlacionar o sentido da vida com as características da idade adulta e, desta forma, ponderassem sobre a conexão existencial (Frankl, 2004). Este trabalho destina-se àqueles que se aprofundam quanto às temáticas humanas dirigidas ao acolhimento das demandas sociais, tendo como objetivo contribuir para o aprimoramento de licenciandos, além de analisar suas concepções sobre o SV. A pesquisa é qualitativa, conectando a indissociável relação entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. A amostra foi intencional, pois foram escolhidos os acadêmicos que cursavam a disciplina de Psicologia da Educação I e que estavam na segunda fase dos seus respectivos cursos de Licenciatura, totalizando 40 estudantes. 3. Atividades propostas: Após uma discussão do conteúdo “Idade Adulta”, que faz parte da ementa de Psicologia da Educação I, os acadêmicos assistiram ao filme Antes de Partir (2008), estrelado por Nicholson e Freeman, que conta a história de dois pacientes terminais (Carter e Edward) que escrevem a “lista da bota” com os desejos que gostariam realizar antes de morrer. Posteriormente, os acadêmicos escreveram dez coisas que gostariam de fazer “antes de partir” e, depois, responderam algumas perguntas na forma de “batata quente”. Nessa atividade, os acadêmicos fazem um círculo e devem passar uma caixa que contém várias perguntas sobre o filme para o estudante à sua direita. Enquanto a caixa circula, uma música de fundo é controlada por alguém de olhos vendados (pode ser o professor). A qualquer momento, a música pode parar e quem ficar com a caixa, neste momento, deverá responder a uma das perguntas, podendo ser ajudado pelos colegas. Entre as questões que promoveram grande debate estavam: “Qual o sentido para a vida?”, “Você gostaria de saber quanto tempo tem de vida? Por quê?” e “O que mais chamou atenção no filme?”. Após, os estudantes escreveram um texto sobre a experiência vivenciada com ambas as atividades. 4. Análise dos resultados: Na análise dos dados, optou-se por categorizar as respostas em “Sentido para a vida”; “Tempo de vida”; e “O que mais chamou atenção no filme”, todas apoiadas no referencial teórico. Neste trabalho, está descrita apenas a categoria “sentido para a vida”, que obteve maior relevância. Como resultado percebeu-se que os estudantes de Licenciatura em Física,

Química e Matemática acreditam que o sentido está em perseguir os sonhos, e, no caminho até eles, adquirir experiências e aprendizados que transformem as pessoas. Porém, a vida não deve ser a busca obcecada por objetivos, pois se corre o risco de não valorizar as coisas simples. Corroborando com esse ponto, uma estudante menciona que: “O sentido da minha vida está para meu desejo de conhecer e entender o Universo, motivo pelo qual escolhi a Física como meio de estudo e trabalho”. A aprendizagem pode ser brevemente definida como a forma em que os seres se apropriam de novos conhecimentos, ampliam competências e transformam o mundo. Em razão de sua complexidade, dificilmente pode ser explicada por meio de partes de um todo, pois ocorre quando o ser se identifica como agente integrante e transformador de seu contexto, construindo saberes. Neste sentido, Frankl (2013, p. 88) menciona que “de uma forma ou de outra, mais do que nunca a educação é educação para a responsabilidade”. Nesta mesma linha, um aluno de química menciona que “Como estamos sempre evoluindo, um dos sentidos de vida é o aprendizado, pois acho fundamental estar sempre aprendendo, estudando, fazendo cursos, com vivências práticas, adquirindo experiências culturais diferentes”. Uma aluna da matemática, ao referir-se ao que seria o SV menciona: “Acredito ser sinônimos viver, sonhar, criar e aprender”, o que se mistura ao que diz outra aluna de física: “quando este mundo acabar para mim, só levarei o que vivi (as emoções que senti e as coisas que fiz)”. Neste sentido, Frankl (2004, p. 11) menciona que: Não é verdade que o homem, propriamente e originalmente, aspira a ser feliz? Não foi o próprio Kant quem reconheceu tal fato, apenas acrescentando que o homem deve desejar ser digno da felicidade? Diria eu que o homem realmente quer, em derradeira instância, não é a felicidade em si mesma, mas, antes, um motivo para ser feliz. Apesar de valorizar a espiritualidade, outro estudante cometa que as crenças não devem interferir no senso de utilidade e nos direitos e deveres. Para Frankl (2013), a espiritualidade caracteriza-se como uma dimensão notavelmente humana e existencial, aberta e transcendente, que se estabelece de maneira consciente e responsável. Considerações finais: Como se pode observar, o SV para os alunos dos cursos de Licenciatura em Química, Física e Matemática relaciona-se ao aprendizado, à busca de sonhos, às experiências, à espiritualidade e aos sentimentos. Embora a pesquisa seja mais ampla, aqui foi realizado apenas um indicativo de suas falas.

REFERÊNCIAS

Antes de Partir. Direção e Produção DE Rob Reiner. Nova York: Peter Joseph, 2007. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-114522/>. Acessado em 04 Jul. 2016.

Frankl, V. E. (2004). *Em busca de sentido*. Um psicólogo no campo de concentração. Petrópolis: Vozes.

Frankl, V. E. (2013). *A presença ignorada de Deus*. Traduzido por Walter O. Schlupp e Helga H.Reinhold. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes.

Steger, M. F. (2009). Meaning in life. Em Snyder, C. R. & Lopez, S. J. (Eds.), *Oxford handbook of positive psychology*, pp. 679-689. Oxford: Oxford University Press.